
A VIDA DE SANTA ROSA DE LIMA
JOÃO BATISTA FEUILLET

A VIDA DE SANTA ROSA DE LIMA

Belíssima flor do deserto selvagem,

Cujas folhas a doçura da graça exala,

Nós te saudamos, santa filha de Lima--

Rosa da América--Salve!



EDITADO POR

REV. F. W. FABER, D.D.

P. J. KENEDY & SONS

44 BARCLAY STREET, NOVA YORK

“A história da virgem americana Santa Rosa de Lima é cheia de interesse e edificação não apenas para os católicos da Igreja da América, entre os quais ela sempre será um de seus mais brilhantes ornamentos, mas também para todo aquele que desejar saber algo do poder do Espírito Santo em uma alma fiel às suas inspirações divinas.”

✠JOÃO N. NEUMANN,

Bispo da Filadélfia.

NOTA PARA A EDIÇÃO AMERICANA

Não há palavras que possam expressar as emoções que essa história da Virgem, Santa Rosa De Lima, despertará nos corações verdadeiramente cristãos que amam a Jesus Cristo, sua santa Igreja e sua pátria. Quão maravilhoso é Deus em seus santos! Será a exclamação praticamente a cada página. E juntamente com a nossa admiração pelas graças e glórias concedidas a esses favoritos do Altíssimo, florescerá a oração pelo aumento da fé, o aumento do amor, misturada talvez, a amargas lágrimas, ao compreendermos que pelos nossos pecados, deveríamos estar para sempre separados de sua santa companhia. Depois da própria Palavra de Deus nas Sagradas Escrituras nada toca mais o coração, ilumina a alma e eleva até o mais preguiçoso a um senso de reflexão quanto a tudo o que devemos ao nosso Redentor e do que nunca poderemos pagar, quanto a leitura da vida dos santos, a contemplação das virtudes, dos sofrimentos e dos triunfos de semelhante filha da Igreja como nos é aqui apresentada. E Santa Rosa é apenas uma partícula da inumerável hoste de testemunhas que, seja vivendo na terra ou reinando no Paraíso, testificam a verdade, a santidade e a divindade da fé que professamos.

Todos os dias nós repetimos__ “Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos”, mas qual de nós consegue perceber os tesouros infinitos de alegria, esperança e encorajamento; os diversos motivos para se confiar em Deus e em seus servos glorificados, em toda provação. Os ilimitados meios de salvação que o Espírito Santo nos tem providenciado na comunhão dos santos na Igreja Católica. Não temos razão para recear a miríade entre nós dos que vivem e morrem sem formar sequer uma vaga ideia da beleza e da excelência da nossa religião? O amor ao mundo e às coisas que estão no mundo, não nos permitem elevar nossos pensamentos para onde os santos estão reinando com Deus em alegria¬¬__ Nossos irmãos! Nossas Irmãs! Eles que, enquanto estiveram no mundo, se ajoelharam diante do mesmo altar, ouviram a mesma missa, receberam os mesmos sacramentos, veneraram a mesma Virgem Mãe, recitaram as mesmas contas em sua honra e na de seu amado filho, praticaram as mesmas devoções e em toda nação sob o céu, repetiram como todos nós o

fazemos hoje, “Creio na Santa Igreja Católica.” Ó! Que todos nós creiamos; pois crendo nos regozijaremos com alegria inexprimível; adoraremos em espírito e verdade, e assim nos disporemos a receber o fim da nossa fé e até mesmo a salvação das nossas almas.

Aqui não é lugar para se entrar em nenhuma questão controversa a respeito da homenagem que sempre foi e sempre será oferecida pela Igreja de Deus aos seus mais leais, e, portanto mais amados filhos, os santos. Obras como essa são, por sua própria natureza, feitas para aqueles de quem São Paulo nos recorda “Não são mais estranhos e forasteiros, mas concidadãos com santos e domésticos de Deus,” são frequentemente escritas com tão pouca consideração pela incredulidade ou indiferença da época, como se uma criatura tal como um herege ou um mal católico fosse dificilmente encontrada sobre a terra.

Triplamente felizes seremos se nós tivermos o senso e a graça não só de aceitarmos, mas também de ler essas obras e meditá-las no mesmo espírito em que elas foram escritas. Elas nos levam às margens de um novo mundo__ eternamente fechados de fato àqueles que se julgam extremamente sábios ou àqueles cristãos de mente carnal que julgam “os santos e servos de Deus,” “mas diariamente aberto com todas as suas graças ao pobre de espírito e ao puro de coração; ao manso e ao misericordioso, àqueles que tem sede de justiça, e sofrem pelas contínuas humilhações da Igreja, a cegueira de seus inimigos, os pecados de seus irmãos, e, acima de tudo, pelos seus próprios pecados. Vários momentos de doce comunhão com os seres hoje glorificados que, enquanto na terra, pertenceram à mesma casa de fé, aqui estão em reserva para aquele católico que, com prudência, se aproximará desse mundo espiritual no qual a “Vida dos Santos” nos insere; e nenhuma, talvez, de maneira mais impressionante que esta verdadeiramente misteriosa “Vida da Virgem Americana, Santa Rosa.” Não prosseguiremos antes de entender mais claramente do que nunca, por que é que o nosso Redentor chama tão frequentemente sua igreja, até mesmo no atual estado de dor e provação, de “O Reino dos Céus.”

Não podemos concluir essa nota sem expressar, em favor dos muitos que nos agradecerão, nossa gratidão aos ilustres conversos da Inglaterra que puseram tais tesouros de conhecimento e piedade ao nosso alcance. E aqui, em especial, àquele servo da Igreja cujo nome, “amado de Deus e dos

homens,” se encontra na página de título dessa obra. Antes do nosso Pai Celestial almejar revelá-los, quantos tesouros iguais a esse, hoje em nossas mãos, já foram como pérolas nas profundezas do mar, oculto, inexistente aos católicos ingleses e americanos.

Com exceção a algumas inevitáveis mudanças no seguinte prefácio anexado ao volume inglês, que continha a vida de duas outras servas de Deus, a saber, a Bem Aventurada Columba de Rieti e Santa Juliana Falconiere. O atual prefácio é uma fiel cópia da edição em inglês.

E.J.S.

PREFÁCIO

A Vida de Santa Rosa é traduzida do francês do Padre João Batista Feuillet, um frei dominicano e missionário apostólico nas Antilhas; a seguinte cópia é a terceira edição, publicada em Paris em 1671, o ano de sua canonização por Clemente X.

Os leitores católicos, não habituados à leitura da vida dos santos, e especialmente do autêntico processo da Congregação dos Ritos Sagrados, podem ficar um pouco assustados com a Vida de Santa Rosa. A visível mistura do mundo natural com o mundo sobrenatural, que parece aumentar à medida que os santos se aproximam, por meio da graça de Deus, de sua primeira inocência, pode até ser ofensiva à pessoas habituadas a se reunir e atacar o "sobrenatural" com o objetivo de evitar objeções e aliviar o peso da controvérsia, ao invés de meditar com temor, gratidão e profundo abatimento as maravilhas de Deus em seus santos, ou ao invés de sondar as profundezas da filosofia cristã e dominar os princípios e as leis universais discerníveis até nas regiões sobrenaturais da hagiologia. O hábito de sempre pensar primeiro como algum dogma, ou prática, ou fato, é mais convenientemente apresentável a um adversário, pode logo, e quase que imperceptivelmente levar a profanação, pela a introdução do espírito do racionalismo nos assuntos de fé; e a julgar pelas obras dos nossos mais ilustres padres, parece que o quanto mais profundo teólogo um homem é, o menos ele se rende a esse aplicado desejo de tornar dificuldades fáceis a qualquer custo, pois assim estaria correndo o risco de negar o que é positivamente de fé. Eles parecem lidar com a verdade religiosamente, do exato jeito que agradou a Deus nos revelá-la, ao invés de ver o que eles mesmo podem fazer dessa verdade ao modelá-la para a controvérsia, e assim por meio de um golpe de habilidosa manipulação transpor à força uma dificuldade. A questão não é: "O que os homens dirão disso"? Como isso vai soar na controvérsia? Isso não será refutado pelos hereges?"", mas sim: "Será que isso é verdade? É esse tipo de coisa aprovada pela igreja? Então que bem eu posso tirar disso para minha alma? Não deveriam as minhas opiniões ser mais profundas? Quanto à decisão de publicar na Inglaterra o que são na verdade obras de piedade em países católicos essa é uma outra questão, a qual somente o resultado irá responder e isso possivelmente, em um futuro não muito distante. Tudo o que se precisa ser

dito aqui é que isso não foi feito às pressas, na cegueira ou imprudentemente, mas depois de uma séria consulta e com alta aprovação.

Se, então alguém não habituado à literatura dos países católicos e com ouvidos inconscientemente desafinados pela diária dissonância de erros e descrença ao seu redor, ficar abismado por esse volume, que ele pause antes de pronunciar julgamento. Pessoas que infelizmente tem mais vocação para defender sua religião do que tempo para estudá-la, pensam obter uma espécie de força simulada, ou que ao menos aprazível e triunfantemente surpreendem um adversário, quando lançam argumentos à sua mercê, como marinheiros atiram carne a tubarões, como se isso fosse necessariamente supersticioso. Mas dessa forma um homem faz um trabalho irreverente com as coisas solenes sem o saber, e aguça ao invés de acalmar o apetite de seu oponente, que então novamente o segue com uma nova e, de fato, no seu caso, irreplicável acusação de inconsistência. Um católico, tente o quanto quiser, não conseguirá apartar a sua religião do sobrenatural; e discernir entre o sobrenatural e o supersticioso é um trabalho longo e duro, um trabalho de estudo e reverente meditação. Ó quão difícil é, se os homens não se ajoelham para meditar, ouvir uma coisa ser negada diariamente em toda parte e ainda assim manter uma fé jubilosa e inabalada em seu interior.

Nesse volume temos a vida de uma santa mulher da América do Sul no século XVII, tirada do autêntico processo; e à medida que as séries continuam, o leitor descobre homens e mulheres de diferentes países e caráteres diferentes, das colinas de Apúlia e Calábria, das planícies da Lombardia e das pedregosas florestas da Umbria; dos conventos espanhóis e dos seminários franceses, das escuras ruas de uma cidade flamenca, das margens de um canal holandês, ou dos bosques de Portugal, das cidades da Alemanha e da Hungria, ou das minas ribeirinhas da América do Sul; papas e simples freiras, bispos e mendigos comuns, o douto cardeal e o leigo capuchinho, o missionário ancião e o garoto no noviciado jesuíta, a princesa romana, e o pobre mártir acamado, antes da Reforma e depois dela – todos nos mostrando a mesma imagem, os mesmos atores sobrenaturais, a mesma familiaridade com os bons e maus espíritos, o mesmo colóquio diário com o mundo invisível, as mesmas anedotas aparentemente grotescas de controle miraculoso sobre a natureza – e as vidas que narram tudo isso traduzidas para quatro ou cinco idiomas diferentes, e compostas

por sérios teólogos e doutores – o erudita Agostiniano, o inteligente Dominicano, o bom Franciscano cheio de simplicidade e unção, o fluente Oratoriano tão eminente em biografia devocional, o profundo, calmo, discernido jesuíta, que mais que todos os outros, aprendeu a exercer a constante precaução da crítica sem ferir sua inclinação espiritual – quando tudo isso se encontra à sua frente, coroado com os solenes e infalíveis decretos de beatificação e canonização, pode até então chegar a se questionar seriamente se ele está ou não em desarmonia com a mente da Igreja, se a sua fé não é tão frágil, e sua desconfiança das maravilhas de Deus, arrogante e atrevida em demasia; se em suma, para o bem de sua própria alma ele não teria o princípio de racionalismo para desaprender, e o tempero da fé, sólido, lógico, masculino, e ainda assim uma fé singela semelhante a de uma criança, para alargar, erguer e aprofundar em si mesmo por meio da contemplação daquilo que agora, em certo grau, é um escândalo para ele – ou seja: O quão maravilhoso é Deus em seus santos.

Para o leitor a opinião teológica dessa importante questão, que se tornou ainda mais importante agora devido a peçonhenta determinação com a qual o inimigo das almas tem recentemente dirigido seus ataques contra a hagiologia católica, aquela porção da grande obra de Bento XIV sobre a canonização dos santos, que trata das virtudes heroicas, êxtases, visões, milagres, e o teste que a Igreja Católica emprega na investigação dessas, bem como os princípios pelos quais suas decisões são guiadas no discernimento dos espíritos e tudo o que é místico e preternatural, foi traduzido do Latim, e está publicado nas séries semelhantes àquela obra. A reputação teológica desse grande papa torna desnecessário falar algo a respeito do valor de uma obra que é tão indispensável a confessores e diretores espirituais quanto é importante àqueles que desejam obter uma percepção clara da filosofia cristã e de suas conexões com a teologia.

É muito consolador agora observar que o grande espírito de descrença tem nos últimos dias concentrado suas forças contra os santos católicos e suas biografias maravilhosas. É como se em meio a escuridão de sua turva inteligência o imperador caído astutamente adivinhou a estrada pela qual o Espírito Santo escolheu para governar a Igreja. A renovada seriedade e atividade que ele viu a sua volta, a crescente glória e o brilho da Santa Igreja, as maravilhosas e quase incomuns emanações de poderes miraculosos, as solenes exibições do misterioso e do sobrenatural nos vales

de Tirol e da Toscânia, bem como em outros lugares, juntamente com o abandono das antigas fortalezas de falsidade, que vão ao chão, templo e torre, quase que diariamente; e a reparação que a erudição de escolares hereges continuamente fazem para honrar a pureza da Igreja, até mesmo durante aquela que é chamada a sua era negra, pode ter gerado nele uma séria suspeita de que as controvérsias já estão ultrapassadas, e seus dias de glória acabados; e de que as acusações, passadas como tradição entre escritores, sendo elas reiteradas por esses de forma a até eles mesmos virem a acreditar nelas, cessaram, sendo essas afinal o propósito para controlar a fé dos outros. Ele viu que a seriedade com a qual os homens passaram a temer por suas almas, se faria necessária para ele mudar seu ponto de ataque e o método de operações: ele, portanto, dirigiu sua fúria contra as virtudes dos santos católicos. Quando por meio de um instinto cego, temendo a verdade na escuridão, fora da comunhão do verdadeiro rebanho, buscou refúgio nas biografias dos saxões e dos normandos, que uma vez foram à glória do nosso país, naquele momento, ainda que com uma doutrina incompatível e imitando a Igreja Católica conseguiu obter apenas uma soma aceitável de queixosa tolerância, uma torrente de fúria profana e ofensas ímpias foram vomitadas sobre a hagiologia; foi como uma erupção; protestantismo, ferroado e lacerado por uma ardente carga que tentava se lançar sobre essa mesma erupção, serpenteando com ferozes e veementes contorções, e disparando fogo e lava, como Encedalus desesperadamente inquieto sob seu incumbente Etna. Desde então, ainda sem alívio do seu medo profético, o Inimigo das almas dirigiu a brilhante, mas superficial e ímpia eloquência de suas opiniões irreligiosas contra os santos canonizados de Deus, embora nem o faiscante sarcasmo, nem as antíteses verbais, nem a arrogante impertinência ajudam a esconder a tolice, a carência de profundidade e a ausência de toda a compreensão dos princípios filosóficos ou o sério aprendizado histórico que essas pobres efusões mostram; nem é ao todo improvável que volumes das presentes séries possam evocar no mesmo espírito desnorteado uma injúria ainda mais amarga. Mas o que então? Não é essa uma consolação para nós em nosso trabalho, poder ver como o Maligno teme isso por meio de sua demonstração de furiosa guerra a essas obras, e aponta a magnificência de sua importância por meio de sua própria raiva contra isso? Agora, como antes, a loucura da cruz, a simplicidade da fé, a calma e confiável dignidade da Igreja, e a firme voz de seu decreto infalível prevalecerá: a barulhenta profanidade espalhará

conhecimento sem transmitir fé; e os humildes e obscuros discípulos de Nosso Senhor não serão furtados de sua consolação por meio de um temor e um desejo ocioso de causar uma provocação sem sentido.

Não podemos, portanto, concluir necessariamente que um escândalo está sendo dado se um clamor é levantado, ou se a verdadeira infidelidade latente do clamor estiver vestida da pompa de palavras sábias ou de uma piedade aterrorizada. A piedade nunca está aterrorizada, mas onde a fé for fraca; e ainda que fosse de fato perverso correr no mínimo o risco de ofender por causa de um mero espírito de iniciativa frívola, seria ainda pior transmitir a nossa herança da verdade, reter agora o que o Maligno está nos mostrando agora, e manter a profanação quieta às custas da honra daquele que opera suas maravilhas, mas também como nosso advogado com sua generosidade e sua piedade, hoje vivendo e agindo em seu trono. Ó em quantos em cuja fé fraca não será fortalecida, e quantos princípios perigosos e doentios não serão abandonados, e de quantas mentes não poderá apartar a simpatia pela heresia! E quantos corações não serão movidos às coisas elevadas, a objetivos mais elevados, à vocações mais celestiais, por meio dessa exibição dos santos de Deus! Quantos por aí há que por meio dessas mesmas vidas já foram ganhos de suas tristes perambulação para o rebanho do seu pastor! E quantos dos que ainda estão por vir Deus pode ter predestinado a vir até a mesma doce estrada sob a mesma gentil compulsão! O espírito de descrença está sendo sufocado pelo poder e a simplicidade dos santos de Deus nos corações e nas consciências em toda parte. Certamente se tivermos fé em nossos exorcismos, não devemos nos alarmar se eles olharem, gritarem e ameaçarem horrivelmente, lembrando que quando o rei dos santos ordenou ao espirito das trevas para sair do menino indefeso, ele saiu gritando e lacrimejando, e o garoto ficou como um morto;" e está escrito que à vista de Jesus," quando ele o viu, imediatamente o espírito o perturbou, e sendo atirado no chão, rolou pelo chão espumando." Não há uma palavra disso que não seja uma instrutiva alegoria para aqueles que veem isso agora espiritualmente confirmado a seu redor: a presença de Jesus, uma inquietação, a dor, mas um amoroso e misericordioso exorcismo no fim.

F. W. Faber



St. Wilfrid

Festa de Nossa Senhora da Redenção, 1847.

CONTEÚDOS



A VIDA DE SANTA ROSA DE LIMA

CAPÍTULO I

SEU PAÍS, SEU NASCIMENTO, SUAS INCLINAÇÕES, E O VOTO DE VIRGINDADE QUE ELA FEZ AOS CINCO ANOS.

Nossa Bem Aventurada Rosa, a primeira flor espiritual que a Divina Providência plantou e cultivou na parte mais rica do Novo Mundo, nasceu em 20 de abril de 1586, em Lima, a capital do Peru, na América do Sul. Seu pai foi Gaspar Florez e sua mãe Maria Oliva, ambos mais consideráveis por nascimento que pela fortuna. Essa virtuosa mulher, que esteve várias vezes em perigo de perder a vida devido às excessivas dores que havia suportado durante os outros partos, foi preservada delas com o nascimento de nossa Santa, que veio ao mundo de uma maneira diferente das outras crianças, envolta em uma cutícula dupla, como uma rosa, cujo botão é cercado por folhas assim que começa a aparecer.

A senhora Isabel Herrera, a irmã de sua mãe, tendo sido escolhida para madrinha, deu-lhe o nome de Isabel no batismo; mas três meses depois, enquanto a menina dormia no berço, a mãe e várias outras pessoas, nem todas pertencentes à família, viram aparecer em seu rosto uma bela rosa vermelha que desapareceu quase que imediatamente e, desde então, passaram a chamá-la de Rosa, por conta desse prodígio.

A madrinha, sentindo-se menosprezada por essa mudança de nome, ficou ofendida e vivia em divergências com a irmã, até que a Divina Providência, que assistia sobre os interesses de nossa Santa, pôs um fim nessa infeliz discussão ao inspirar sua reverência, o arcebispo de Lima, a dar-lhe o nome de Rosa na Confirmação. Rosa, quando mais velha, teve um escrúpulo a respeito disso ao saber que esse não era o nome que havia recebido no batismo. Ela pensou ser isso um efeito da complacência ou da vaidade de seus pais, que desejavam tornar a sua beleza mais atraente por meio desse



nome agradável. Perturbada por essa conduta, que considerava indigna do espírito cristão, Rosa dirigiu-se à igreja dos freis pregadores. Tendo entrado na Capela do Rosário, lançou-se aos pés da Santíssima Virgem, para dar-lhe a conhecer o seu desconforto. Nossa Bendita Senhora a consolou imediatamente, assegurando-lhe que o nome de Rosa era agradável a seu filho Jesus Cristo e que como marca de seu próprio afeto, ela também a honraria com o seu próprio nome e que de agora em diante ela deveria ser chamada de Rosa de Santa Maria. De forma que podemos dizer que dentre todos os santos cujos nomes o Deus Todo-Poderoso mudou por meio de um favor extraordinário, nossa Bem Aventurada Rosa é a primeira e talvez a única cujo sobrenome foi também mudado pelo céu.

Sua infância teve uma viva semelhança a da seráfica Santa Catarina de Siena. Ela nunca causou incômodos com choros irritantes; e nunca foi vista derramando lágrimas, exceto uma vez, quando a ama a levou a uma casa vizinha, onde essa doce criança chorou, como que para demostrar sua tristeza por ter sido tirada da solidão, da qual a doçura havia começado a provar na casa do pai. Os Santos padres nos ensinam que o justo não pode fazer ou sofrer nada virtuosamente sem a ajuda da graça, mas que o Deus Todo-Poderoso opera por meio de sua graça muitas maravilhas em seus santos sem a cooperação dos mesmos: o que é visto na Bem Aventurada Rosa, que com apenas três meses de vida, deu provas de uma paciência heroica; pois tendo alguém impensadamente prendido seu dedão ao fechar um baú às pressas, ela escondeu a dor que isso lhe causou: tendo a mãe corrido para ajudá-la assim que soube do acidente, a pequena escondeu o dedo, e não deixou transparecer que ela havia sido machucada. Depois, por conta do seu silêncio, a injúria ficou pior e remédios violentos se fizeram necessários, remédios esses que a fizeram perder parte da unha. O cirurgião que a atendia usou pinças para extrair pela raiz a parte que ainda havia ficado na carne e ficou muito surpreso ao perceber que, durante essa cirurgia dolorosa, ela não derramou uma lágrima, proferiu um grito, ou sequer mudou o semblante. Não foi só nessa ocasião que ela deu provas de sua paciência; Rosa a praticava igualmente sempre que tinha algo a sofrer, ela suportou com uma constância inacreditável, a dor infligida quando parte de sua orelha que tinha se corrompido, foi cortada com tesoura. Aos quatro anos, foi acometida por uma espécie de desordem na cabeça; e sua mãe, que a amava ternamente, querendo resolver ela mesma o problema, usou um certo pó tão corrosivo e queimante, que a fez tremer da cabeça aos pés;



ainda assim ela nunca reclamou, embora esse remédio tenha lhe causado muitas úlceras na cabeça, as quais doíam excessivamente. Assim como coral endurece nas ondas, que são o emblema da aflição, assim podemos dizer que a paciência da nossa santa aumentava com os sofrimentos; pois durante seis semanas, o cirurgião que a socorria cortava diariamente um pedaço de carne para que uma nova pele pudesse crescer no lugar e ela sofria essa tortura com uma paciência invencível.

O Deus Todo-Poderoso, que desejava que ela fosse uma imagem viva de sua vida crucificada, não a deixou por muito tempo sem sofrimento e permitiu que dois anos depois ela fosse afligida por um pólipo no nariz, que ficou tão grande que foi necessário recorrer a um cirurgião para removê-lo, o que foi feito em três operações diferentes, durante as quais ela mostrou uma paciência sobre-humana sofrendo essas dores com uma alegria que parecia miraculosa e muito semelhante a que muitos mártires demonstraram durante os terríveis tormentos sofridos por eles nas mãos de seus carrascos.

Esse aprendizado precoce na escola do calvário, onde ela aprendeu com Cristo Crucificado a sofrer todos os tipos de dores e aflições, dispôs a jovem Rosa a oferecer a Deus, desde a infância, o agradável odor da caridade ardente que inflamava seu coração.

Mais que alegremente ela recebeu os primeiros raios da Divina Graça e seu irmãozinho mais velho contribuiu para isso, pois brincando um dia próximo a ela, ele jogou acidentalmente uma quantidade de lama em seu cabelo, que era naturalmente belo, irritada com sua falta de cuidado, estava a ponto de ir embora, quando ele falou-lhe com uma gravidade que ultrapassava os seus anos, "Minha querida irmã, não fique zangada com esse acidente, pois os anéis encaracolados das garotas são cordas infernais que atam os corações dos homens e miseravelmente os arrastam para as chamas eternas." Rosa recebeu essas palavras, que ele proferiu com o zelo de um pregador, como um oráculo do céu: ela recolheu-se interiormente e renunciando para sempre as vaidades do mundo, deu-se inteiramente a Deus e concebeu um extremo horror pelo pecado. Desde então passou a sentir-se poderosamente atraída à oração; e ela se aplicava a essa prática tão assiduamente, que não se conformava em dedicar-lhe apenas uma parte do dia e a maior parte da noite; podemos até dizer que nem o sono interrompia a sua oração: pois a imaginação representava-lhe durante o



descanso a cativante ideia, que ela tinha formado para si, de seu Divino Esposo no fervor de suas orações e de suas conversas com ele durante o dia. Nessa sagrada comunicação, Rosa recebeu uma vívida inspiração do Deus Todo-Poderoso para seguir os passos de Santa Catarina de Siena, por meio de uma perfeita imitação das virtudes dessa seráfica amante de Deus: e porque virgindade unida à inocência batismal e à flor da juventude é um lírio duplo, que derrama o seu esplendor nas esposas de Jesus Cristo, Rosa então, movida pelo Espírito Santo, consagrou a Ele irrevogavelmente e por meio de um voto, na idade de cinco anos, a sua pureza virginal. Pela promessa que lhe fez de nunca ter outro esposo além dele somente. Podemos assim dizer de Santa Rosa o que Santo Ambrósio disse de Santa Inês, que sua piedade e virtude estavam além de seus anos e além das forças da natureza.

Assim que fez esse voto, sem que sua mãe o soubesse, cortou o cabelo, para mostrar ao Esposo que havia escolhido que por assim desfigurar-se a si mesma ela pretendia antes causar repulsa do que agradar aos homens; e que absolutamente renunciava ao mundo, com o qual nunca quis ter nenhum vínculo. De acordo com o testemunho de seus confessores, ela começou a ter o uso da razão quando esse ardor celestial encheu a sua alma; e essa ação generosa foi tão agradável a Deus, que ele derramou sobre ela suas mais extraordinárias bênçãos e a enriqueceu com tantas graças que Rosa preservou a inocência batismal até a morte.



CAPÍTULO II

SUA OBEDIÊNCIA, O RESPEITO QUE TINHA POR SEUS PAIS E A ASSISTÊNCIA QUE ELA LHES PRESTAVA.

Obedecer aos pais de quem nós recebemos a vida, é apenas o efeito de um grau comum de virtude e não haveria nada de extraordinário na obediência da Bem Aventurada Rosa, se ela tivesse se contentado em simplesmente cumprir com essa obrigação: mas Rosa aumentou infinitamente seus méritos ao cumprir perfeitamente com aquilo que devia a seus pais sem deixar de realizar o que Deus exigia dela. Ela administrava seu tempo tão bem, que executava o que quer que seus pais a mandassem fazer sem omitir a menor parte de sua obrigação para com Deus. Sua mãe, como muitas outras que amam seus filhos mais para o mundo que para o céu, frequentemente lhe pedia que cuidasse da beleza e até quis que ela usasse cosméticos e tinta para preservar seu vigor; mas Rosa, sabendo ser isso contrário à modéstia e a simplicidade, que são os únicos ornamentos da beleza cristã, suplicou-lhe tanto que não a obrigasse a fazer isso, lhe pedindo que não imitasse aquelas mães que sacrificam a salvação dos filhos à própria ambição, que ela, aos poucos, a convenceu a pensar diferente, fazendo assim a lei do Espírito prevalecer sobre a lei da carne e fazendo a aversão secreta, inspirada por seu Divino Esposo, que ela tinha por esse costume mundano triunfar sobre a ordem injusta que havia recebido.

Outra vez, a mãe a fez usar uma coroa de flores na cabeça. Não se considerando forte o suficiente para efetuar uma mudança nessa ordem, Rosa obedeceu; mas, santificou sua submissão por meio da mortificação dolorosa que ela adicionou a essa sujeição, pois Deus, tendo-lhe trago à mente a lembrança dos cruéis espinhos que haviam composto sua coroa em sua Paixão, ela pegou a coroa e cravou na cabeça com uma agulha grossa, Rosa a enfiou tão profundamente na cabeça, que o objeto não pôde ser removido sem a ajuda de um cirurgião, que teve muita dificuldade em fazê-lo. Assim ela planejava evitar, sem resistir às ordens de sua mãe quando



essas fossem abertamente opostas aos conselhos de perfeição; e ela se punia severamente quando lhe obedecia em qualquer coisa que tivesse a ver com a vaidade do mundo. Essa fidelidade era agradabilíssima a seu Divino Esposo e ela percebeu por meio de uma circunstância notável, que um desvio nessa lealdade, por menor que fosse, o ofenderia.

Um dia ela calçou um par de luvas perfumadas para obedecer às ordens da mãe, assim que terminou de por as luvas suas mãos ficaram frias e paralisadas, e logo depois sentiu nelas um calor tão violento, que apesar do amor da nossa santa pelos sofrimentos, Rosa foi obrigada a tirar as luvas que lhe causaram essa tortura; e Deus, para mostrar-lhe que aquele pequeno ar de vaidade que a tinha levado, sob o pretexto enganoso de obediência, a usar essas luvas, tinha inflamado o zelo de seu Divino Esposo e ele mostrou-lhe as mesmas luvas à noite, cercadas por chamas. A partir daquele momento, nunca obedecia a sua mãe em nada que fosse agradável ao mundo ou à natureza, sem antes juntar algum ato de mortificação à sua obediência. Tendo sua mãe a mandado tirar os pedaços de madeira que ela tinha posto secretamente no travesseiro, ela obedeceu, mas colocou no lugar uma quantidade tão grande de algodão e o estufou de tal modo que o travesseiro dela, por sua dureza, poderia ser confundido com um tronco de madeira coberto de linho. O estratagema que ela praticou para evitar aparecer em assembleias, ou acompanhar a mãe nas visitas que ela fazia aos amigos e parentes, não era menos surpreendente; pois Rosa esfregava as pálpebras com pimento, que era um tipo muito ardente de pimenta indiana: desse modo ela conseguiu escapar de ter que ir de companhia, pois a pimenta deixava os olhos dela vermelhos como fogo e tão doloridos que ela mal podia suportar a luz. A mãe descobriu esse artifício e a repreendeu por isso e mencionou o exemplo de Ferdinand Perez que perdeu a visão por meio de um ato similar de imprudência; Rosa respondeu modestamente "Seria muito melhor para mim, minha querida mãe, ser cega o resto da minha vida do que ser obrigada a ver as vaidades e tolices do mundo." Depois dessa resposta, sua mãe, vendo claramente que foi a repugnância por essas visitas e pelo vestido que ela era obrigada a usar nessas ocasiões, que a levaram a causar essa dor em si mesma, não mais a obrigou a acompanhar-lhe e permitiu que ela se vestisse da forma que queria, com um vestido pobre de tecido grosseiro, que Rosa usava com grande satisfação; pois ela não procurava nada além de contenda e abjeção. Em todas as outras coisas que lhe eram indiferentes, Santa Rosa obedecia com prontidão

e nunca recebia uma ordem da mãe que não cumprisse com alegria. Maria de Oliva, um dia tentando provar sua obediência, a mandou bordar propositalmente algumas flores de forma errada, Rosa obedeceu cegamente e estragou o seu trabalho, e ela, fingindo estar zangada, a reprovou por isso. Essa filha verdadeiramente obediente respondeu que havia percebido que seu trabalho não serviria para nada, mas que não tinha ousado desobedecer à ordem que lhe foi dada; que não tinha importância em que maneira ela traçasse uma flor, mas que ela não podia falhar em obediência às ordens de sua mãe. Por esse motivo, nunca começava o trabalho sem antes pedir a autorização dela e disse a uma de suas amigas, que parecia abismada com isso, que assim o fazia expressamente para adicionar a seu trabalho o mérito da obediência. Essa obediência não dizia respeito apenas à mãe a quem ela era tão submissa que nunca bebia sem a sua permissão e não ousava começar o trabalho sem a sua ordem expressa: sua obediência se estendia até a criada da casa a quem Rosa respeitava como se fosse uma mestra, e a quem sempre obedecia alegremente, especialmente quando esta estava zangada e de mal humor. Maria de Oliva que tinha um temperamento raivoso e estava frequentemente zangada, às vezes a proibia de beber; e como não sabia que sua virtuosa filha nunca beberia sem a sua permissão, Rosa frequentemente passava cerca de seis dias sem beber. Seus pais a levaram a Canta, uma parte muito pouco saudável do país onde ela foi atacada por uma contração nos nervos das mãos e dos pés; e como isso aumentou a intensidade do frio a mãe a fez usar umas peles que tinham um pelo muito irritante, e se recusava a deixar que ela as tirasse. Rosa usou as peças por vários dias sem mencionar o calor insuportável que elas causavam, para não deixar a desejar no quesito obediência; mas suas mãos e pés ficaram tão inflamados por conta disso, que uma grande quantidade de bolhas pequenas se formaram nesses membros, que depois se transformaram em úlceras muito dolorosas. A obediência geralmente termina com a vida, mas a Bem Aventurada Rosa a manifestou até no túmulo. A madre superiora do Convento de Freiras de São Domingos, em Lima, ordenou à imagem de Santa Rosa, em virtude da obediência que cada uma na casa lhe devia, que as fizesse encontrar uma colher de prata que uma criada do monastério havia perdido, para evitar qualquer julgamento precipitado de pessoas inocentes; e como se a nossa santa tivesse animado as cores de sua pintura com aquele espírito de obediência que a tinha tornado tão submissa a Deus e à suas criaturas por seu amor, a madre

superiora percebeu imediatamente, sobre a mesa, a colher perdida, e podemos dizer que a pintura a pôs ali, para representar a perfeita obediência da original. Quem poderia expressar sua obediência a seus pais durante toda a sua vida, o respeito e o terno amor que ela lhes tinha? Em tempos em que sofria principalmente de fraqueza, geralmente passava a maior parte da noite trabalhando para ajudá-los em suas necessidades; e apesar de dedicar doze horas diárias à oração mental, ela trabalhava tanto que terminava em um dia a tarefa que uma pessoa, que tivesse menos à fazer, teria levado quatro dias para concluir e o seu trabalho tinha tanta beleza e delicadeza, que parecia superar a arte e a natureza.

Rosa era uma perfeita mestra do bordado, fosse em esboçar flores, executá-las em bordado ou em tapeçaria; e o que é mais surpreendente é que embora a sua mente estivesse frequentemente elevada a Deus e absorta na contemplação de suas perfeições enquanto ela trabalhava, ainda assim sua mão guiava seu trabalho tão perfeitamente como se sua mente estivesse aplicada unicamente a essa atividade.

Além da costura, ela mantinha um pequeno jardim, no qual cultivava violetas e outras flores, que vendia para ajudar seus pais em suas necessidades, e como todas as suas indústrias eram insuficientes para salvá-los da pobreza, ela confessou ingenuamente, a um grande servo de Deus, que Jesus Cristo, seu Divino Esposo, supria a deficiência de seus trabalhos por meios secretos e maravilhosos. Rosa cuidava de seus pais na doença com uma assiduidade incrível; estava sempre ao lado da cama, passava dias e noites lá, e só saía dali para fazer-lhes alguma outra tarefa em algum outro lugar. Ela arrumava-lhes a cama, preparava o remédio e estava disposta de dia a noite à realizar para eles os serviços mais vis e mais difíceis.

Não devo concluir esse capítulo sem falar da alegria inefável que ela alcançou para a mãe, que de outra forma teria ficado devastada ao vê-la partir dessa vida. Quando no leito de morte, essa santa bendita prevendo a aflição que sua mãe sofreria com sua morte, suplicou sinceramente a seu Divino Esposo que a consolasse nessa aflição; E ele o fez ao conceder-lhe uma plenitude tão grande de alegria, que ela depôs juridicamente que sentiu uma alegria extraordinária quando essa morte aconteceu, o que ao contrário, ter-lhe-ia tirado uma abundância de lágrimas e suspiros. Ela, mais tarde, testificou que esse favor não só a deixou insensível à essa

grande perda, mas que também tomou posse de sua mente tão poderosamente que por vários dias ela mal podia suportar sua intensidade, e que o Deus Todo-Poderoso tinha lhe mostrado, por meio dessa experiência, a felicidade que sua santa filha usufruía no paraíso e a torrente de deleites que Ele derramava sobre a alma de Rosa nessa santa habitação.

CAPÍTULO III

SANTA ROSA TOMA O HÁBITO DA ORDEM TERCEIRA DE SÃO DOMINGOS, EM IMITAÇÃO À SANTA CATARINA DE SIENA, A QUEM ELA TINHA TOMADO COMO MODELO.

Se alguém tentasse comparar as vidas de Santa Catarina de Siena e Santa Rosa, encontraria uma semelhança tão grande entre essas duas amantes do filho de Deus, que teria dificuldade em descobrir se essa doce flor nasceu nas Índias, ou se foi transplantada da Itália para o Peru; porque em Santa Rosa todas as características de Santa Catarina de Siena eram vistas; a mesma maneira de viver, as mesmas inclinações, os mesmos favores de Deus e uma similaridade tão grande em figura e semblante, que alguém facilmente confundiria uma com a outra.

Santa Rosa tendo cortado o cabelo depois de fazer seu voto de virgindade, parecia ter, por meio disso, privado qualquer um que pudesse pedi-la em casamento da esperança de ser bem sucedido nesse desígnio. Mas as vantagens que ela tinha recebido da natureza, ofereciam uma inocente oposição a essa resolução que ela tinha feito de preservar até a morte o precioso lírio da sua virgindade; pois a sua extrema beleza, o refinamento de sua mente, sua agradável conversação e sua própria virtude, cativaram muitos corações pelos seus charmes, e atrairam-lhe admiradores de todas as partes. Para extinguir essas crescentes chamas nos corações alheios, Rosa inventou todos os meios de desfigurar-se; ela deixou a pele pálida e lívida com jejuns, procurou destruir sua delicada tez branca, lavou as mãos em limão quente para esfolar a pele; e para evitar que os outros sentissem algum tipo de prazer ao vê-la, trancou-se em casa, e só saía raramente e



isso quando fosse muito necessário; tendo sido levada à Canta, uma pequena vila próxima de uma das mais célebres minas do Peru, permaneceu lá por quatro anos inteiros sem sair de casa; não saía nem para ver um belo jardim que tinha próximo à casa onde morava, de onde poderia ter visto facilmente aquelas famosas máquinas chamadas molas, pelas quais o Peru é renomado.

Apesar de todas essas precauções, não conseguiu impedir várias pessoas de procurá-la em casamento. Dentre muitas, uma das mais distintas damas da cidade, satisfeita tanto com a sua virtude quanto com sua beleza, queria que seu filho único se casasse com ela; ela abertamente fez o pedido aos pais de Santa Rosa, que tendo onze filhos por quem prover, receberam a proposta mais que favoravelmente, considerando que a aliança seria muito vantajosa para a família.

Rosa foi a única a quem essa oferta foi desagradável; se culpava por isso e condenava a frágil beleza que trouxe-lhe essa grande desgraça; e vendo que não havia outros meios de escapar além de declarar abertamente que jamais consentiria em casar-se, tendo horror à própria ideia em si, ela revelou sua resolução com uma firmeza que surpreendeu seus pais, embora isso não os tenha feito desistir da esperança de fazerem-na colaborar com seus desejos. Eles empregaram ameaças e carinhos e vendo-a inflexível em sua decisão, tentaram os efeitos do mal tratamento; deram-lhe bofetadas e a oprimiram com injúrias; em resumo, Santa Rosa passou pelos mesmos sofrimentos que Santa Catarina de Siena suportou nas mãos da mãe, por uma razão similar. Depois dessa tempestade, Rosa procurou na Ordem Terceira de São Domingos, um porto onde pudesse estar segura para o resto da vida, da furiosa tempestade que o demônio certamente levantaria contra a sua pureza se continuasse vivendo no mundo. Quando sua decisão foi revelada, as freiras dos mais célebres monastérios em Lima quiseram que ela tomasse seu hábito. Tubirius, o arcebispo de Lima, pediu-lhe para entrar no convento de Santa Clara, que sua sobrinha, Maria de Quignonez, tinha acabado de construir, para que ela pudesse ser o firmamento do santo edifício; mas Rosa que desde a idade de cinco anos, tinha escolhido Santa Catarina de Siena como modelo para imitação, pensou que não bastava apenas copiar sua inocência e suas outras virtudes, mas que ela deveria abraçar também o mesmo estado de vida, o qual não a impediria de continuar ajudando seus pais.



O Deus Todo-Poderoso a confirmou nessa resolução por meio de dois milagres: O primeiro ocorreu quando ela tinha a intenção de ir para o Mosteiro da Encarnação, onde as freiras a esperavam ansiosamente. Antes de partir, foi dizer adeus a Nossa Senhora na capela do rosário, pertencente ao Convento de São Domingos, e lá permaneceu imóvel de joelhos aos pés do altar; quando terminou a oração, fez vários esforços para se levantar, não obtendo êxito, chamou seu irmão, que estava na igreja, em seu socorro; ele pegou sua mão e a puxou violentamente sem conseguir tirá-la do lugar; parecendo-lhe ser isso um sinal do céu, decidiu não mais persistir em seu desígnio e voltar para casa. Assim que tomou essa decisão, ela conseguiu se levantar e sair da capela sem dificuldade.

O Deus Todo-Poderoso mostrou-lhe por meio de um outro milagre que ele queria que ela preferisse a Ordem dos Freis Pregadores a qualquer outra ordem, em imitação de Santa Catarina de Siena, que foi um de seus mais brilhantes ornamentos. Entre a quantidade praticamente inumerável de borboletas que são vistas nas vastas planícies de Lima, uma lindamente marcada com branco e preto, as cores do hábito da Ordem de São Domingos, veio e flutuou a seu redor; Rosa viu isso como uma indicação celestial de que ela devia por em prática a decisão tomada anteriormente de se tornar uma religiosa na Ordem Terceira desse grande patriarca. Ela recebeu o hábito solenemente, aos 20 anos, das mãos do Rev. Padre Afonso Velásquez, no dia 10 de agosto de 1606, com muita satisfação; mas ia abandoná-lo antes de sua profissão, por três motivos, se não tivesse sido especialmente guiada pelo Deus Todo-Poderoso, cuja vontade era que ela permanecesse na Ordem Dominicana.

Em primeiro lugar, Don Gonzalez, um grande benfeitor seu, que tinha muita influência sobre sua mente, tentou convencê-la a se tornar uma carmelita descalça, oferecendo-se para conseguir lhe o dote necessário, pois acreditava que uma vida enclausurada seria mais adequada para ela do que permanecer com os pais em meio ao tumulto do mundo.

Em Segundo lugar, ao observar a cor branca do hábito começou a sentir-se indigna de usá-lo pois achava que essa vestimenta exigia um grau de inocência muito superior ao seu; e que como sua vida não estava a altura da perfeição desse novo estado, ela estaria enganando ao mundo por meio de uma falsa aparência de virtude ao portar esse santo hábito.

Terceiramente, como só tinha abandonado o vestido secular para poder viver desconhecida e esquecida pelas criaturas, ficou surpresa ao descobrir que sua nova posição como religiosa, ao invés de mantê-la oculta, a proclamava como uma luz na casa de Deus, e que a sua reputação estava tão espalhada pela cidade, que ela era o único assunto das conversas, era apontada nas ruas, distinguida dos outros e louvada por todos. Sua modéstia sofreu muito por esses louvores, especialmente quando soube que algumas pessoas piedosas, pela estima que tinham por sua virtude, não tiveram a menor dificuldade em compará-la com santa Catarina de Siena. Apesar de esses aplausos causarem-lhe grande dor, a jovem perseverou no uso do hábito que tinha obtido do céus por meio de tantos sinais; pois tendo decidido abandoná-lo para poder viver uma vida mais oculta, foi ajoelhar-se na Capela do Santo Rosário para visitar a Santíssima Virgem, seu costumeiro refúgio na hora da aflição, e assim que começou sua oração tornou-se docemente insensível. Aqueles que se encontravam na capela concluíram imediatamente que ela estava em êxtase e ao observá-la mais de perto, notaram que seu semblante mudou, ficando primeiro pálido e então tornando-se brilhante e tão luminoso que expedia raios de brilho por todos os lados. Quando voltou a si depois desse êxtase, revelou pelas palavras que transbordavam da abundância de seu coração, que o Deus Todo-Poderoso havia confirmado a sua entrada naquela santa ordem, na qual estava decidida a viver e morrer.

CAPÍTULO IV

SUA HUMILDADE, SUA INCOMPARÁVEL PUREZA DE CORAÇÃO E SUAS OUTRAS VIRTUDES.

A humildade, que os Santos Padres sempre consideraram a fundação das outras virtudes cristãs, estava enraizada tão profundamente na alma de Santa Rosa, que todos os seus trabalhos e toda a sua vida, pareciam estar voltados ao desprezo de si mesma e à prática de todo o tipo de humilhação e abjeção. Para satisfazer essa inclinação predominante em seu coração, não lhe bastava apenas escolher como seu dever as tarefas mais vis da casa, ela se considerava infinitamente inferior a criada; e esse sentimento de sua miséria e indignidade frequentemente a levava aos pés de Mariane, uma pobre camponesa que trabalhava na casa, onde ela suplicava ardentemente que a batesse, cuspisse, pisasse e a tratasse como a criatura mais abjeta e desprezível do mundo. Quando recebia golpes ou palavras duras por conta da vida retirada que levava, achava que bem os merecia, que por sua própria culpa tinha trago sobre si esse tratamento injurioso e sofria tudo com humildade e paciência. Quando algum infortúnio acontecia ao estado ou à sua família, atribuía isso aos seus pecados que tinham atraído esse castigo dos céus, e sua humildade a fazia dizer constantemente, que ela era um fardo, inútil ao mundo e odiosa à natureza; indigna de ver a luz; que ela era uma pia de corrupção infectando o ar e que estava surpresa que o Deus Todo-Poderoso não fazia a terra se abrir e engolir uma criatura tão infeliz, que por suas enormes ofensas, merecia ser aniquilada.

Como estava profundamente penetrada com um senso de seu próprio nada e de sua miséria, ver-se honrada era para ela uma cruz insuportável; sua humildade não suportava ouvir uma palavra de louvor; e por conta disso ao escutar um dia Michael Garrez, cônego da catedral de Lima, que tinha ido visitar Don Gonzalez, louvando-a ao decorrer da conversa e enaltecendo os favores que ela tinha recebido de Deus, ela se retirou para o quarto, onde

começou a bater o peito, chorar e gemer na presença de Deus; e para se punir por ter dado, como acreditava, uma opinião falsa de si mesma aos homens violentamente golpeou-se várias vezes na cabeça para cravar mais profundamente as pontas do diadema de ferro que sempre usava escondido em baixo do véu.

Tendo performado uma vez um ato heroico de virtude em algo muito difícil e repugnante à natureza, a esposa de Don Gonzalez, temendo que ela arruinasse a saúde por meio desses trabalhos laboriosos, falou com o confessor dela, Rev. Padre Afonso Velásquez, e pediu-lhe que a reprovasse severamente por isso e que a proibisse de tentar executar obras de piedade que estivessem além de suas forças. Ele seguiu o conselho, reprovando-a por sua ação e disse-lhe que não performasse nada de extraordinário capaz de arruinar sua saúde. Santa Rosa recebeu essa reprovação com respeito, alegrando-se em ver-se desprezada e por achar humilhação naqueles mesmos atos de virtude pelos quais temia a vã glória e a estima dos homens. Durante os seus últimos três anos de vida, os quais passou na casa de Don Gonzalez, obedecia aos filhos dele e a todos os criados: não fazia nada sem sua permissão expressa, e sua humildade a fazia pedir de joelhos por um pouco de água pelo amor de Deus, como um mendigo, cujo o único meio de subsistência é por meio das esmolas que lhe são dadas. Em tempos de doença, normalmente escondia a maior parte de seus sofrimentos; mas quando os sintomas e a fraquezas se tornavam evidentes, falava deles como a justa recompensa pelos seus pecados; e quando dava a conhecer as dores insuportáveis que suportava em cada parte do corpo, o fazia para fazer os outros vê-la como uma pecadora abominável, castigada rigorosamente por Deus como punição por seus crimes.

Ela não só estava completamente persuadida de que era infinitamente culpada aos olhos de Deus; mas dificilmente alguém que a visse durante a confissão, e testemunhasse a abundância de lágrimas que derramava aos pés do padre e ouvisse os soluços reprimidos expressos por seu coração contrito, teria falhado em tomá-la por uma pecadora pública. Fazendo penitência por seus crimes. Ainda assim, Rosa nunca cometeu um único pecado capaz de destruir a graça de Deus em sua alma. Ela levava uma vida tão pura e inocente que seus confessores frequentemente tinham muita

dificuldade em encontrar matéria para absolvição nas coisas em que ela se acusava com tantas lágrimas.

Ela mantinha uma vigilância tão estrita sobre si mesma que nunca falava uma palavra mais alta que outra, ou encontrava a menor falta na conduta ou nas ações alheias. Não havia nada em sua atitude que pudesse causar aborrecimento àqueles com quem a caridade ou o dever a obrigavam a conversar; ao contrário, seu jeito doce e prestativo a tornava tão agradável a todo mundo que, comumente se dizia que o nome de "Rosa" não combinava com ela, pois ela não tinha espinhos.

Sua caridade para com a humanidade era tão universal, que essa rainha das virtudes parecia ser a alma que animava suas palavras, ações e toda a sua conduta. Esse amor que tinha a Deus e ao próximo enchia o seu coração e a tinha desapegado tão inteiramente das coisas terrenas, que ela era insensível aos prazeres que a maioria dos homens amam tão apaixonadamente. Sendo perguntada um dia se, em meio aos abundantes deleites e consolações que Deus infundia abundantemente em sua alma, ela não sentia o coração apegado às coisas do mundo, ela confessou que lhe era impossível pensar nelas ou tomar o menor prazer nelas. Por esse desapego das criaturas, Rosa obteve uma pureza de coração, em um grau similar à que os anjos possuem pelo privilégio de sua natureza; pois durante o curso de sua vida, que durou trinta e um anos, nunca foi culpada de nenhum pecado venial de impureza; e o que é algo miraculoso, nunca foi assaltada por pensamentos impuros, dos quais nem mesmo os santos mais queridos de Deus estiveram isentos. Onze doutos religiosos, seis da Ordem dos Pregadores e cinco Jesuítas, que varias vezes escutaram suas confissões gerais, depuseram isso em seus juramentos.

Depois que seu rosto ficou magro e perdeu a beleza pelo efeitos dos jejuns, penitências e da água fria, que derramava em abundância sobre o corpo, prática que quase a fez extinguir seu calor natural, todos ao verem a condição a que suas austeridades a tinham reduzido, passaram a tê-la em maior veneração que nunca; ela era considerada em Lima como uma imagem viva da vida penitencial levada pelos anacoretas, que santificaram os desertos por suas grandes mortificações. Como sua humildade não temia nada tanto quanto essa estima universal e sua modéstia sofria muito por esses aplausos, recorreu à oração para pôr um fim à causa deles; e obteve por meio da oração a restauração do brilho de seus olhos e a tez brilhante



que suas austeridades haviam destruído, de forma que ficou tão saudável e bonita como antes; e aconteceu que em uma Sexta Feira Santa, quando retornava para casa da igreja ao meio dia, com as bochechas coradas o que atenuou a beleza que Deus tinha lhe devolvido, algum jovens libertinos vendo-a passar, surpresos em vê-la tão bem, a ridicularizaram por isso, como se ela estivesse retornando de alguma festa, onde havia se divertido e insolentemente lhe perguntaram se era daquela maneira que as pessoas devotas jejuavam? Apesar dela ter jejuado a quaresma inteira à base de maçãs de cox e água e ter acabado de passar trinta horas em lágrimas, orações e gemidos na igreja de São Domingos sem comer ou beber. Ela era ainda mais cuidadosa em esconder dos homens as graças e favores espirituais que havia recebido de Deus; e temendo que elas pudessem ser percebidas apesar de todas as precauções que tomava para mantê-las em segredo, sinceramente lhe implorava desde a infância, que não permitisse que as graças que lhe foram concedidas fossem conhecidas pelos homens; e tendo esse favor sido concedido por seu Divino Esposo, podemos facilmente crer que ela guardou para si mesma a maior parte das coisas extraordinárias que se passavam em seu interior e que seus diretores espirituais só estavam familiarizados com a menor parte das graças que ela recebeu dos céus.

Não podemos ficar surpresos com isso, já que os Espíritos Benditos, tomando parte na sua modéstia, a ajudavam a esconder suas virtudes, o que é ilustrado pelo seguinte exemplo: Um dia estando na igreja, lembrou-se de ter deixado a disciplina sobre a mesa e como a porta não trancava, inquieta e temendo que alguém descobrisse esse querido instrumento de penitência, desejou interiormente que a Santíssima Virgem o colocasse em algum lugar no quarto dela, o qual lhe indicou interiormente. Ao voltar para casa, não encontrou a disciplina onde tinha deixado, mas viu para seu espanto, que essa doce e compassiva Rainha dos Céus, para satisfazer sua vontade e extinguir seu medo, trancou a disciplina no lugar que ela havia pedido.

CAPÍTULO V

SEUS JEJUNS, SUAS DISCIPLINAS E OUTRAS AUSTERIDADES COM AS QUAIS ELA MACERAVA O CORPO.

Todas as graças que os cristãos recebem, sendo derivadas do Coração dilacerado e chagado do Filho De Deus, os inspiram com um amor pelos sofrimentos e os fazem praticar austeridades tão assustadoras, que seu inocente exagero no uso delas só pode ser justificado pela necessidade que o batismo impõe de morrermos com Cristo na cruz, para reinarmos com ele no paraíso; pois eles sabem que sua predestinação a felicidade eterna, inclui as mortificações que são necessárias para assimilá-los a Jesus Cristo, sua cabeça; por essa razão São Paulo considera esse espírito de penitência nos cristãos como a característica particular de sua santidade, quando diz que aqueles que são de Cristo crucificam a carne, com seus vícios e concupiscências.

Esse amor a cruz era tão ardente na alma de Santa Rosa que o leitor daria pouco crédito à parte de sua vida que trata de seus jejuns e outras mortificações se não pudéssemos garantir que tudo o que aqui é relatado foi tirado das informações jurídicas de examinação, feita por ordens expressas do Papa, para que ele pudesse proceder com a sua beatificação.

Ela chegou a um espantoso grau de abstinência usando o mesmo método empregado por Santa Catarina de Siena. Desde a infância, se absteve de todo o tipo de fruta, que são deliciosas no Peru. Aos seis anos de idade começou a jejuar três dias por semana a pão e água. Aos quinze fez um voto de nunca comer carne a menos que fosse obrigada por aqueles que lhe tinham autoridade e a quem ela achava que não poderia desobedecer sem pecar. Quando sua mãe a levava consigo para jantar com algumas damas de alta classe, que as convidavam por devoção e a obrigavam a comer e beber em sua mesa, sua obediência lhe dava uma dor no peito, que causava febre e outros sintomas perigosos. A mesma coisa acontecia quando os médicos lhe receitavam carne: e tão longe estava isso de lhe fazer algum bem, que

sempre a fazia reincidir em um estado de saúde mais perigoso que o anterior. O método mais rápido de aliviá-la e curá-la nessas ocasiões, era dar-lhe um pedaço de pão marrom ensopado em água; e a experiência provou, por meio de vários exemplos, que essa dieta lhe restaurava sua saúde original. Sua mãe que a olhava somente com os olhos da carne e do sangue, vendo seu rosto pálido e desfigurado, repreendeu sua conduta e quis até persuadi-la de ter cometido um pecado mortal por se negar a nutrição necessária à preservação da vida. Para a impedir de continuar com esse estilo de vida, obrigou-a a sentar-se a mesa com o resto da família, mas essa filha iluminada conseguiu evitar a sua vigilância ao pedir à criada que lhe servisse apenas um tipo de prato feito com sal, composto de crosta de pão integral e um punhado de ervas muito amargas. Essa comida era tão ruim e tão desagradável que ela encontrou uma mortificação voluntária na mesma mesa onde os outros procuravam gratificar seus apetites. Ela estava acostumada a juntar ervas selvagens na floresta e cultivá-las cuidadosamente no seu jardim, para poder ter materiais de autonegação sempre prontos à mão. Ela escondia em baixo dos ramalhetes maiores dessas plantas um vasilhame cheio de vinagre, com o qual aspergia sua comida e lavava a boca todas as manhãs.

Uma de suas refeições preferidas, que lhe parecia a mais deliciosa, por ser a mais amarga, era comer as folhas daquela planta trepadeira, a granadilha, cujas flores representam tão perfeitamente a coroa de espinhos, os pregos, o pilar, e os outros instrumentos da Paixão do Filho de Deus, que é comumente conhecida como a "Flor da Paixão" na Europa; de forma que malmente podemos dizer se era o comer ou a abstinência sua maior mortificação. Seus jejuns eram tão severos e rigorosos que em vinte quatro horas ela não ingeria nada além de um pedaço de pão e um pouco de água. Aqueles que visitaram a América e sentiram suas temperaturas elevadas, reconhecerão que a nossa santa sofreu por meio desses austeros jejuns um martírio do qual não temos ideia; pois o extremo calor que prevalece naquela região quente extingue tanto as forças que é necessário comer frequentemente para se preservar da fraqueza.

Rosa havia se habituado a jejuar dessa maneira, principalmente durante os seus últimos anos de vida; ela observava estritamente os sete meses de jejum de sua Ordem, que ia do Festival da Exaltação da Santa Cruz até a Páscoa. No começo da quaresma, deixava de comer pão contentando-se em

comer apenas algumas maçãs de cox todos os dias dos quarenta que são consagrados à penitência; nas sextas-feiras comia só cinco maçãs; durante o resto do ano, comia tão pouco que o que ingeria em oito dias mal dava uma nutrição suficiente para vinte e quatro horas.

Sabia-se que ela conseguia fazer um pão de forma e um jarro de água durarem cinquenta dias. Outra vez ficou sete semanas sem beber uma gota de água ou qualquer outra bebida; e próximo ao fim de sua vida as vezes passava vários dias sucessivos sem comer ou beber. Durante as quintas-feiras, se trancava frequentemente em seu oratório e permanecia por lá até o sábado sem comer ou beber, e tão completamente absorta em Deus em algum tipo de êxtase, que ficava imóvel e como que incapaz de se levantar do lugar onde estava rezando de joelhos. Uma vez passou oito dias inteiros sem nenhuma comida além do pão dos anjos que recebia na Santa Comunhão; e sua abstinência era um fato tão bem conhecido aos habitantes de Lima, que todos sabiam que ela passava semanas sem comer ou beber; e que quando a necessidade a forçava a beber um pouco de água para suavizar o calor ardente que a consumia, ela tomava o líquido quente para mortificar o prazer que poderia ter sentido ao beber a água fria.

O que parece miraculoso em suas austeridades é que nossa santa tirava mais força dos seus jejuns do que da nutrição que tomava; pois enquanto se privava da alimentação natural, embebia da Sagrada Chaga do adorável Coração de Jesus Cristo, como Santa Catarina de Siena, um néctar delicioso que a fortalecia com mais eficácia do que a mais sólida nutrição o teria feito.

Não era menos espantoso que ela encontrasse espaço em seu corpo emagrecido onde pudesse gravar, por meio de suas disciplinas, as chagas do Filho de Deus; e que foi capaz de tirar dele aquelas correntezas de sangue que fazia escorrer todos os dias; com correntes de ferro e outros instrumentos de penitência, ela praticou austeridades tão terríveis que seus confessores foram obrigados a restringi-la no uso delas. Depois que se tornou freira, não estando contente com o tipo comum de disciplina; confeccionou para si uma com duas correntes de ferro, com a qual golpeava-se todas as noites, tanto que o sangue salpicava as paredes e fazia uma correnteza no meio do quarto, tão prodigiosa a quantidade de sangue que tirava das veias. Rosa se disciplinava dessa forma sete vezes; a primeira por seus próprios pecados; a segunda, pelas almas engajadas no

pecado; a terceira pelas urgentes necessidades da igreja; a quarta quando o Peru ou Lima eram ameaçados com alguma grande desgraça; a quinta pelas almas no purgatório; a sexta, pelos agonizantes; a sétima em reparação dos ultrajes oferecidos a Deus.

Tendo o povo de Lima interpretado mal o significado das palavras lhes dirigidas pelo Padre Solano, um célebre pregador franciscano, acharam que ele disse-lhes que a terra ia se abrir e engolir a cidade em poucos dias. Em consequência desse erro todo o lugar foi atirado ao caos. Rosa tendo piedade do povo apavorado, retirou-se para seu oratório e para aplacar a ira de Deus, se disciplinou tão severamente, que quase morria por conta disso.

Como praticava essa penitência todas as noites, ela reabria as sangrentas chagas ao infligir novas e sendo cuidadosa para prolongar seu sofrimento, procurava não bater no mesmo lugar; mas repetia os golpes tão frequentemente que não permitia a suas chagas tempo suficiente para sarar; mal elas começavam a sarar e ela as reabria novamente por meio de novos golpes; de modo que seu corpo era uma chaga completa.

Aqueles na casa que ouviam os som dos golpes que ela infligia em si mesma, ficavam horrorizados com esse tratamento e ao mesmo tempo, tocados com a piedade dessa inocente penitente, que não tinha nenhuma dó de si mesma. Padre João Laurentana, seu confessor, sendo informado da maneira na qual ela maltratava o corpo, ordenou-lhe usar de moderação; Rosa obedeceu, mas implorou-lhe tão sinceramente, que ele não pôde recusar-lhe a permissão de tomar mais de cinco mil chicotadas no período de três ou quatro dias.

Ela tinha mostrado da infância as primeiras faíscas daquele fogo que inflamava sua alma com o amor a penitência, pois quando tinha apenas cinco anos já carregava, por mortificação ladrilhos pesados e pedaços de troncos de árvores de um lugar para outro, com muita dificuldade. Ela suplicava a Marianne, a criada e querida confidente de suas austeridades, que a sobrecarregasse com pedras pesadas no canto onde normalmente rezava e a criada empilhava sobre a penitente uma quantidade tão grande de pedras que às vezes, vencida pelo o peso desse fardo, caia desmaiada e quase morta no chão. Quando tinha quatorze anos, costumava deixar o quarto à noite quando todos tinham se retirado para o descanso e caminhar de pés descalços pelo jardim, carregando uma longa e pesada cruz nos

ombros chagados; a alegria que sentia debaixo desse fardo amado a tornava insensível aos efeitos do ar e da estação.

Seu confessor ordenou que usasse uma disciplina comum e abandonasse a corrente de ferro. Ela decidiu dispor a corrente em três fileiras e usar em volta do corpo, depois de passar os pontas do objeto pelo anel de um cadeado, atirou a chave em um canto, onde seria muito difícil de ser encontrada. Essa corrente logo arrancou a sua pele e entrou tão profundamente em sua carne que já não era mais nem visível; uma noite sentiu uma dor tão terrível por conta dessa corrente que acabou desmaiando e estava quase morrendo. A criada tendo acordado com um grito que ela proferiu, rapidamente correu em seu auxílio. Rosa, vendo-se obrigada a confessar a verdade pediu-lhe que a ajudasse a tirar a corrente antes que sua mãe, acordada pelo barulho, viesse a seu quarto. Marianne não achou outra solução além de quebrar o cadeado: mas elas não conseguiram fazer isso e ela foi obrigada a descer para o jardim em busca de uma pedra para quebrá-lo. Enquanto a criada estava fora, Rosa temendo que a mãe as surpreendesse, recorreu à oração, que serviu como uma chave para abrir a fechadura; Pois Marianne, ao entrar com sua pedra, viu o cadeado aberto por si mesmo e separado dos elos das correntes; assim elas conseguiram tirá-lo, mas não sem causar grande dor e uma abundante efusão de sangue. Mal as chagas se curaram e objeto já estava de volta em seu corpo; mas assim que a corrente entrou na sua carne, seu confessou ordenou-lhe que lhe enviasse a corrente e, por obedecê-lo, sofreu a mesma dor e a mesma perda de sangue de anteriormente. Antes de sua morte, Maria de Usategni guardou alguns dos elos dessa corrente sangrenta que exalavam um odor tão doce que todos os que a cheiravam eram obrigados a confessar a origem sobrenatural desse odor.

Ela amarrava os braços, dos ombros aos cotovelos com cordas grossas, o que lhe causava grande dor ao comprimir firmemente os músculos dessa parte roliça. Para sofrer mais, esfregava a pele com urtigas, fazendo de seu corpo uma completa bolha e com os espinhos que entravam profundamente na carne, tirava largas quantidades de sangue. Rosa usava dois cilícios. O primeiro, tendo sessenta centímetros, não satisfazia o seu desejo de sofrimento; apesar disso, o usou até que obteve um outro, tecido com pelo de cavalo com mangas, que ia dos ombros até os joelhos. Ela aparecia ainda mais gloriosa aos olhos de Deus quando trajava esse estranho brasão.



Pois o armou por baixo com uma grande quantidade de pontas de agulhas, para multiplicar seus excessivos sofrimentos por meio dessa engenhosa crueldade. Ela usou esse terrível cilicio por vários anos com uma alegria incrível e só o abandonou por ordem expressa de seu confessor, quando esse item começou a fazê-la vomitar.

Como tinha um desejo insaciável por sofrimentos, ao ver-se sem o seu cilício, escolheu um saco do tecido mais grosso que pôde encontrar e o dispôs perfeitamente na forma de uma camisa. Seria impossível expressar os sofrimentos que esse vestido grosseiro lhe causava; às vezes fazia a sua perspiração fluir em grandes gotas; em outras ocasiões a fazia cair desmaiada e também a deixava incapaz de dar um passo sem grande tortura. Essas austeridades eram insuficientes para satisfazer sua sede de sofrimento: ela também esperava pela hora em que a comida estava sendo preparada na casa para poder expor as solas dos pés ao calor da boca do fogão, onde o calor era mais intenso, para que nenhuma parte do seu corpo ficasse sem uma chaga; e ela os deixava lá até que a dor de seus meio tostados pés a excedesse totalmente.

Esse era o tratamento que nossa Santa infligia em seu inocente corpo, embora seus frequentes ataques de doença lhe suprissem com muitas ocasiões de sofrimentos. Ela teria praticado mortificações ainda maiores e mais cruéis se seus confessores não a tivesse impedido. O que nos espanta em sua conduta é que ela aniquilava a alegria interior que Deus lhe concedia em seus maiores sofrimentos, pois temia que essa doçura espiritual pudesse se estender para o corpo, fazendo-o tomar parte no deleite espiritual de sua alma, pois não queria que os seus sofrimentos fossem suavizados por essas doçuras. Podemos portanto dizer, que suas dores eram plenas pois eram isentas de qualquer consolação; e se assemelhavam, de uma maneira até então desconhecida, àquelas sofridas pelo Filho de Deus em Sua Paixão, durante a qual ele nunca permitiu a parte superior de sua alma, que é soberanamente feliz, comunicar qualquer parte de sua felicidade a seu corpo atormentado. Nós consideramos esse divórcio entre a carne e o espírito em nossa santa, como uma das grandes maravilhas que fizeram dela a admiração do povo peruano. Quando a caridade levou algumas pessoas piedosas a exortá-la a moderar suas austeridades, Rosa respondia: “Como eu não posso fazer nenhum bem, não é justo que pelo menos eu sofra tudo aquilo que eu consiga suportar?”.

CAPÍTULO VI

DA COROA PONTIAGUDA COROA QUE ELA USAVA NA CABEÇA E DA DUREZA DE SUA CAMA.

Os santos predestinados a se assemelharem ao Filho de Deus em seu estado de sacrifício e imolação na cruz, de acordo com São Paulo, a grandeza deles consiste nessa conformidade. “Os quais foram predestinados por Deus para serem feitos conformáveis à imagem de seu Filho " Todos hão de concordar que uma coroa de espinhos na cabeça da Bem Aventurada Rosa seria necessária para fazer dela uma perfeita imagem de Jesus Crucificado e que o retrato não seria fiel se não representasse os sangrentos espinhos que coroaram a cabeça de seu Divino Esposo, e que eram o mais caro objetos de seus pensamentos.

Para copiá-la na realidade, quando muito jovem fez para si uma coroa de peltre, ornada com pequenos pregos pontiagudos; e a colocou generosamente sobre a cabeça sem temer a dor que isso inevitavelmente lhe causaria. Ela a usou por vários anos, mas isso apenas em preparação para uma mais cruel, na qual pregou noventa e nove pontas de ferro; Rosa a usou durante os últimos dez anos de sua vida; e isso a supriu com mais uma ocasião para exercitar seu amor e a sua paciência; pois ao considerar a Coroa de Espinhos de Jesus Cristo colocada sobre cabeça de Santa Catarina de Siena, ela pensou que obteria o mesmo favor. Com ardente desejo de sofrer, fez para si um arco de prata com três dedos de largura, no qual cravou três fileiras de pontos afiados, em honra aos trinta anos que o Filho de Deus viveu sob a terra. Temendo que seu cabelo que estava começando a crescer, impedisse os pontos de entrar, o cortou todo, deixando apenas um punhado na testa, para poder esconder a sua coroa penitencial dos olhos dos homens. Rosa a usava embaixo do véu, o que tornava a experiência ainda mais dolorosa, como o comprimento desses pontos eram desiguais, não furavam todos ao mesmo tempo, mas um após o outro, de acordo com seus diferentes movimentos; de forma que com a menor agitação esses espinhos de ferro rasgavam sua carne e furavam sua cabeça em noventa e nove

lugares diferentes provocando uma dor excessiva; e como os músculos dessa região estão conectados uns aos outros, nossa santa mal podia falar, e quando tossia ou espirrava, esse esforço violento fazia as três fileiras de pontos penetrarem até o crânio, causando uma dor quase inconcebível.

Como só tinha inventado esse tipo de tormento para imitar os sofrimentos do Filho de Deus, ela teria trocado de bom grado esse arco por uma coroa de espinhos, para poder imitá-lo mais perfeitamente; mas seu confessor achou melhor que ela não a trocasse, pois temia que os buracos que os espinhos pudessem supurar. Ela seguiu o seu conselho, vendo que seria muito difícil esconder um coroa de espinhos, pois as pontas seriam percebidas através do véu e revelaria o que ela tanto queria esconder; por essa razão Rosa fez essa coroa de prata, na qual pregou os pontos tão firmemente, que depois de sua morte o ourives não pôde tirar sequer um com os seus instrumentos.

Para aumentar a dor, mudava diariamente o arco de lugar, causando novas chagas ou reabrindo aquelas que estavam começando a sarar. Ela tinha posto cordas nos extremos do objeto, para que atando-o mais de perto, pudesse cravar os pontos em sua cabeça de forma mais profunda; e ao trocá-la de lugar, o que fazia todos os dias, essa coroa lhe pudesse causar uma nova dor. Todas as sextas-feiras, dia que consagrava particularmente à penitência, atava o arco com mais força e o fazia descer sobre a testa até que furasse a cartilagem dos ouvidos em muitos lugares. Sua mãe e o resto da família não souberam da existência dessa coroa de espinhos por um longo tempo, não sem os seus esforços para escondê-la da vista dos demais; mas um dia, enquanto tentava salvar um de seus irmãos da fúria de seu pai, que o estava corrigindo com muita cólera, ao puxá-la para longe, ele acabou colocando a mão, por acaso, na afiada coroa que circulava sua cabeça e como estava tomado pela ira, seu toque foi tão rude que fez três correntes de sangue fluírem de suas chagas; e o ocorrido revelou a sua mãe e aos demais as grandes austeridades que ela praticava secretamente.

Rosa, mais aflita pela descoberta que pela dor do golpe, foi rapidamente para o quarto, tirou a coroa, limpou-a e depois de ter lavado as chagas e parado o sangue, colocou o véu como antes. Sua mãe, tendo a seguido, mandou-lhe tirá-lo; ela então viu a cabeça da filha toda furada ao redor pelos pontos de ferro; e apesar de sentir tanto horror quanto piedade, fingiu

não vê-los pois temia que se lhe tirasse esse instrumento de penitência, Rosa acabaria inventando um outro ainda mais cruel.

Maria de Oliva não deixou de reclamar disso a seu confessor, que exigiu que Rosa lhe enviasse, sem demora, o arco pontiagudo que usava em torno da cabeça. Ela o levou até ele, mas quando o padre viu essa coroa manchada de sangue e empolada com pontos, ficou muito surpreso; e considerando sua constituição delicada, idade e sua frequente doença, o sacerdote tentou persuadi-la a abandoná-la. Rosa, vendo-o usar mais de reprovação que de autoridade, explicou-lhe de forma tão sincera a necessidade que sentia de sofrer esse contínuo martírio, para poder estar conformável à seu Divino Esposo, que ele devolveu-lhe o objeto, não sem antes enervar alguns dos pontos mais afiados. Entretanto, essa compaixão não a impediu de sofrer a mesma dor que antes, pois o resto dos pregos furaram-lhe a cabeça quando ela cravava coroa ou a atava com as cordas. Todas as vezes que o demônio a tentava, Rosa pressionava essa coroa três vezes na cabeça com o dedo, em honra à Santíssima Trindade, e essa mortificação sempre a fazia vitoriosa contra os ataques dele. Depois de sua morte, um grande servo de Deus, ao beijar respeitosamente esse instrumento de penitência, sentiu se inflamado interiormente com o amor de Deus e ficou ao mesmo tempo perfumado com um odor celestial, o que foi para ele um sinal de que Deus havia aceito esse novo tipo de tortura, que a Bem Aventurada Rosa tinha usado para se mortificar.

Em vida, essa fiel esposa do Filho de Deus imitou tão perfeitamente a sua seráfica mestra na dor desse diadema espinhoso, que depois de morta, sendo impossível encontrar flores para fazer-lhe uma coroa, o que é costumeiro no Peru no enterro de jovens garotas, pois a coroa simboliza a glória que elas colhem de sua virgindade no túmulo. Por inspiração divina, tiraram a coroa de espinhos de uma estátua de Santa Catarina de Siena para colocá-la na cabeça da Bem Aventurada Rosa; foi como se essas seráfica amante quisesse emprestar sua coroa à Rosa para honrar seu triunfo e conduzi-la, de uma maneira ainda mais gloriosa, ao trono da Divindade. Várias pessoas de conhecida santidade, a viram entrar no céu com uma palma na mão e uma coroa resplandecente de luz que foi colocada em sua cabeça por Nossa Senhora, para reconhecer por meio desse favor os serviços que ela tinha lhe prestado durante a vida. Mas, retornemos às austeridades e sofrimentos de nossa santa, que mereceram-lhe a glória

desse triunfo. Desde a infância ela inventava muitos meios de tornar sua cama dura e sua mãe tendo percebido isso a obrigou dormir consigo; mas, Rosa conseguiu se mortificar em sua obediência, pois assim que a mãe adormecia, ela se aproximava de um colchão que era estufado com plumas apenas de um lado, no qual havia estado deitada anteriormente e deslizava quietamente para o lado duro dessa dormida, colocando uma pedra grande sob a cabeça como travesseiro. Ela praticou essa mortificação até que a mãe vendo a sua obstinação, disse-lhe que esse rigor a estava desagradando e finalmente deu-lhe autorização para procurar uma cama em outro lugar e dormir como quisesse. Rosa, muito feliz com essa permissão, fez para si uma cama em forma de baú, de madeira grosseira, e colocou dentro uma quantidade de pedras de diferentes tamanhos, para que seu corpo sofresse mais e não pudesse usufruir do repouso que uma cama macia teria lhe fornecido. Essa cama ainda parecendo-lhe suave demais, ela colocou dentro três pedaços de madeira torta e nodosa e adicionou mais sete, enchendo os espaços com trezentos pedaços de ladrilhos quebrados, colocadas de forma a machucar seu corpo. Esse era o luxuoso divã no qual essa insaciável amante da cruz tomava o descanso necessário para recrutar suas forças. Ela sempre mantinha atrás do travesseiro uma garrafa cheia de vinagre, com a qual esfregava os olhos antes de ir dormir e lavava a boca de manhã, em memória daquele que foi dado a Jesus Cristo, seu esposo, na cruz. Quando o Deus Todo-Poderoso a chamou para esse tipo de vida crucificada, ela só tinha apenas um pedaço de tecido grosseiro dobrado por travesseiro; logo depois, não achando isso duro o suficiente para satisfazer seu ardor por sofrimento, passou a usar uma pedra pesada como travesseiro. Sua mãe ficando ciente disso, pelas contusões que essa pedra infligia no rosto dela, a proibiu de usá-la novamente e insistiu que Rosa tivesse um travesseiro, como o resto da família; ela certamente obedeceu, mas estufou tanto o travesseiro com lã, como foi mencionado no começo dessa história, e também colocou galhos de videira e pedaços de juncos quebrados no lugar onde deitava a cabeça, e por meio dessa invenção deixou seu travesseiro tão duro e doloroso quanto antes.

Rosa dormiu por quinze anos nessa cama dura, se não fosse mais correto chamá-la de cruz; ela sofria uma dor terrível, apesar de ser muito generosa e encarar, com intrépida coragem, todo tipo de dor, ainda assim nunca se colocou sobre essa cama sem tremer e estremecer. Seu sangue parecia congelar nas veias de tão violenta que era a emoção que a parte inferior lhe



manifestava à vista da dor que era obrigada a suportar. Nessas ocasiões, quando ela estava meio morta, Jesus Cristo várias vezes lhe aparecia, com um doce e gracioso semblante, dizendo-lhe para encorajá-la: "Lembra-te, minha criança, que a cama da cruz onde eu morri por teu amor, era mais dura, mais estreita e mais dolorosa que essa na qual estais deitada; pensai no vinagre que eu bebi por tua causa e recordai-vos dos pregos que furaram as minhas mãos e os meus pés; então você sentirá consolação nas terríveis dores que agora sofreis na tua cama."

A penitente não deixava a desejar em determinação nessas assustadoras austeridades; mas como esse vigor não se estendia a seu corpo, acabou ficando tão fraca que os confessores lhe ordenaram usar de moderação e tirar ao menos aqueles ladrilhos quebrados, que era o que lhe causava maior dor, mas foi-lhe permitido recolocá-los e dormir sobre eles durante as duas ultimas quaresmas que passou nesta vida. Pois algum tempo antes de sua morte, Rosa passou a noite em um canto do quarto, onde ficou praticamente congelada de frio. O ódio implacável que sentia por seu corpo, ensinou-lhe a recusar todo tipo de conforto; por essa razão, sempre trabalhava de pé e quando não podia mais continuar assim usava um pedaço de madeira muito estreito como assento. Quando perto da morte, não perdeu nenhum pouco do seu desejo de deitar-se em uma cama dura e não queria sentir outra tortura além da dor excessiva que ali suportava; e como os que lhe assistiam se recusavam a colocá-la no chão, como queria. A penitente finalmente conseguiu, por meio de lágrimas e orações, que duas varetas cruzadas fossem colocadas embaixo de sua cabeça e dos ombros, para que pudesse expirar na cruz, como Jesus Cristo, seu Divino Esposo, havia morrido sobre a dele. Algumas pessoas piedosas, que a viram morrer, perceberam nela o semblante o do filho de Deus, com a mesma aparência que ele tinha quando morria no calvário. O Bem Aventurado Raymond de Cápua tinha observado anteriormente o mesmo fenômeno ao visitar Santa Catarina de Siena, quando esta estava doente. A dureza insuportável de sua cama mostra que ela vigiava a maior parte da noite, já que isso a impedia de dormir. Ela se restringia a apenas duas horas de sono e frequentemente não passava todas elas dormindo: só dispunha do tempo restante que passava doze horas em uma aplicação perpétua de sua mente a Deus por meio da oração, e as outras horas ao bordado ou à outras ocupações, para aliviar a pobreza de seus pais.

Apesar de seus jejuns, seus cilícios, a dureza de sua cama, suas meditações quase que contínuas e suas outras austeridades, terem dado-lhe uma grande facilidade em vigiar, o demônio não deixou de usar muitos estratagemas para provocar-lhe sono; mas ela sabia como descobri-los e para vencer seus esforços, batia a cabeça brutalmente contra a parede, golpeava-se duramente com murros e às vezes, amarrava as mãos aos braços de uma cruz grande que ficava em seu quarto, e assim seu corpo ficava pendurado no ar; e se apesar de todos esses esforços, ainda se sentisse dominada pelo sono, amarrava o pequeno punhado de cabelo, que havia deixado na cabeça para esconder sua coroa de espinhos, a um prego grande fixado à parede, e assim, triunfava sobre a tentação.

CAPÍTULO VII

DE SUA SOLIDÃO E DO EREMITÉRIO QUE ELA CONSTRUIU NO JARDIM DE SEU PAI PARA PODER VIVER QUIETA E SEPARADA DOS HOMENS.

A solidão é uma espécie de paraíso para as almas que aspiram à virtude, seja porque estando ali unicamente ocupadas com as perfeições de Deus, transcendem da condição de mortais e se tornam completamente divinas, ou por conta das graças que Deus derrama-lhes mais abundantemente e da familiaridade consigo a que os eleva. Como o seu Espírito é incompatível com o espírito do mundo, ele só fica satisfeito com a solidão e reserva seus carinhos àqueles que se separam do mundo para usufruir da doçura de sua conversação. Assim, falando de uma alma que deseje manter uma união íntima consigo, ele diz que a atrairá à solidão, onde, longe das criaturas, falar-lhe-á ao coração; ou seja, falará familiarmente com ela para mostrar-lhe o caminho que deve seguir para alcançar o paraíso.

A Bem Aventurada Rosa, quando ainda criança, sentiu-se tão atraída à solidão que procurava os cantos mais secretos da casa e se privava de todas as diversões com as quais as crianças da sua idade se divertem, para

atender unicamente a Deus e para não interromper o prazer incrível que começou a sentir em suas doces comunicações com ele. Esse desejo de estar escondida dos olhos dos homens para poder conversar mais familiarmente com seu amado esposo, aumentou com a idade e ela construiu uma pequena cabana no jardim do pai com folhas de palmeira e outros galhos de árvores, tecendo-os tão cuidadosamente que o sol tinha grande dificuldade em penetrar. Rosa ficava praticamente o dia inteiro por lá; de forma que geralmente se dizia na casa, "Se você deseja encontrar Rosa, procurai-a no jardim; isto é seu quarto, sua mesa e seu oratório; ela nunca sai de lá".

Quando mais velha, não sofria tormento maior do que ser retirada de seu eremitério para conversar com as criaturas. Rosa fez tudo o que estava a seu alcance, por meio de orações e lágrimas, para prevalecer sobre a vontade da mãe, pois queria que esta lhe permitisse ficar em uma parte da casa onde não seria vista e também que não mais a obrigasse a ir consigo à cidade. Embora a mãe cedesse em certo grau a suas vontades, ela ainda exigia que Rosa, apesar de sua repugnância, fosse consigo fazer algumas visitas. Um dia quando a mandou vestir-se elegantemente para uma ocasião, Rosa enquanto passava puxou do fogão, uma pedra grande, que caiu tão brutalmente sobre seu pé, que ela foi obrigada a ficar em casa; pois o ferimento, do qual ela mesma foi a causa, a fazia mancar e causava-lhe muita dor.

Um motivo que contribuiu muitíssimo em fazê-la sentir aversão por companhia era porque como a fama de sua santidade estava espalhada por toda a cidade, as pessoas lhe elogiavam e a consideravam uma pessoa de grande santidade e íntima união com Deus: e esses louvores lhe causavam muita dor, uma vez que ela estava completamente persuadida de sua miséria e indignidade. Isso a fez escolher outro estado de vida, para ver-se livre dessa escravidão e não mais ser obrigada a seguir as modas do mundo. Prevendo as dificuldades que a mãe oporia a esse desígnio e crendo que nunca obteria seu consentimento sem a intervenção da Providência, recorreu a Santíssima Virgem, seu costumeiro refúgio nas necessidades e sinceramente suplicou-lhe que dispusesse a mente da mãe para que esta consentisse no seu desejo de abraçar uma vida mais isolada e permiti-la fazer a profissão de uma vida de devoção, para poder ser dispensada dos costumes do mundo os quais não suportava. Para poder obter essa graça,

que tão veementemente desejava, implorou ao sacristão que pusesse no pescoço da estátua de Nossa Senhora do Rosário, um terço coral que mantinha guardado em uma caixa, garantindo lhe que ele estaria fazendo-lhe um grande favor, já que era de grande consequência para ganhar o favor da Santíssima Virgem, que o Divino Infante que ela segurava nos braços pudesse ser a garantia das graças que ela fervorosamente pedia. Apesar de essas palavras serem um enigma ao bom padre, ele prometeu apresentar o rosário; mas como a escada não estava lá, não mais pensou no assunto, até que Rosa, notando sua omissão, repetiu o pedido. Ele então imediatamente mandou buscar uma escada e na presença daqueles que se encontravam na capela, pôs o rosário na imagem da Santíssima Virgem.

Alguns dias depois, o terço foi visto nas divinas mãos do Menino Jesus, como se tivesse sido tirado da mãe, expressamente para dá-lo ao filho. Esse prodígio surpreendeu muitíssimo aqueles que frequentavam a igreja, particularmente o sacristão, que declarou que ninguém havia feito a troca e que devia ser o efeito do poder de Deus. A própria Rosa interpretou isso em seu favor e viu isso com grande deleite, sabendo por esse sinal que Nossa Senhora tinha lhe obtido o favor que ela pediu-lhe e que Jesus Cristo seu filho, segurava esse rosário, para responder por sua bendita mãe e para mostrar-lhe que ele mesmo se encarregou de executar seu pio desígnio.

Com essa confiança pediu a mãe, por meio do Rev. Padre João de Laurenzana, Dom Gonzalez e a esposa, Maria de Usategni, que lhe concedesse um pequeno quarto isolado, onde ninguém da família ou de fora pudesse entrar para falar com ela ou visitá-la, exceto seu confessor, a quem era obrigada a dar conta de sua conduta de quando em quando. A mãe que até então, esteve inflexível às suas lágrimas e súplicas, deu-lhe a permissão de fazer como quisesse por consideração àqueles que lhe fizeram o pedido. Tendo obtido esse consentimento, construiu um pequeno eremitério no jardim, cinco pés de comprimento e quatro de largura. Um de seus confessores achou o ermo estreito demais; mas Rosa respondeu agradavelmente que era suficientemente espaçoso para ela e Jesus Cristo, seu adorável esposo.

Alguns dias depois de lá ter-se trancado, uma santa mulher, que tinha frequentes êxtases viu, em êxtase, a Bem Aventurada Rosa como uma estrela brilhante, os raios da qual não estando confinado aos limites dessa pequena cela, atravessavam as paredes por todos os lados e se espalhavam

sobre a cidade de Lima. Rosa permanecia encerrada nesse eremitério como uma pessoa morta para o mundo, constantemente ocupada ou em oração, ou penitência, ou em algum trabalho e tão absorta em Deus, que vivendo mais para ele que para si mesma, não sabia se sua alma estava separada do corpo ou ainda animada em suas operações.

A fama de suas virtudes induziu as primeiras damas da cidade a visitá-la para usufruir da doçura de sua conversação e para se beneficiarem com seu exemplo. Como não podia proibi-las de entrar e como elas foram cuidadosas em pedir o auxilio de sua mãe, que permitiu-lhes vê-las e que as levou até o local do seu retiro, Rosa as recebeu, apesar de fazê-lo a contragosto, deplorando o tempo que pensava perder com essas civilidades; e embora elas tenham falado apenas de Deus, nossa santa disse que lhe era muito mais agradável e proveitoso falar com Deus, do que falar de Deus.

Essa vida retirada a tornou muito falada, principalmente quando não a viam ir à igreja tão regularmente quanto antes; pois isso é algo costumeiro entre as pessoas devotas, cujos bons exemplos inspiram piedade e frequentemente atraem a Deus pessoas que estão muito envolvidas com o mundo seja pelos negócios ou pela posição social. Uma pessoa escandalizada com essa solidão extrema, perguntou-lhe por que não ia mais à missa todos os dias? Rosa respondeu que, por não poder deixar a casa sem sua mãe, que ficava detida em casa por causa dos afazeres domésticos, Jesus Cristo lhe compensava de forma miraculosa, lhe favorecendo tanto, que enquanto estava em seu eremitério, ouvia toda missa que era celebrada no Hospital do Espírito Santo e até aquelas celebradas na Igreja de Santo Agostinho, que ficava a quatro ou cinco ruas de distância de sua casa. De fato, observou-se em varias ocasiões, que nossa santa tinha esse dom de Deus, de assistir em espírito a todos os sermões que eram pregados nas igrejas de Lima e de dar conta exata deles como se houvesse estado presente no local onde foram proferidos.

Seu corpo era tão obediente às leis de sua mente e sua mente tão perfeitamente submissa à vontade de Deus que não é de se admirar que até os animais irracionais tivessem respeito por sua virtude e dessem-lhe provas de sua obediência. A umidade da terra e a folhagem das árvores que cercavam o eremitério dessa feliz ermitã, atraíam uma quantidade quase inumerável de insetos, com os quais a América é cheia, os quais chamamos de mosquitos; e embora essas pequenas criaturas amem a sombra e sempre



a procurem especialmente ao meio dia, quando o calor do sol é quase insuportável e à noite para se protegerem do frio, ainda assim nenhuma dessa legião de mosquitos, que cobria as paredes, janelas e as portas de sua cela, ousavam posar sobre ela; esses animais mostravam tanto respeito por sua pessoa, que pareciam honrar nela o poder soberano de Deus, que os criou. Eles, no entanto, não mostravam a mesma consideração por sua mãe, nem pelas pessoas que vinham, com permissão de seus guias espirituais, vê-la em seu retiro; pois eles as ferroavam impiedosamente. Três anos antes de sua morte, Rosa mudou-se para a residência de Dom Gonzalez de la Massa, em obediência à seus pais, que estavam ansiosos em conceder-lhe esse favor, o qual havia solicitado sinceramente; e lá ela pediu que lhe fosse construído um quarto tão pequeno quanto o que ocupava em casa, onde passava todo o seu tempo, ambos dia e noite, em oração, exceto quando retornava de tempos em tempos, ao seu primeiro eremitério, para evitar o trato com as criaturas e usufruir da companhia do Deus Todo-Poderoso naquela solidão.

CAPÍTULO VIII

JESUS CRISTO DESPOSA A BEM AVENTURADA ROSA NA PRESENÇA DA SANTÍSSIMA VIRGEM.

O amor sempre tende à união e quanto maior o amor mais íntima a aliança a qual aspira; e como não há união mais íntima que a que une um homem e uma mulher em matrimônio, Deus faz uso dessa expressão para nos ajudar a compreender a união que contrai com as almas justas por meio da graça e da caridade. Dessa forma Ele assegura à alma fiel que a irá desposar; ou seja, que a elevará a honra de uma aliança com Ele e lhe dará um lugar em seu coração e o direito a seus carinhos. É verdade que a graça santificante procura essa vantagem para todos os justos de uma maneira invisível e oculta; mas como há almas singularmente favorecidas e acariciadas por Deus, as vezes ele também as desposa de uma maneira visível, em uma cerimônia de pompa e magnificência. A Bem-Aventurada Rosa leu na vida de Santa Catarina de Siena, sua querida

mestra, que Jesus Cristo tinha elevado essa seráfica amante à um grau tão grande de glória e favor, que a desposou solenemente na presença da Santíssima Vigem, São Domingos e vários outros santos. Embora o amor que tinha ao mesmo Divino Salvador a fizesse suspirar pela alegria de uma graça semelhante, a consciência de sua própria miséria e do seu nada a mantinha em uma humildade tão profunda que ela achava que seria um crime acalentar a ideia, ou sequer formar um único desejo a esse respeito; essa mesma humildade, que a fez julgar-se indigna disso, foi o precioso dote que cativou o coração do Filho de Deus e o induziu a honrá-la de uma maneira similar.

Ele a dispôs para essa aliança divina por meio de milagres; pois a misteriosa borboleta branca e preta, que já mencionamos, depois de ter flutuado demoradamente do seu lado esquerdo, por fim posou sobre seu coração , e não se moveu até ter traçado um desenho semelhante a um coração no vestido de Nossa Santa. Neste momento pareceu-lhe ter ouvido uma voz interior dizer, com muita doçura, "Rosa, minha amada, dá-me teu coração," como se Jesus Cristo desejasse que ela entendesse por meio dessa representação enigmática, que ele lhe daria seu coração em troca do dela, e renovar em sua pessoa o milagre que Ele tinha operado anteriormente em favor de Santa Catarina de Siena, quando tirou o coração dela para colocar o seu próprio coração no lugar.

Uma noite quando a Bem Aventurada Rosa estava absorta em contemplação, Jesus Cristo apareceu-lhe como um homem belíssimo e lhe disse com o semblante sorridente, que ela era um objeto do seu amor; e depois dessa afirmação, mostrou-lhe uma tropa quase que inumerável de virgens, resplandecentes de brilho, que estavam ocupadas em costurar e cortar mármore e a convidou a se juntar ao número dessas castas esposas, às quais viu empregadas neste duro trabalho. Rosa começou a considerar em sua mente essa cena, a qual a arrebatou com admiração, ao mesmo instante viu-se coberta com um manto tecido com ouro e pedras preciosas e colocada na companhia dessas felizes virgens.

É triste revelar a homens carnais, que não compreendem as maravilhas de Deus, e que se escandalizam com a condescendência inefável que ele mostra às almas inflamadas com seu amor, o presente com o qual ele honrou a Bem Aventurada Rosa, ao convidá-la à dignidade de se tonar sua esposa. No domingo de Ramos, dia em que a Igreja celebra a solene e

triunfal entrada do Filho de Deus na cidade de Jerusalém em meio às aclamações do povo, o sacristão, que distribuía as palmas às irmãs dominicanas que estavam na igreja, passou por ela sem entregar-lhe uma, fosse por inadvertência ou pela vontade especial de Deus. Rosa pensou que isso aconteceu por sua culpa e que devia ter estado distraída durante a distribuição. Sentindo-se aflita e confundida, retirou-se para a capela de Nossa Senhora do Rosário, onde, colocando-se de joelhos, começou a suspirar e chorar para expiar a sua falta.

Enquanto solicitava por meio de suas lágrimas o perdão pela negligência que pensou ter cometido, percebeu que a Santíssima Virgem estava com um semblante sorridente; e que, depois de ter-lhe olhado graciosamente, virou-se para falar com o filho, e como se tivesse recebido dele uma resposta favorável a seu pedido, voltou seus olhos novamente para a Bem Aventurada Rosa, como que para parabenizá-la pela felicidade a qual ela se julgava muito indigna, Jesus Cristo, para dar-lhe confiança, graciosamente confirmou-lhe a verdade da aliança que ele tinha contraído com ela na presença de sua Santa Mãe. Quem poderia expressar os dons sobrenaturais da graça que ela recebeu de seu Deus em consequência dessa augusta união? Apenas sabemos do que a própria revelou a um sábio servo de Deus que a dirigia. Quando ele a encorajou um dia a declarar-lhe quais os dons seu Esposo Celestial lhe concedeu como penhor de seu amor e de sua aliança, ela confessou que não possuía eloquência suficiente para expressar a liberalidade magnífica que Deus tinha exercido em seu favor e isso sem sequer levar em conta a sua indignidade.

Para poder ter sempre diante dos olhos um sinal sensível dessa aliança ilustre, pediu a seu irmão que lhe fizesse um anel; ele tirou as medidas para o anel e apesar de não saber nada a respeito desse mistério, disse a irmã que ele mandaria gravar sobre ele: "Rosa de meu coração, eu te recebo como minha esposa." Isso a consolou muito; pois ela viu que Deus o tinha o inspirado a escolher essas palavras. Na Quinta-Feira Santa, pediu ao sacristão para colocar esse precioso penhor do amor de Jesus Cristo naquela parte do tabernáculo onde o Adorabilíssimo Sacramento está encerrado; mas no Domingo de Páscoa ficou muito surpresa ao ver o anel em seu dedo, apesar de não tê-lo pedido de volta, e de o religioso a quem pediu para guardar o objeto, não o ter- lhe devolvido. Ela soube de vez por meio desse milagre que Deus tinha comunicado à esse metal a propriedade

de retornar ao seu dedo e isso só para mostrar-lhe seu ardente desejo de estar intimamente unido à seu coração; e como ele tinha se tornado tudo para ela por meio dessa aliança, ela deveria fazer dele o único objeto de seus pensamentos e afetos. Esse milagre foi muito evidente para sua mãe que estava a seu lado na igreja, e que a assistia de perto, pois ela viu esse anel no dedo da filha sem ter visto ninguém se aproximar para colocá-lo lá.

Um ano após a morte de nossa santa, um grande servo de Deus ao segurar o anel em suas mãos, foi docemente arrebatado em um êxtase; e em meio as inefáveis consolações que Deus derramou abundantemente sobre sua alma, viu essa fiel esposa de Jesus Cristo muito elevada na glória e honradamente colocada entre as maiores santas do Paraíso. Tomado de alegria em vista desse espetáculo maravilhoso, tentou estender à mão para retê-lo, mas não conseguia: o anel parecia ter adormecido o seu braço. Se esse anel nupcial operou uma maravilha tão grande nesse servo de Deus, quem pode compreender a força de seu poder na alma dessa casta esposa?

CAPÍTULO IX

DA ÍNTIMA UNIÃO COM DEUS QUE ELA ALCANÇOU POR MEIO DA ORAÇÃO MENTAL.

O Espírito Santo tendo escolhido a Bem Aventurada Rosa como seu templo, tornou-se ele mesmo seu mestre e lhe ensinou a rezar desde sua mais tenra infância. As luzes sobrenaturais com as quais Ele enriqueceu seu entendimento inflamaram seu coração com um amor tão ardente por esse santo exercício, que nem mesmo o sono, que a necessidade da natureza a obrigava a tomar, não podia distraí-la disso. Pois sua imaginação estava tão completamente absorta nisso, que frequentemente ouviam-na repetir enquanto dormia, o mesmo número de orações vocais que havia recitado durante o dia. Sua piedade aumentava com os anos e ela aplicou-se inteiramente a Deus, aos doze anos alcançou a oração de união por meio da qual "a alma se torna um só espírito com Ele," de acordo com as palavras de São Paulo. Ela tinha dois métodos de conversar com Deus; um em

solidão, quando depois de ter desengajado a mente do cuidado das coisas da terra, retirava-se para o seu eremitério, ou qualquer outro lugar longe das criaturas, para atender única e ininterruptamente a Deus; a outra em qualquer lugar ou em qualquer tarefa que a ocupasse; pois mantinha a mente tão unida a Deus e recolhida nele, que rezava enquanto trabalhava ou exercia a caridade para com os aflitos: assim, quer caminhasse, trabalhasse, ou o que quer que fizesse, ela estava constantemente em oração.

Ela dedicava doze horas diárias ao primeiro tipo de oração, como já mencionamos, a segunda era contínua, a menos que fosse interrompida pelas representações dos horríveis espíritos, dos quais falaremos no próximo capítulo; de forma que ela rezava ininterruptamente, seguindo assim o conselho do grande apóstolo, pois quer dormisse ou vigiasse, conversasse, comesse, lesse livros espirituais, saíssem ou permanecesse na cela, Deus estava incessantemente em seus pensamentos, e ela entretia-se com ele em doces colóquios. Está além do poder da nossa imaginação compreender como, apesar da presença de Deus consumir inteiramente todos os poderes interiores de sua alma, ela ainda agisse nas coisas exteriores com grande presença de mente, dando as respostas adequadas a perguntas e terminando o trabalho que começava. Mesmo se estivesse engajada em tarefas domésticas, os cuidados que muito teriam atrapalhado outra pessoa, não a distraíam da presença de seu esposo, nem das contínuas conversas que mantinha com Ele em seu coração, onde Ele comunicava-lhe os seus favores mais privilegiados.

No momento da oração seus sentidos ficavam tão recolhidos que eles não representavam nada à sua imaginação que pudesse distraí-la de seu diálogo com Deus; quando na igreja, fixava os olhos sobre o altar e nunca desviava o olhar; ficava tão absorta e atenta aos divinos mistérios, que nunca percebia quem eram as pessoas que passavam por

perto; e notava-se frequentemente, que em certas ocasiões que inspiravam os outros com medo ou surpresa, ela não movia nem sequer um músculo, permanecendo imóvel como uma rocha, enquanto as demais pessoas presentes na igreja estavam totalmente aterrorizadas. Rosa passava várias horas do dia e, frequentemente, a maior parte da noite completamente imóvel em oração. Próximo ao fim de sua vida, permanecia em oração em seu eremitério da Quinta-Feira Santa até o Domingo de Páscoa, sua mente estando tão unida a Deus, e tão completamente desapegada dos sentidos



que o corpo perdia todas as forças e ela não conseguia nem se levantar sozinha.

Ela meditava todos os dias nos benefícios de Deus, e nas graças inumeráveis que tinha recebido de sua misericórdia. Dedicou-se por algum tempo a um tipo muito sublime de oração, que consistia em meditar em cento e cinquenta das inúmeras perfeições de Deus; depois de ter tirado disso afeições que acenderam em seu coração as chamas do Amor Divino, honrava cada um desses atributos separadamente com uma adoração de latria. Sua mente se agitava com muitas sensações diferentes durante essa oração, já que formava afeições conformáveis aos efeitos que atribuímos às soberanas perfeições de Deus; medo, esperança, sofrimento, confusão, alegria, desejos e compaixão, tinham uma porção em seus sentimentos, quando contemplava sua justiça, sua misericórdia, sua onipotência, sua sabedoria e os outros atributos que ocupavam seus pensamentos; sentia dois tipos diferentes de agitação, similares às duas pulsações contrárias que os médicos reconhecem no coração humano, que pulsam uma depois da outra; em instante a consideração da vingativa Justiça Divina a precipitava nas profundezas do desespero; logo depois a reflexão de sua misericórdia a elevava ao Paraíso. Esse método de oração não era só muito agradável a Deus, mas nossa santa testificou que também era terrível aos demônios. Seu amor a Deus, que continuamente aumentava pela consideração de seus atributos divinos, tornava suas palavras semelhantes à brasas, que acendiam o mesmo fogo nos corações daqueles com quem conversava; pois ela era cuidadosa em fazer uso de tudo para levá-los a amar a virtude e odiar o vício. Se estivesse com eles em um jardim, falavam-lhes da beleza soberana de Deus, que se refletia nas flores como um espelho, no qual os homens podem ver a pálida representação da fonte da beleza da qual elas tiram sua cor e esplendor. Ela fez uso desses mesmos meios com não menos vantagem para si mesma para elevar seu coração a Deus, adorando-o em todas as coisas sublunares, que considerava como imagens animadas, representando-lhe suas excelências e perfeições. Normalmente acontecia que tudo que via ou ouvia elevava sua mente acima dos sentidos, arrebatando-lhe em um estado de êxtase. Um dia quando estava doente e algo estava sendo preparado para ela comer, um passarinho veio e empoleirou-se perto da janela de seu quarto, e começou a cantar; imediatamente nossa santa se aplicou tão ardentemente à consideração da bondade de Deus, que tinha dado à esse pássaro um tom tão doce para

cantar seus louvores, que entrou em êxtase, no qual permaneceu transportada com amor das nove da manhã até a noite.

No ano de sua morte, um outro pássaro, cuja melodia era ainda mais charmosa, colocou-se no lado oposto do quarto durante toda a quaresma: assim que o sol começava a se pôr, a Bem Aventurada Rosa pedia-lhe que empregasse suas notas em louvar a Deus; ele obedecia e elevando a voz, cantava com toda a força, até que essa esposa de Cristo, recusando-se a perder para um passarinho em oferecer a Deus cânticos de louvor e bendição, o que era mais sua obrigação que a dele, começou a cantar hinos à sua glória, os quais cantou muito docemente; quando ela terminava, esse pequeno corista começava novamente e assim eles formaram um coro no qual cantaram, alternadamente, por uma hora, os louvores de Deus. As seis em ponto, ela o despedia até o dia seguinte e ele era tão pontual que nunca deixava de aparecer no horário marcado.

As graças abundantes que ela recebeu de Deus na oração mental, a fizeram exortar todo mundo a abraçar essa prática, Rosa passava todos os dias várias horas lendo livros que ensinavam o método da meditação, em particular as obras de Frei Luís de Granada. Ela tinha uma eloquência maravilhosa em persuadir os outros à esse exercício; pedia aos confessores que exortassem seus penitentes e pregadores a falarem da excelência da meditação e de sua necessidade para todos que desejassem corresponder à sua dignidade cristã e a obrigação de salvar sua alma. O Rosário da Bem Aventurada Virgem, consistindo nesses dois tipos de oração, mental e vocal, nas palavras e mistérios que o compõe, era a devoção que ela desejava que todos os que subiam ao púlpito exortassem o povo a abraçar e os convencesse a recitar ao menos uma parte dele todos os dias. Seu zelo e exemplo levou muitas pessoas a praticá-lo.

CAPÍTULO X

ELA É ATORMENTADA COM DORES INTERIORES EM UM GRAU TÃO ASSUSTADOR QUE É EXAMINADA POR ALGUNS PADRES QUE DECLARAM O SEU ESTADO SER DE DEUS.

A vida dos santos verifica perfeitamente aquele oráculo do Espírito Santo que Deus prova as almas que ele predestina à glória e que os maiores favores que lhes são dispersos nesta vida, são o prelúdio das cruzes interiores que ele prepara para purificá-los. A Bem Aventurada Rosa depois de ter alcançado uma união muito íntima e perpétua com Deus, começou a ser atacada todos os dias em certos intervalos por uma escuridão e obscuridade tão assustadora, que ela frequentemente passava uma hora inteira sem saber se estava no inferno com os condenados ou no purgatório, com as almas que lá satisfazem a justiça divina. Nessa terrível escuridão, ela não conseguia pensar em Deus, nem formar sequer uma ideia de suas misericórdias e para completar o seu cálice de amargura, tinha em mente uma lembrança confusa do amor que lhe havia tido. Como durante essa reflexão, se encontrava em uma condição muito diferente de seu jubiloso estado anterior, imaginava que não mais conhecia a Deus e que estava reduzida ao terrível estado de nunca ser capaz de amá-lo. Enquanto essas nuvens de escuridão obscureciam sua mente, Rosa via Deus como um estranho, uma pessoa desconhecida, em resumo, como algo tão longe de seus pensamentos e ideias, como se e nunca houvesse tido uma união com ele.

Nessa espécie de desolação parecia-lhe ver ante os olhos uma parede intransponível que a impedia de escapar desse labirinto, o que a fez acreditar que sua condição não diferia em nada da dor da perda que os condenados sentem ao verem-se privados da visão beatífica. Como a morte é o fim de todas as desgraças para o miserável, ela tentou aliviar o rigor das dores terríveis que sofria pela esperança de morrer logo; mas ao refletir, no mesmo instante, na imortalidade de sua alma, e que a morte, que é um alívio tão grande para os outros, não seria o fim de sua tristeza, esse

pensamento levantou medos que teriam sido capazes de atirá-la em desespero, se a Divina Providência que permitia essas desolações, não a tivesse poupado disso. Esse estado de escuridão e inquietação mental a atormentou durante quinze anos, por no mínimo, uma hora e meia todos os dias; seus esforços para bani-los de sua mente só os tornava ainda mais pertinazes; e essa Rosa aflita encontrou agudos espinhos dentro de si mesma que dilaceraram sua alma, pois cria ter sido abandonada por Deus.

Os maus espíritos enchiam sua imaginação como espectros assustadores, e perturbavam sua mente com visões tão horripilantes que apesar dessa corajosa virgem aguentar calmamente a dor mais insuportável, ainda assim ela nunca conseguiu se acostumar com esse tipo de provação, só o pensamento disso era-lhe tão terrível, que quando sentia a hora do seu sofrimento se aproximar, atirava-se ao chão, aos pés de Jesus Cristo e banhada em lágrimas, suplicava-lhe que não a obrigasse a beber desse cálice de horror e amargura, oferecendo-se ao mais cruel tipo de morte, o que lhe era infinitamente preferível a parar de amá-lo por um momento sequer; pois sendo Deus para ela o que a alma é para o corpo, ela se via privada todos os dias daquela vida divina e sobrenatural durante essas tormentas: sabendo, entretanto, que Deus desejava que ela sofresse essas dores, adorava a Vontade de Deus com respeito e dizia-lhe com a mente resignada ás ordens de sua providência, "Senhor, que sua vontade seja feita, não a minha; eu me abandono às vossas dispensações divinas." Essas ansiedades, escuridões, e essas espécies de desolações, exercitaram o julgamento dos mais famosos teólogos de Lima, e houve muito poucos que deram uma opinião decidida; alguns acreditaram que ela estava iludida, ou que o que se passava em sua mente era efeito de suas longas vigílias; outros o atribuíam aos pesados vapores que sua grande abstinência acabou elevando do estômago para o cérebro.

Ela os ouviu com humildade e modestamente disse-lhes que o pouco conhecimento que eles tinham de seu estado era efeito de sua estupidez, que não conseguia explicar-lhes as coisas que se passavam em seu interior. Ela não deixou de tentar algumas vezes, para obedecê-los, a dar-lhes alguma ideia de suas dores fazendo uso de comparações; mas quando as comparou ao fogo, o que parecia mais adequado para expressar sua violência, francamente confessou que não havia nenhuma relação entre o que ela sofria em sua alma e a dor que a atividade desse elemento causa.



Quando falava de suas desolações, dizia que via-se muito distante de Deus por uma grande dissemelhança, que se sentia dominada por seu temor, e nesses dolorosos momentos se imaginava devastada pela tempestade, da qual fala o profeta real, quando esses tristes pensamentos se levantavam em sua alma; ela acrescentou, que durante essa escuridão, queria poder se tornar anátema, isto é, separada de Jesus Cristo seu Deus e seu Esposo; disse-lhes, em síntese, que essas representações a afligiam a tal ponto, que elas teriam lhe causado a morte, se Deus não tivesse preservado sua vida por meio de um contínuo milagre. Ela não foi a única alma que Deus provou dessa maneira terrível: ler-se a mesma coisa na vida de Santa Catarina de Siena; e na história do Bem Aventurado Henry Suso, religioso da Ordem dos Freis Pregadores, é relatado que o Filho de Deus frequentemente lhe aparecia na forma de juiz, com um semblante inflamado, os olhos faiscando de ira e pronunciando, com voz de trovão, essas palavras devastadoras; "Ide, seu maldito, para as chamas eternas."

Interrogada se depois de assim ter sido separada de Deus e sofrer esse eclipse do sol divino em sua alma, ela não recebia dele alguma consolação; Rosa respondeu, que Deus entrava de novo em sua mente com uma luz tão brilhante e acendia um amor tão grande em sua vontade, que ela ficava inflamada com ardor; depois do quê, reentrava no seio de Deus e lá era transformada tão perfeitamente em seu amado, ficando tão intimamente unida à ele, e tão confirmada em sua graça, que nem todas as tentações da carne, do demônio, ou dos homens, jamais a poderiam separar de seu amor.

Embora Deus tenha-lhe revelado e tenha mostrado claramente que estava no caminho certo da salvação e da perfeição, ainda assim, como era muito humilde, nunca deixou de aparecer ante aqueles que desejavam examinar sua vocação e maneira de vida. Além de seu confessor, que a estudou por muito tempo, muitas pessoas celebres por seu aprendizado e piedade, tanto da Ordem dos Freis Pregadores, como da Companhia de Jesus e até o famoso doutor João de Castilho, um homem muito bem versado na vida mística, e que compôs um excelente tratado sobre o assunto, examinaram cuidadosamente tudo o que se passava em seu interior e depois de conferir juntos várias épocas de sua vida, e as coisas extraordinárias que lhe aconteceram, fizeram as seguintes observações: Primeiro, que desde a infância ela experienciou ardente desejos de amar somente a Deus e uma atração tão poderosa à oração que não achava nada mais doce que se

entreter com Deus por meio da oração e elevar sua mente incessantemente à contemplação das coisas celestiais. Segundo, que aos doze anos ela já tinha alcançado diferentes métodos de oração, todos os quais a elevaram a um alto grau de espiritualidade. Terceiro, que toda sua vida tinha sido um contínuo exercício de paciência embaixo das cruzes que tinha sofrido de todas as formas, e pela delicadeza de seu corpo, sua abstinência, sua carência de sono e suas doenças. Quarto, que ela tinha alcançado uma união tão perfeita com Deus, que não conseguia desviar os pensamentos dele, nem mesmo se quisesse aplicá-los à alguma outra coisa; de modo que, nunca desviava a atenção dele por conta de suas ocupações exteriores, nem pela violência de sua doença, que lhe causava dor excessiva. Eles observaram que Deus estava tão presente em todas as faculdades de sua alma, e excitava nela uma tão doce esperança de ser favorecida com suas graças, que era-lhe totalmente impossível encontrar algum prazer na terra, exceto na ideia contínua que tinha de suas misericórdias.

Questionada se havia lido algum tratado de teologia mística; respondeu humildemente, que não estava ciente de que houvesse um livro sobre o tema, ou que ensinasse o método de oração que conduz à vida unitiva. Quando lhe perguntaram quais esforços tinha feito para resistir às suas más inclinações, respondeu que pela graça de Deus, não se recordava de haver encontrado em sua alma alguma oposição às virtudes; muito pelo contrário, pois desde a infância sentia-se fortemente inclinada à piedade, o que a fez abraçar alegremente sua prática. “Eu não estou dizendo,” disse ela, “que nunca percebi em mim movimentos involuntários; mas assim que eu aplicava a mente à presença de Deus, eles desapareciam tão rapidamente que normalmente eu não tinha tempo para resisti-los." Eles também quiseram saber se ela não encontrava alguma satisfação nas coisas terrenas, quando sua mente se tornava um pouco relaxada de sua violenta aplicação a Deus na oração; Rosa contou-lhes que não conseguia possivelmente tomar o mínimo prazer nelas e que sofria inconcebível dor quando sua mente ficava por um momento sem se aplicar a Deus. Esses teólogos, depois de várias conferências, concluíram que sua vida era a obra de Deus; que ela sofria, em algum grau, os tormentos que as almas no purgatório suportam por essas representações, que a oprimiam com medo, e a lançavam em um estado de agonia; e que Deus permitia, por uma dispensação de sua providência, que ela fosse atormentada por essas apreensões infernais, e que seu entendimento fosse obscurecido por essa

escuridão, para mantê-la na humildade e para purificar cada vez mais o seu amor por meio dessas provações. Esses doutores tendo-lhe mandado em virtude da obediência, explica-lhes o estado no qual se encontrava depois dessa secura e terrível desolação, ela corou com essa ordem; medo e modéstia se faziam evidentes, pela cor rosada em seu rosto, bem como a dor que ela sentia ao declarar segredos que até então haviam tido somente a Deus por testemunha; Rosa obedeceu, mas com tanta confusão que sua voz faltou quando declarou, que depois dessa tempestade Jesus Cristo aparecia-lhe visivelmente, ora como uma criança; ora com trinta e três anos de idade; que a Santíssima Virgem normalmente vinha consolá-la, com um semblante tão amável, que sua beleza espalhava consolação em seu interior. Ela também disse que essas visões frequentes operavam nela três grandes efeitos. Primeiro, uma abundância de alegria, que a tornava insensível à todos os prazeres do mundo. Segundo, um amor e um apego a Deus, que a separava inteiramente das criaturas. Terceiro, uma tranquilidade tão admirável das paixões, que não conhecia nada na terra capaz de perturbar sua paz; donde eles presumiram que ela estava em um caminho seguro de grande perfeição. Alguns outros teólogos, por conta do que tinham ouvido a respeito da maneira profunda na qual falava do inescrutável mistério da Trindade das Pessoas Divinas, da hipostática união da palavra com a natureza humana, do livro da vida, predestinação, natureza e graça, e outros mistérios da fé, tinham a curiosidade de conversar com ela sobre esses assuntos sublimes; depois de uma longa conferência com ela, eles confessaram que nunca tinham conhecido uma alma mais iluminada e que nossa santa não tinha alcançado o conhecimento desses mistérios pela vivacidade de sua mente; nem por sua aplicação ao estudo; mas que Deus tinha-lhe dado o entendimento delas por meio de um conhecimento infuso e que ela era apenas o órgão do Espírito Santo quando falava dessas elevadas verdades da religião. Uma coisa que surpreendeu os mais experientes na vida mística foi que ela tinha alcançado a vida unitiva com muito pouco exercício das práticas laboriosas da vida purgativa; e eles observaram com espanto um tipo de combate entre ela e Deus, sem ser capaz de determinar se Deus estava mais ocupado em procurar nos segredos de sua sabedoria os meios de exercitá-la no sofrimento, do que ela em se dispor a sofrê-los por seu amor, pois ela mostrava uma incrível avidez por cruzes e uma invencível paciência, que a fazia vitoriosa sobre suas provações, e sobre toda aflição que o Deus lhe enviava para exercitar

seu amor e fidelidade. Os mais doutos e maiores mestres na vida espiritual, que tinham se reunido para examiná-la, revelaram publicamente que Rosa era governada pelo Espírito de Deus e que agia pelo impulso da graça em sua conduta.

Louisa de Melgarcyo, uma dama de conhecida santidade, estava tão persuadida disso, que todas as vezes que encontrava a Bem Aventurada Rosa, atirava-se de joelhos diante dela, não obstante a resistência que sua modéstia fazia para impedi-la; e quando nossa santa havia passado, essa virtuosa mulher percebia onde seus pés tinham pisado ao caminhar e beijava os rastros com respeito e veneração.

CAPÍTULO XI

DA MANEIRA FAMILIAR QUE JESUS CRISTO, A SANTÍSSIMA VIRGEM, SANTA CATARINA DE SIENA E SEU ANJO DA GUARDA CONVERSAVAM COM ELA; E DAS VITÓRIAS QUE ELA GANHOU SOBRE OS DEMÔNIOS QUE A TENTAVAM.

Se separarmos a familiaridade do amor, nós o privamos do seu deleite e da sua doçura; e quando Aristóteles julgou que não poderia haver nenhuma amizade entre Deus e os homens, foi porque considerava as comunicações íntimas, que são inseparáveis da amizade, derrogatórias ao profundo respeito que eles devem à Divindade, e perigoso por conta da liberdade a que podem se permitir, o que seria capaz de atrair seu ódio e a sua aversão; é porque esse filósofo nunca conheceu a ternura de Deus para com os homens, nem o mistério da encarnação, pelo qual fez-se semelhante a eles. A religião cristã, mais iluminada em seus sentimentos, reconhece uma amizade entre Deus e o homem justo pela graça, e acredita que Deus não só honra as almas que o amam ternamente mas que também derrama sobre elas favores, os quais podemos chamar de um delicioso antegozo da felicidade para eles preparada no Paraíso. As vidas dos santos estão cheias de exemplos e nossa santa nos fornece provas autênticas disso. O Filho de Deus não aparecia visivelmente à Bem Aventurada Rosa apenas no tempo



em que as provações a deixavam, Ele frequentemente a visitava quando ela estava lendo seus livros espirituais, trabalhando, ou bordando, sob a forma de um bonito infante, estendendo seus pequenos braços para acariciá-la e testificar lhe o excesso de seu amor. Rosa estava tão acostumada com essas visões, que quando seu Divino Esposo estava um momento mais atrasado que de costume, fazia-lhe ternas queixas; e como o amor inspira a alma com poesia, compunha elegias para expressar a dor que sua demora lhe causava. Estando uma vez indisposta com uma garganta muito dolorida, Jesus Cristo a visitava com mais frequência que de costume e a tratava com inconcebíveis marcas de bondade; e como nossa santa pensou que não teria uma oportunidade mais favorável para solicitar-lhe o alívio de seu contínuo sofrimento, ele concedeu-lhe o pedido, sob a condição de que ele também pudesse pedir-lhe algo em troca. Rosa tendo concordado e prometido executar fielmente o que quer que a obediência lhe pedisse, Ele disse-lhe que queria que ela retornasse ao seu prévio estado de sofrimento, ela consentiu, contanto que Ele aumentasse suas dores, sendo essa a condição de sua promessa. Um dia, quando relatava com grande inocência e candura esses favores à sua mãe, para consolar seu sofrimento em vê-la sempre doente, ela viu raios no rosto da filha, os quais aumentavam sua beleza, que Rosa pareceu-lhe ser um anjo do Paraíso e não mais uma criatura sujeita a tantas enfermidades.

Um dia enquanto descansava no oratório que foi construído no jardim, sobreveio-lhe uma grande tontura; e sentindo uma grande necessidade de uma bebida refrescante para fortalecê-la, Jesus Cristo aplicou a chaga de seu lado à sua boca e essa casta amante embebeu dali um delicioso néctar, como Santa Catarina de Siena tinha anteriormente feito; de forma que despois de receber esse extraordinário favor, Santa Rosa não era mais meramente a filha dessa seráfica amante; ela tornou-se sua irmã tendo bebido da mesma fonte da qual ela havia tirado o seu ardor e o seu amor.

Estando na casa de uma dama de qualidade, depois de uma longa conversa sobre as coisas celestes, Rosa deixou a dama para ir recitar suas orações; durante sua oração uma garotinha de sete anos de idade, viu o menino Jesus com ela, em uma forma humana, vestido em um traje lindamente colorido acariciando-a de mil formas, o que essa criança relatou. Na casa da senhora Isabel Mexia, o menino Jesus foi visto caminhando familiarmente com nossa santa, falando-lhe e seguindo-a por toda parte: aqueles que

testemunharam essas inocentes familiaridades, viram uma luz ofuscante fluir do calçamento no qual a Bem Aventurada Rosa caminhava durante essa conversação. Como esse incomparável Esposo deu-se inteiramente a ela, ele desejava ser o único dono de seu coração e de suas afeições; e um dia revelou-lhe que estava com ciúmes de uma flor a qual ela gostava muito. Quando caminhava um dia em seu jardim, no qual cultivava flores muito belas, ela viu que uma quantidade havia sido arrancada. Não sabendo quem tinha feito essa injúria, queixou-se disso a seu esposo, mas ficou muito surpresa pois, ao invés de consolá-la, ele fez-lhe esta amável reprovação: "Por que você é tão apegada às flores que o sol faz murchar? Não sou eu, a flor dos campos, infinitamente mais precioso do que todas aquelas que cultivais em seu jardim com tanto cuidado? Sois uma flor e amais as flores! Ó Rosa dai-me teu amor, saiba que fui eu mesmo quem as arrancou, para que vós não mais deis a nenhuma criatura uma parte do coração que me pertence."

A Santíssima Virgem frequentemente a honrava com os mesmos carinhos e familiaridades. Isso é muito evidente quando mencionarmos que a Rainha dos anjos assumiu a responsabilidade de acordá-la. A contínua aplicação de sua mente a Deus e suas extraordinárias austeridades, haviam esquentado tanto seu sangue, que ela quase perdeu uso do sono. Seus confessores queriam que ela consumisse diariamente por algum tempo alface, endívia e sementes de papoula, para recuperá-lo; mas como esses remédios forneceram-lhe apenas uma pequena porção do repouso necessário, a santa encontrava-se tão dominada de sono na sua costumeira hora de acordar, que tinha a maior dificuldade em se levantar. Nessa necessidade recorreu à Santíssima Virgem, a quem a igreja chama de “A Estrela da Manhã" e suplicou-lhe que tivesse a bondade de acordá-la na hora apontada. Nossa Senhora teve a caridade de conceder-lhe esse favor; ela lhe aparecia todas as manhãs e depois de acordá-la, a animava a se levantar por estas ternas palavras: “Rosa, minha criança, levanta; é hora de se preparar para a oração." Uma vez ela estava tão sonolenta que tornou a cair no sono depois de ter sido acordada: a Santíssima Virgem vinha de novo e tocando-a gentilmente, dizia: "Levanta Rosa e não seja preguiçosa." Quando a Santíssima Virgem lhe dava essa pequena reprimenda, ia embora diferentemente da sua forma habitual de se retirar, pois sempre permitia que Rosa visse seu rosto até que ela deixasse o quarto; mas, dessa vez deu-lhe as costas em punição por sua ociosidade. A partir do momento em que

Deus escolheu Santa Catarina de Siena para ser sua mestra, Rosa tinha diálogos tão frequentes com ela, que as feições dessa seráfica virgem pareciam terem sido transferidas para o seu semblante, como aconteceu com Moisés, que foi completamente transformado por Deus depois de ter falado com Ele na montanha; pois ela lembrava a santa tão perfeitamente que, passava na opinião do povo como uma segunda Santa Catarina de Siena. Ela vivia também na mais familiar comunicação com seu anjo da guarda; pois quando Jesus Cristo seu querido esposo estava um momento mais atrasado que de costume em visitá-la no tempo normal. Ela enviava seu anjo guardião para procurá-lo.

Uma noite em seu eremitério, sentiu as ameaças de um ataque de desmaio, ou algum ataque similar e imediatamente retornou para casa por medo de cair doente naquele lugar retirado, onde ninguém poderia ajudá-la. Sua mãe vendo-a muito mudada e a perspiração em sua testa, pensando que ela ia morrer; mandou um criado correr até a confeitaria mais próxima para comprar algum chocolate, que em Lima é comumente composto de cacau, limão e açúcar, para fortalecê-la; Rosa disse-lhe que não se preocupasse, assegurando-a que a bebida já estava a caminho. Sua mãe ficou zangada e disse à criada uma segunda vez para ir imediatamente ao lugar nomeado. Rosa, vendo sua ânsia, disse-lhe que o chamasse de volta e para não se preocupar, pois ser-lhe-ia trago imediatamente da casa do questor. Mal tinha acabado de falar quando um criado entrou na casa entregou-lhe um copo grande de prata, cheio de chocolate, enviado por sua senhora. Sua mãe, grandemente surpresa com uma ajuda tão oportuna, ordenou-lhe, em virtude de sua autoridade, que lhe dissesse como é que ela sabia que esse remédio lhe seria trago. Rosa sorriu e confessou que como seu bom anjo sempre fazia o que ela pedia, o tinha mandado ir à casa da esposa do questor para contar-lhe de sua doença e da necessidade de um pouco de chocolate para restaurar as suas forças.

Sua mãe abria o portão do jardim toda noite antes de ir para cama para que sua filha pudesse ir para o quarto quando retornasse do seu eremitério à meia-noite. Ela esqueceu-se de fazer isso uma vez; e quando Rosa estava se preparando para retornar, viu da janela uma sombra branca flutuando e aparentemente convidando-a a segui-la. Pensando logo que era o seu anjo da guarda escondido sob essa forma: ela o seguiu e quando eles chegaram juntos ao portão fechado, ele se abriu no instante em que a sombra a tocou.



Ela não era familiar apenas com o anjo que Deus apontou como seu protetor, mas com o dos outros também, como foi revelado a um de seus amigos, um religioso, que tendo uma longa jornada para empreender, veio se recomendar às suas boas orações. Ele se saiu bem no começo, mas quando alcançou as vastas planícies de Truxilo, que é uma bela cidade perto do mar, passou por grande fadiga e por duas vezes correu o risco de perder a vida. Quando retornou à Lima, queixou-se com Rosa, acusando-a de não tê-lo ajudado em seus perigos, como havia lhe pedido antes de partir. Ela respondeu que ele era o culpado por esses infortúnios terem-lhe acontecido por não mais estar então no mesmo estado em que esteve quando veio dizer-lhe adeus. Ela então caridosamente mencionou lhe algumas coisas que só poderia ter ficado sabendo pelo anjo da guarda dele.

Se os anjos a amavam e respeitavam, os demônios por sua vez, a tinham em tão grande aversão que não houve nada que não fizeram para fazê-la sentir os efeitos do seu ódio e fúria. O demônio a atacou uma vez em sua cela sob a forma de um gigante; ele tentou por um longo tempo mordê-la; mas sendo impedido pelo poder de Deus de rasgá-la em pedaços, a amarrou e arrastou-a furiosamente pelo chão, até que essa casta virgem suplicou a proteção de seu Divino Esposo por meio destas palavras do profeta real, “Senhor, não abandonai à tirânica fúria desses monstros infernais aqueles que esperam em vós." Então o inimigo fugiu imediatamente. Nada era mais comum em sua vida que os insultos que recebia do espírito maligno. Ele apareceu-lhe um dia e quando ela não demonstrou nenhum medo de sua malícia, ele deu-lhe um severo tapa na bochecha. Outra vez, ele atirou do alto uma grande pedra sobre ela, que a acertou e a fez cair desmaiada no chão. Uma noite quando rezava em casa em um canto, viu o demônio em um cesto grande, fazendo um barulho horrível para distraí-la de sua aplicação a Deus. Rosa soprou a vela e fortificando-se com o sinal da cruz, o desafiou corajosamente ao combate; ele aceitou a oferta e assumindo a forma de um prodigioso gigante, a segurou pelos ombros e a balançou como se fosse rasgá-la em pedaços. Ela não perdeu a coragem, e apesar de seus ossos estarem quase quebrados e os nervos relaxados por esses rudes abalos, riu dele e o reprovou por sua fraqueza, que aparentando ser tão forte, não podia sequer triunfar de sua firmeza. Foi observado que estava frequentemente engajada em combates com os inimigos de sua salvação; e que sempre que era obrigada a se defender de suas tentações, era tão estrepita que nunca parecia temê-los, apesar de eles assumirem formas

horrorosas, capazes de congelar o sangue nas veias das pessoas mais corajosas: ao contrário, quanto mais assustadores eles pareciam, ainda mais corajosamente os atacava. Uma vez, entretanto, foi obrigada a mudar sua tática de defesa e ganhar a vitória pela fuga da seguinte ocasião: - O demônio apareceu-lhe um dia no jardim, sob a forma de um belo jovem. À vista desse inimigo perigoso, retirou-se sem esperar ou falar com ele, e por meio dessa fuga obteve uma vitória completa e gloriosa; pois tendo pegado uma grossa corrente de ferro que havia encontrado, chicoteou-se severamente; e então, coberta de sangue, queixou-se com seu querido esposo por tê-la abandonado nessa ocasião. Jesus Cristo imediatamente apareceu-lhe, cercado de luz, e consolando-a disse-lhe: "Rosa, estais enganada se pensais que eu a abandonei nessa extremidade. Saibas que só conseguistes evitar esse perigo pela minha graça e que se eu não estivesse estado contigo nessa ocasião, vós não teríeis triunfado do demônio, que desejava surpreender-te." Esse incidente na vida de nossa Santa é muito similar ao que aconteceu com Santa Catarina de Siena em uma ocasião. Como Rosa não era menos estimada e favorecida por Deus, ele comunicou-lhe, bem como a essa seráfica amante, o dom do discernimento, para distinguir as verdadeiras revelações de Deus das enganadoras ilusões do espírito da escuridão. Deus tinha-lhe concedido essa graça desde a juventude, e desse tempo ela prescreveu regras infalíveis para o discernimento dos espíritos, descrevendo os efeitos produzidos por eles nas almas. O próprio Jesus Cristo as ensinou a Santa Catarina de Siena e também a Santa Rosa, que se tornou tão experiente que se alguém no Peru tivesse tido a opinião de Platão a respeito da metempsicose das almas, teria acreditado que a alma de Santa Catarina de Siena tinha passado para o corpo de Santa Rosa, sua filha espiritual e fervorosa discípula.



CAPÍTULO XII

DE SUA PACIÊNCIA INVENCÍVEL SOB PERSEGUIÇÃO, NA DOENÇA E EM SEUS OUTROS SOFRIMENTOS.

Como espinhos crescem junto com rosas, assim o sofrimento e a dor parecem ter nascido com a Bem Aventurada Rosa, pois sua vida foi um tecido bordado de sofrimentos, doenças, dores e cruzes que exercitaram a sua paciência do berço ao túmulo, por meio de um longo e tedioso martírio. Quando Rosa tinha apenas nove meses sua mãe perdeu o leite e não podendo pagar uma ama de para amamentá-la, a criou com caldo ao invés de leite. Embora a doce criança tenha sofrido muitíssimo por essa privação e pela violência usada em abrir sua boca a força para que pudesse tomar a nutrição, ela nunca chorou; ao contrário parecia sentir um prazer nisso. Já falamos antes da paciência maravilhosa que demonstrou aos três meses de idade, época em que passou por uma dolorosa operação na qual as raízes de sua unha foram extraídas com pinças, quando não derramou uma lágrima, mas ficou tão imóvel como se fosse insensível à dor.

Mal tinha começado a caminhar, quando viu-se a fonte de uma disputa entre a mãe e a madrinha, cada uma querendo chamá-la pelo nome que tinham escolhido para ela. A mãe queria que a chamassem de Rosa e a madrinha não suportava a ideia de dar-lhe algum outro nome além daquele de Isabel, o qual a sobrinha havia recebido no batismo. O que quer que a bendita criança fizesse era certo de ofender a uma ou à outra. Se respondia pelo nome de Isabel, a mãe a punia severamente; e quando queria corrigir esse erro inocente ao reconhecer o nome de Rosa, a madrinha a tratava com o mesmo rigor.

Como era de um caráter manso, bem oposto ao temperamento impetuoso da mãe, seria difícil enumerar todos os tratamentos cruéis que dela recebeu durante vários anos. Sua mãe achava defeito em tudo o que ela fazia; condenava seu comportamento reservado, criticava seus jejuns, não gostava que ela passasse tanto tempo em oração, nem de sua vida retirada, tão oposta às máximas do mundo. Por essas razões, frequentemente a

repreendia e foi tão longe a ponto de usar milhares de epítetos abusivos, como se a filha fosse uma pessoa infame. À mínima provocação, dava-lhe tapas na cara; mas quando estava encolerizada, não punha limites à seus maltratos; não estando contente em abusá-la com bofetadas e chutes- pegava uma bengala grossa cheia de nós e batia nela com todas as forças. Maria de Oliva começou a tratá-la assim quando Rosa cortou os cabelos, depois de ter consagrado a virgindade a Deus e ela continuou com o mesmo tratamento em muitas outras ocasiões. Aqueles com quem morava movidos por um intenso sentimento de inveja e vexação, por verem-na levar uma vida tão diferente da deles, fizeram tudo o que puderam para desviá-la de seu santo estilo de vida; até ameaçaram denuncia-la à Inquisição como uma garota iludida e hipócrita que estava enganando ao mundo com uma falsa aparência de virtude. Rosa bendisse a Deus sob essas perseguições; ela as sofria com alegria, já que havia lido na vida de sua seráfica mestra que ela também tinha alcançado uma união muito íntima com Jesus Cristo por meio dos sofrimentos. Quando uma dama de qualidade perguntou-lhe porque não pedia à Santa Catarina de Siena para livrá-la dessas perseguições, pois era comumente dito em Lima que Rosa obtinha de Deus, pela intercessão dessa Santa, o que quer que pedisse para si ou para os outros, ela respondeu, "O que essa cara mestra me diria se eu fizesse isso? Não teria ela razão para me repreender por escolher um caminho tão diferente do seu? Ah! que Deus me livre dessa covardia!" De fato, nossa santa tinha mais estima pelos sofrimentos de Santa Catarina de Siena que por suas consolações; e preferia os estigmas com os quais o filho de Deus a honrou a todos as doçuras de seus carinhos, pois considerava ser vergonhoso para uma esposa de Cristo estar um momento sem uma cruz.

Ela desejava o sofrimento com uma espécie de ânsia e quando a Divina providência lhe enviava alguma doença para a dar-lhe oportunidade de sofrer, sentia mais pesar pelo trabalho que dava àqueles que a assistiam que compaixão por si mesma, o que a fazia dizer constantemente, "Ó, como seria vantajoso e agradável estar sempre doente e sofrer grandes dores, se não déssemos tanto trabalho àqueles que cuidam de nós!" Deus que a inspirava com esse grande desejo de sofrimento, supria-lhe com muitas ocasiões de exercer a paciência: era muito raro ela estar um momento sem sofrer dores excessivas e quando não havia nada para afligi-la exteriormente, Deus lhe enviava dores interiores. Quando aqueles com quem vivia relaxavam um pouco em suas perseguições injustas,

enfermidades de todos os tipos lhe sobrevinham. Rosa passou três anos de cama, paralítica, sofrendo grande tortura, sem derramar uma lágrima ou fazer a menor queixa. Essas doenças se levantavam de diferentes causas, que se uniam em seu corpo para aumentar-lhe os sofrimentos. Até os médicos estavam surpresos em vê-la sofrer por tanto tempo, ora com febres terciarias, ora com febres quartãs, que faziam-na queimar de calor e então tremer de frio; pois seu corpo ficava tão enfraquecido e tão seco que mal parecia haver restado algo para nutrir a febre.

Ela de sua parte adorava a Mão de Deus em suas enfermidades, reconhecendo que não procediam de um enfraquecimento do sistema, como é o caso dos outros, mas da particular dispensação de seu Divino Esposo, que as enviava para exercitar sua paciência e para provê-la com oportunidades de mérito e graça. Rosa declarou à um de seus amigos mais íntimos que não achava que houvesse um membro de seu corpo que não sofresse tudo o que podia suportar. Sua paciência era invencível nesses sofrimentos contínuos, e embora suas dores às vezes se elevassem ao mais alto grau de tortura, nunca demonstrou um único movimento de impaciência, nem proferiu uma palavra de repugnância em seguir a vontade de Deus por meio desse caminho da cruz; ao contrário, sempre mostrou uma perfeita resignação e uma respeitosa disposição para sofrer tudo o que havia para ser suportado.

É quase impossível enumerar suas diferentes aflições; pois pensamos serem muito poucas as dores que ela não tenha experinciado ao máximo: 1, sofreu de amigdalite; 2, foi sujeita à asma, que impedia a sua respiração; 3, sentiu por vários anos as severas dores no nervo ciático que a atormentavam noite e dia; 4, esteve várias vezes em perigo de vida por pleurisia; 5, frequentemente caía em convulsões causadas pela dor que sofria na membrana que cerca o coração e pelo seu calor interior, que enviava vapores ao cérebro; 6, raramente esteve livre de febres; 7, devemos confessar que ela necessitou de toda a sua paciência para suportar a dor da gota nas mãos e nos pés; e embora essa aflição seja geralmente o efeito do castigo pela intemperança, essa casta virgem foi cruelmente atormentada por essa enfermidade, embora toda a sua vida tenha sido passada em jejuns e rigorosos exercícios penitenciais.

Em todas essas dores cruéis que sucediam uma a outra e faziam da Bem Aventurada Rosa uma filha da aflição. Ela revelava àqueles que via tocados

por seu sofrimentos que ainda estava muito bem; que Deus a tratava com muitíssima ternura; e que se ele aumentasse suas dores em um grau infinito, não estaria lhe fazendo nenhuma injustiça pois merecia muito mais. Na extremidade de seus sofrimentos, voltava-se amavelmente para seu crucifixo, de onde tirava força e paciência, e dirigia-se a seu Divino Redentor com estas ternas e afetuosas palavras: "Ó, meu Jesus! Ó, meu Jesus! Aumentai meus sofrimentos, mas aumentai também vosso amor em minha alma!" Podemos presumir de uma visão que ela teve um dia, que o Filho de Deus ouvia as orações dessa casta esposa. Ele apareceu-lhe um dia em dois arco-íris muito brilhantes, segurando um par de balanças douradas, onde pesava de um lado os sofrimentos que a humanidade suportava e no outro as graças e recompensas infinitas que ele promete; ela então imediatamente o ouviu enaltecer com magníficos louvores a constância daqueles que sofrem generosamente por seu amor e declarar alto que não há nenhum outro meio de se subir a escada do céu além da escada da cruz.

Essa visão inflamou seu coração com tão grande desejo de sofrer todas as coisas por seu divino amor que ela estava a ponto de ir divulgar à todos os homens as inestimáveis vantagens da aflição e as grandes graças que Deus derrama sempre que envia doenças, perdas, ou qualquer outra visitação; pois esses males aparentes adquirem para aqueles que os suportam, uma infinidade de méritos, que os dispõe para a posse da soberana felicidade. A Bem Aventurada Rosa tirou nova força dessa visão que a encorajou sob o ataque de paralisia que Deus enviou-lhe para coroar sua paciência e que a fez morrer uma espécie de mártir na flor da idade.

CAPÍTULO XIII

DE SEU AMOR POR SEU DIVINO ESPOSO, JESUS CRISTO, E DO MILAGRE QUE SUPLICOU-LHE QUE OPERASSE PARA INFLAMAR OS CORAÇÕES DOS HOMENS COM SEU DIVINO AMOR.

Como a caridade faz os santos, o Deus Todo-Poderoso, que destinou Santa Rosa para alcançar um alto grau de santidade, fez de seu coração, como que um outro Etna, que expelia dia e noite chamas de amor e que estava tão completamente preenchido com esse fogo celestial, que o calor e as faíscas deste eram visíveis em seu semblante durante a oração. Fogo era frequentemente visto sair de sua boca e de seus olhos e, por meio deles, ela era capaz de dar expressão às chamas que a consumiam enquanto conversava com Deus pela oração. Os suspiros ardentes que continuamente proferia, tornavam isso evidente, pois ela era obrigada a permiti-lhes escapar-lhe, para moderar o calor violento do amor que queimava em seu coração.

Essa caridade ardente penetrava tão completamente todas as faculdades de sua alma, que nada saía de seu coração, boca, ou olhos, que não expressasse esse ardor celestial. Ela trazia quase que constantemente essas palavras na boca: "Ó meu Deus! Quem não vos amaria? Ó bom Jesus! Quando começarei a amar-vos como devo? Quão longe estou desse perfeito, íntimo e generoso amor! Alas! Eu não sei sequer como vos amar. Que vergonha! Qual a vantagem de se ter um coração, se ele não estiver totalmente consumido de amor por ti!" Inflamada com essa caridade divina, compôs várias orações jaculatórias para obter esse perfeito amor de Deus, que são tão comoventes que podem produzir nos corações daqueles que as leem os mesmos efeitos que no coração de nossa santa. O seguinte é um exemplo:

"*Senhor Jesus Cristo, Deus e homem, meu criador e meu salvador. Eu estou extremamente arrependida e sensivelmente aflita por ter-vos*

ofendido, porque sois o que sois e porque amo-vos sobre todas as coisas. Meu Deus, que sois o esposo de minha alma e toda a alegria de meu coração, eu desejo, mas desejo com todos os poderes da minha alma, amar-vos com um amor muito perfeito, com um amor muito eficaz, com um amor muito sincero e inefável, o maior que uma criatura possa ter por seu Deus, com um amor incompreensível, com um amor resoluto e invencível nas dificuldades; em síntese, eu desejo amar-vos como amam-vos os santos e os anjos no paraíso. Até mais, Ó Deus de meu coração, de minha vida e toda a alegria de minha alma. Eu desejo vos amar; tanto quanto sou capaz, tanto quanto a Santíssima Virgem, vossa mãe e minha doce senhora, vos ama. Ó salvação de minha alma! Eu desejo vos amar como vós amais a si mesmo. Ó meu doce Jesus! Que eu queime com o fogo do vosso divino amor! Que ele me consuma e faça de minha alma um holocausto à vossa glória."

Rosa estava tão penetrada com esse amor, que era esse o principal tema de suas conversações com os outros; pois sempre que conversava com damas ou jovens garotas, começava sempre por estas palavras: "Vamos amar a Deus; vamos amá-lo com todo o nosso coração." Podemos dizer, em resumo, que o amor de Deus era o sal com o qual ela temperava todas as suas palavras, fosse conversando, ao responder perguntas, ou quando a civilidade a obrigava falar com qualquer um.

Todo o seu prazer consistia em falar desse amor ou em ouvir os outros falarem dele; e quando qualquer outra coisa se tornava o assunto da conversa em sua presença, ela conseguia girar a conversa, e fazê-la cair quase que imperceptivelmente na excelência da caridade e na feliz necessidade que temos de amar a Deus com toda a alma e com todas as nossas forças. Rosa falava muito pouco, mas nessa ocasião ela foi maravilhosamente eloquente. Era fácil perceber pelo fogo que brilhava em seus olhos, que nesses prazerosos discursos sobre o amor de Deus, sua língua era a fiel intérprete de seu coração, e que ela tirava da abundante caridade com a qual seu coração estava repleto a substância de tudo o que dizia. Era prazeroso escutá-la quando rezava no seu eremitério, dando completo espaço a seu amor e exortando todas as criaturas a amarem a Deus, que tinha-lhes dado seu ser. Ela geralmente ficava de duas a três horas nesses transportes, e aqueles que a observavam de perto, às vezes viam-na pegar a harpa e unindo a doçura de sua bela voz à sinfonia do

instrumento, cantava cânticos de louvor a Deus por seu amor para com os homens. Como o amor divino é um fogo, ele não pode ficar tão oculto na alma sem que às vezes não manifeste sua presença por meio de ações de piedade, pelas quais a alma é carregada pelo desejo de agradar a Deus. Santa Rosa refletindo um dia na caridade que Santa Catarina de Siena tinha mostrado a Jesus Cristo, disfarçado sob a forma de um mendigo, ao privar-se de seus trajes para vesti-lo, pensou que poderia imitá-la fazendo uma espécie de traje espiritual e misterioso para o menino Jesus composto por vários atos de virtude. Esta é a fórmula que foi encontrada registrada em sua própria caligrafia:

"Jesus.

Esse ano de 1616, pela graça de meu Salvador e sob a proteção da Santíssima Virgem Maria, eu vestirei meu divino Jesus, a quem a Igreja logo nos representará nascido nu, em uma manjedoura, exposto a toda a rigorosidade do inverno. Eu farei para ele uma roupa de baixo composta de cinquenta ladainhas, de novecentos pares de contas, que recitarei e de cinco dias de abstinência de todo tipo de nutrição, em honra ao adorável mistério da encarnação. Comporei sua fralda de nove visitas ao Santíssimo Sacramento, de nove Saltérios da Santíssima Virgem e de nove dias de jejum, para honrar os nove meses durante os quais ele esteve encerrado em seu casto ventre. Sua capa deve consistir em cinco dias passados sem comer ou beber, cinco visitas ao Santíssimo Sacramento e a mesma quantidade de rosários em honra ao seu nascimento neste mundo. Suas faixas devem ser feitas de três terços de Nosso Senhor; cinco dias de abstinência de comida e de cinco estações, que farei diante do Santíssimo Sacramento. Para as orlas e bordas de suas fraldas e faixas, eu farei trinta e três comunhões extras; assistirei a trinta e três missas; passarei trinta e três horas em oração mental; recitarei trinta e três vezes o Pai Nosso, trinta e três vezes a Ave Maria, Credo, Glória e a Salve Rainha, cada; eu também recitarei trinta e três rosários, jejuarei trinta e três dias, tomarei três mil chibatadas da disciplina, em honra aos trinta e três anos que ele passou na terra. Finalmente, eu ofereço como um presente ao meu querido Jesus, minhas lágrimas, meus gemidos e todos os atos de amor que farei. Com isso eu ofereço meu coração e minha alma, para que não haja nada em mim que não esteja inteiramente consagrado a ele."



Zelo sendo o fruto do amor, extrai seus graus de excelência da causa que o concebe: de forma que se o amor for imperfeito; o zelo é languido e frio. Pelo contrário se o amor for generoso, o zelo é firme e todo abrasado; assim, como o amor que consumia a alma de Santa Rosa era ardentíssimo, ela tinha um zelo incomparável pela glória de Deus.

Não havia ninguém em sua casa corajoso o suficiente para dizer, em sua presença, uma palavra contrária à modéstia: eles sabiam que seu zelo generoso pelos interesses de Deus a levaria a condenar isso imediatamente. Ela não suportava que uma palavra fosse proferida na igreja, muito menos que fizessem do templo um lugar de conversação; seu zelo fechando os olhos ao respeito humano e a toda consideração pela carne e pelo sangue, conferia-lhe uma santa confiança em falar com qualquer um que cometesse esse ato de irreverência. Desde a juventude, quando ouvia seus irmãos e irmãs cantarem ares profanos ou versos imodestos, chorava de sofrimento lhes mostrava, pela abundância de suas lágrimas, o quanto a liberdade de suas palavras feriam seu coração. Ela deve ter sentido isso de fato sumamente; pois tinha uma estima tão grande por lágrimas, dizia que elas pertenciam a tesouraria de Deus e que era um tipo utilíssimo de cédula com o qual podemos comprar o reino dos céus, que não suportava vê-las serem gastas com qualquer causa terrena; então, vendo um dia sua mãe derramá-las generosamente por futilidades, disse-lhe: "Ah, Mãe! Por que desperdiçais esse bem precioso, que pode ser depositado no tesouraria de Deus, para serem usadas quando puderem ser úteis a sua salvação?" Esse zelo a fez dedicar-se tão profundamente aos interesses de seu Divino Esposo, que ela sentia uma alegria incrível quando o via servido e honrado pelos homens; e tendo uma pobre freira retornado ao convento depois de tê-lo deixado escandalosamente, nossa santa mostrou mais prazer nessa ocasião do que teria sentido se a coroa do Peru e de toda a América tivesse sido colocada sobre sua cabeça; e Deus, para aumentar sua alegria, mostrou-lhe em espírito a eminente santidade que essa religiosa arrependida alcançaria por suas lágrimas e gemidos. Seu confessor tendo sido convidado a pregar em uma ocasião importante, quando toda a nobreza da cidade estaria presente, foi atacado por uma febre violenta. Rosa sabendo de sua indisposição, suplicou sinceramente a Deus que lhe enviasse a febre que seu confessor estava sofrendo. Confiante de que sua oração seria atendida, mandou dizer-lhe que se preparasse para essa grande ação, pois ele certamente estaria sem febre quando subisse ao púlpito, o

que ocorreu de acordo com seus desejos; pois ele, para a satisfação de seus ouvintes, desempenhou muito bem essa tarefa honrável, enquanto Santa Rosa sofria os calores ardentes de sua febre.

O Deus Todo-Poderoso testificou sua aprovação do zelo de Santa Rosa em promover a sua glória, por meio de um famoso milagre. No ano de 1617, ano de sua morte, em 15 de abril, por volta das cinco em ponto da tarde, enquanto rezava no oratório de Dom Gonzalez diante de uma bela estatua de Jesus Cristo, Rosa sentiu um tão ardente amor de Deus, que, incapaz de moderar sua violência, levantou-se e começou a falar-lhe e depois de alguns devotos colóquios, começou a suplicar-lhe que acendesse o fogo de seu amor nos corações dos homens. No mesmo instante em que ela fez essa oração, a filha de Dom Gonzalez percebeu que essa imagem do Filho de Deus estava bem molhada de perspiração, pela qual ele revelou, para satisfazer o desejo de Rosa, a imensidão de seu amor para com os homens, para que estes sendo convencidos disso por meio desse prodígio, pudessem desapegar-se das criaturas e consagrá-las a Deus, e amar somente a ele.

Quando soube do milagre, Dom Gonzalez correu até o local e ao ver a imagem suando, mandou chamar imediatamente os Rev. Padres Diego Martinez e Diego Penalosa, para que eles pudessem ser testemunhas oculares desse prodígio. O primeiro estando impedido, veio o segundo e tendo entrado no oratório, viu o suor e limpou-o com algodão. Ele percebeu que essa substância miraculosa aumentava a medida que era limpada. Esse milagre durou quatro horas, na presença de um número de pessoas de consideração, a quem esse prodígio havia atraído ao local. Todos viram várias gotas de perspiração, tão grandes quanto as contas de um terço, aparecerem sucessivamente no rosto da estátua uma após a outra, e escorrerem do cabelo ao pescoço: quanto mais se limpava, mais abundante o suor ficava, mas essa substância não danificava as cores da pintura; ao contrário, parecia um verniz, que conferia-lhe um brilho adicional. Dom Bartolomeu Lobo Guerrero, o então arcebispo de Lima, apontou Dr. Juan de la Roca, cura e arquidiácono da igreja metropolitana, como juiz, para examinar esse milagre juridicamente. Quando a examinação foi concluída e as disposições das testemunhas tinham sido tomadas esse suor foi declarado miraculoso, não procedendo da frieza do lugar, nem da untuosa humidade do óleo, com o qual as cores usadas na pintura haviam sido

misturadas, mas que era o efeito da onipotência de Deus, que agia quando queria fora das leis da natureza e acima das regras da arte.

Dom Gonzalez ficou muito constrangido com isso: pois temia que esse prodígio pudesse ser um sinal percussor da justiça de Deus, que pretendia, talvez, punir algum pecado secreto cometido por algum membro de sua família; mas Santa Rosa pôs um fim em sua apreensão, dizendo-lhe que Jesus Cristo nessa imagem tinha suado para animar a humanidade a amá-lo. Esse milagre, que tão docemente convidava os homens a amarem a Deus, realizou o caridoso desejo de nossa santa, pois todos aqueles que tiveram uma demonstração ocular disso sentiram um fogo interior, que os inflamou com o ardor da caridade de Jesus Cristo e eles foram felizmente perfurados com os dardos de seu divino amor. Esse prodígio foi fonte de um outro milagre, pois Santa Rosa tendo se machucado gravemente por uma queda, os cirurgiões temiam que ela morresse, ou que no mínimo ficasse deficiente para o resto da vida; mas, ela tendo mais confiança em Deus que na eficácia dos remédios, pensou que certamente seria curada se mergulhasse um pequeno algodão no suor da imagem e o aplicasse a seu braço machucado; mas por causa da alegria que sentia em sofrer, não ousou fazer isso sem antes falar com seu confessor e obter sua permissão. Ele quis que ela seguisse a primeira inspiração, crendo que o Deus Todo-Poderoso a tinha-lhe enviado para manifestar seu poder por meio de um novo milagre. Assim que aplicou esse algodão humedecido ao braço, sentiu os nervos retornarem ao lugar, as cartilagens ficarem fortes, o tumor afundar e os músculos serem estendidos. Isso foi uma fonte de assombro para os cirurgiões, que tinham perdido a esperança de curar esse mal, que havia resistido aos seus remédios.

CAPÍTULO XIV

DE SUA DEVOÇÃO PARA COM O SANTÍSSIMO SACRAMENTO, EM DEFESA DO QUAL UMA VEZ PREPAROU-SE PARA SOFRER O MARTÍRIO.

Se a união da alma com Deus é o princípio de sua felicidade e de seu progresso na virtude, necessariamente segue-se, que a devoção para com o Santíssimo Sacramento do Altar é o meio mais eficaz de se chegar em um curto espaço de tempo à perfeição da santidade. Dessa inexaurível fonte de graça, Santa Rosa tirou força, luz e calor. Por meio desse canal sagrado, Deus se comunicava intimamente com ela e, em resumo, foi pelo frequente uso desse adorável mistério que possuindo a plenitude de Deus em si mesma, ela foi capaz de dizer com São Paulo, que já não mais vivia uma vida humana e natural, mas que Jesus Cristo seu Divino Esposo vivia nela, já que a graça desse augusto sacramento a tinha transformado totalmente nele.

Rosa comungava regularmente três vezes por semana, frequentemente cinco vezes. Em algumas circunstâncias de sua vida, comungava todos os dias, de acordo com as ordens dadas a ela por aqueles que regulavam sua consciência. Como esse Sacramento Divino só opera de acordo com as disposições de seu receptor, Santa Rosa preparava-se para recebê-lo por meio da confissão, a qual frequentava não por rotina, como o fazem muitos no mundo que professam devoção e que confessam suas imperfeições sem nenhum pesar por elas, mas, com um coração contrito, tentando apagar seus pecados com um rio de lágrimas e obter o perdão da misericórdia de Deus por meio de suspiros. Na véspera da comunhão, normalmente jejuava rigorosamente a pão e água e tomava a disciplina até sangrar e por meio dessas austeridades procurava imitar a Jesus Cristo seu esposo, que é como uma vítima imolada nesse mistério.

Ela também tinha o santo costume de preparar o coração para a recepção desse sacramento por meio de um número de orações jaculatórias, as quais usava para expressar a amorosa impaciência que sentia em possuí-lo; em

resumo, ela se dispunha tão cuidadosamente para cada comunhão, como se fosse usufruir desse felicidade pela última vez na vida. Todas as vezes que comungava, ficava tão transportada de amor, que o fogo da caridade que consumia sua alma se mostrava bom seu semblante e ficava tão vermelho e às vezes tão brilhante, que até mesmo os padres ficavam tomados de medo e temor, quando traziam a hóstia sagrada para ela comungar. Rosa frequentemente ficava cercada de luz no altar; ás vezes parecia possuir uma beleza sobre-humana e aqueles que notavam essa mudança a teriam confundido com um anjo, se seu rosto não voltasse a sua expressão normal; e muitas pessoas piedosas afirmaram ter visto sair de seus olhos, mãos e de quase toda parte de seu corpo; raios tão brilhantes como o sol, enquanto ela fazia sua ação de graças depois da comunhão. Seus confessores quiseram algumas vezes obrigá-la a declarar os efeitos admiráveis que esse adorável sacramento operava em sua alma; ela obedeceu, mas a cada palavra parava um pouco, achando difícil expressar os sentimentos de sua mente e o que se passava em seu interior; entretanto disse-lhes, para dar-lhes uma pálida ideia dessas coisas, que seu coração, sua mente e todo o seu ser ficava, como que, transportado em Deus; que experienciava uma alegria tão excessiva, que todos os prazeres da terra não se comparavam àqueles que ela provava neste magnífico banquete, onde o Deus Todo-Poderoso parece fazer daqueles a quem admite a essa suntuosa festa, participantes em sua felicidade e em sua divindade. Rosa também declarou para eles que ali encontrava uma saciedade completa; e que tirava disso uma força tão extraordinária, que embora antes da comunhão estivesse completamente fraca de jejuar e da perda do sangue que tirava das suas veias por meio das disciplinas, de forma que às vezes era obrigada a descansar no meio da igreja, não podendo alcançar o altar sem antes parar para recuperar o fôlego, ela saía da santa mesa com a mesma força que o profeta Elias sentiu depois de ter comido pão assado nas cinzas, o qual é o símbolo da eucaristia e da força que ela comunica àqueles que a recebem. Depois da comunhão sentia um vigor, que restaurava tão completamente a sua força exaurida que conseguia voltar para casa sem dificuldade.

Seus familiares são testemunhas, de que a saciedade que encontrava na mesa sagrada a reabastecia tão completamente, que ela se trancava em seu quarto ou no eremitério sem tomar nenhuma nutrição, e lá permanecia até a noite, e frequentemente até o dia seguinte, devotamente ocupada e completamente; extasiada nos castos abraços de seu Divino Esposo; e

quando seus parentes a chamavam ou viam procurá-la na hora das refeições, ela, que tinha jejuado no dia anterior, se desculpava, dizendo, que era-lhe impossível tomar alguma coisa; de forma que se sabia que ela as vezes jejuava por oito dias inteiros; e em imitação à Santa Catarina de Siena, e não tomava nenhuma outra comida além daquela que tinha recebido no banquete dos anjos na Santa Comunhão. Ela tinha um amor tão grande para com o Santíssimo Sacramento, que em seus dias de comunhão assistia a toda missa que era dita até o meio dia com um recolhimento tão grande, que sempre mantinha os olhos fixos sobre o altar, e embora um grande número de pessoas passassem e repassassem continuamente diante dela, ela não via ninguém.

Quando a oração das quarenta horas acontecia em alguma igreja, ela ia ao templo e lá ficava imóvel diante do Santíssimo Sacramento, completamente absorta em Deus da manhã até a noite. Rosa não pensava nem em comida, nem em bebida e apesar do extremo calor do país exigir que ela aliviasse sua sede com pouco de água, ela sentia em seu coração um fogo de amor mais impetuoso que aquele que a aquecia corporalmente, e isso a fazia esquecer o necessário refrigério. O seguinte era o seu método de proceder durante as oitavas do Santíssimo Sacramento, e a maneira em que passou os últimos quatro anos de sua vida. Rosa não estava satisfeita em apenas acompanhar o Amado de seu coração em procissão ao sepulcro na Quinta-Feira Santa; ficava em sua companhia por vinte e quatro horas, com um respeito tão profundo que não ousava se sentar, nem sequer se inclinar um pouco contra a parede para suportar sua extrema fraqueza. Qualquer um que a visse de pé, imóvel, banhada em lágrimas, de quando em quando olhando para o céu e suspirando na amargura de seu coração, a teria tomado por uma nova Madalena, inseparavelmente atada ao sepulcro de seu querido mestre pelas invisíveis correntes de seu amor. Quando o Santíssimo Sacramento era carregado pela cidade até os doentes, sentia-se tão transportada de alegria ao som do sino, que essa emoção interior penetrava todo o seu corpo. À vista de seu Deus, ajoelhava-se onde quer que estivesse e depois de o adorar, prostrada por terra, acompanhava-o até os doentes e o seguia até a igreja com inexprimível satisfação, pensando-se infinitamente feliz nessas ocasiões, as quais dizia serem-lhe extremamente favoráveis para prestar sua homenagem ao filho de Deus, seu soberano senhor.

Rosa tinha muito prazer em lavar as peças de linho da igreja e em fazer e reparação com esmero de tudo o que envolvesse a decoração do altar. Ela fazia flores de ouro e prata para esse propósito; e por temor que o tempo que passava nessas obras de piedade pudessem impedi-la de ajudar a sua família, que em parte dependia de seus trabalhos para a subsistência, devotava-lhes parte da noite, tirando as horas de seu sono para consagrá-las ao embelezamento da Casa de Deus. Seu amor por esse adorável mistério era tão generoso, que uma vez decidiu defendê-lo da ira dos hereges à custa de seu sangue e de sua própria vida; pois temendo que eles tomassem posse do Santíssimo Sacramento e fizessem dele matéria de profanação e sacrilégio, correu à igreja para opor-se a sua violência por meio da força, embora não duvidasse que eles desdenhariam de sua resistência e rasgá-la-iam em pedaços se ela tentasse se opor ao seu desígnio. Isso aconteceu da seguinte forma:

No mês de agosto de 1615 uma poderoso frota dos Estados Gerais da Holanda apareceu na costa do Peru. A vanguarda do inimigo já era vista se aproximando de Lima, a quem essa frota tinha tomado de surpresa, o povo pensou ter visto os barcos da tripulação do almirante e dos outros navios com uma quantidade de soldados prontos para a guerra. Todo mundo estava em lágrimas; nada se ouvia além do choro das mulheres e das crianças, e os homens se preparavam para se defenderem em tal confusão e desordem, que nada podia ser esperado além da ruína do país. Rosa que não via esses hereges como inimigos de seu país, mas como os inimigos mortais de Jesus Cristo, não pensava em nada nessa consternação geral além de defender o Santíssimo Sacramento a custa de sua própria vida; pois ele encontrava-se exposto nas igrejas da cidade. Ela animou suas companheiras e as exortou a morrerem generosamente pela defesa desse Augustíssimo Mistério. Com a resolução de sofrer ser massacrada por esses soldados, ela se dispôs a resistir corajosamente a sua violência; subiu os degraus do altar com a mesma resolução que Santo Ambrósio representa Judite ter agido ao aproximar-se do campo dos inimigos de Deus, para lutar e morrer lá. Rosa sabia muito bem que não conseguiria resistir a violência daqueles que a levariam à morte; mas preparou-se para a luta, para honrar a fé nesse grande sacramento.

Pelos seus olhos brilhantes, o ar orgulhoso e o tom de voz, que era o de uma heroína exortando as tropas ao combate, ela poderia ter sido tomada

por uma Minerva Cristã, armada em defesa da religião, ou por uma leoa furiosa, que avançava contra as armas dos caçadores, carregando seus pequeninos. Ela foi encontrada nesse estado de preparação e resolução para morrer nos degraus do altar pela mão daqueles soldados hereges, quando a notícia chegou de que a frota tinha levantado âncora e partido sem nenhuma manifestação de hostilidade. Em toda parte de Lima ouvia-se o povo bendizer a Deus; cada um expressava sua alegria e gratidão; só Rosa que parecia inconsolável nessa alegria geral; pois sofria por ter perdido a chance do martírio o qual considerava tão próximo. Ela tinha um desejo tão sincero de morrer uma mártir, que todos os dias pedia do Deus Todo-Poderoso a graça de derramar seu sangue e de morrer pela mão de uma pessoa sacrílega ou um carrasco. Ela frequentemente se arrependia de não ter nascido naqueles tempos quando os tiranos cruelmente massacravam os cristãos, pensando que então não teria falhado em perder sua vida por Jesus Cristo.

Esse desejo de martírio, o qual nem a paz da Igreja, nem o pequeno prospecto que ela via em ser exposta à perseguição de hereges e infiéis, pôde extinguir de seu coração, frequentemente a fazia dizer com lágrimas nos olhos a Francis Hurtado de Bustamante, "Ó Deus! Quem me dera poder encontrar a oportunidade e os meios de ir aos países pagãos distantes, para poder morrer pelas mãos dos bárbaros por Jesus Cristo meu querido esposo!”.

CAPÍTULO XV

DE SUA DEVOÇÃO PARA COM UMA IMAGEM DE NOSSA SENHORA, AO SINAL DA CRUZ E A SUA QUERIDA MESTRA SANTA CATARINA DE SIENA.

Por mais de um século o povo da cidade de Lima honrou uma estátua da Santíssima Virgem na igreja dos freis pregadores, sob o nome de Nossa Senhora do Rosário, uma devoção que esses monges tinham ensinado ao povo na época em que plantaram a fé por meio de suas instruções nas mais célebres províncias da América. Mas antes de falarmos das graças que Santa Rosa recebeu por esses meios, devemos voltar no tempo e mostrar o que fez o povo tão devoto dessa imagem.

Era uma estátua de madeira de Nossa Senhora, de cinco pés de altura, que os primeiros cristãos espanhóis que passaram pelo Peru com nossos antepassados trouxeram da Europa consigo para ser a poderosa protetora de seu projeto. Ela segura o Menino Jesus com o braço esquerdo, e com a mão direita oferece um Rosário. Quando se estabeleceram nesse país e construíram essa famosa cidade agora chamada Lima, ergueram uma maravilhosa igreja para os religiosos da Ordem dos Freis Pregadores, sob o nome do Santo Rosário, a qual foi a primeira paróquia onde pias batismais foram erguidas para a regeneração dos filhos espirituais de Jesus Cristo no Novo Mundo; e colocaram nela essa imagem, que era honrada pelo povo com uma veneração especial, por conta dos favores assinaláveis recebidos pela proteção da Santíssima Virgem do Santo Rosário. O ano de 1535 foi marcado por um desses exemplos de seu patrocínio. Os índios tinham se reunido perto de Caxaguana, na província de Cusco, em um número de duzentos mil, para massacrarem os Cristãos; e estavam confiantes da vitória, já que o exército espanhol oposto a eles consistia apenas de seiscentos homens. Nessa consternação os religiosos colocando-se à frente das tropas cristãs, os exortaram a implorar a proteção de Nossa Senhora do Santo Rosário. Eles o fizeram e repletos de confiança em sua assistência, declararam guerra à essa grande multidão de índios. No momento em que a

batalha começou eles viram no ar a Santíssima Virgem, sob a forma em que é representada na Igreja do Santo Rosário, segurando um cajado em sua mão e ameaçando os índios com a morte se eles não se retirassem. Os infiéis ficaram tão alarmados com essa visão e tão ofuscados com o esplendor que cercava a Santíssima Virgem, que imploraram clemência e se submeteram não somente à Espanha, mas também ao fardo de Jesus Cristo, ao tornarem-se Cristãos. Essa vitória memorável aumentou a devoção do povo para com Nossa Senhora do Rosário tanto, que Felipe IV, rei da Espanha, tendo colocado o reino do Peru sob a proteção da Santíssima Virgem, em 27 de maio de 1643, e tendo dado noticia de sua intenção ao arcebispo, o vice-rei e o magistrado de Lima, os exortou a escolher alguma imagem da Santíssima Virgem, e que lhe dirigissem suas orações, para poderem obter seu socorro nos perigos que ameaçavam o país.

Quando as ordens de sua majestade católica foram recebidas, o arcebispo, o vice-rei e os dois estados, o eclesiástico e o secular, escolheram Nossa Senhora do Rosário para ser a protetora de todo o Reino do Peru, e resolveram que o povo deveria ir todos os anos em procissão na segunda feira na Oitava da Páscoa, à Igreja dos freis pregadores, para oferecerem-lhe suas orações. Essa procissão acontecia todos os anos com grande pompa; a imagem de Nossa Senhora era carregada da igreja pela cidade. A guarnição militar estando armada; o capítulo da catedral, os religiosos, o vice-rei, os oficiais e os magistrados a acompanhavam. A devoção para com a imagem era tão grande que todos os dias uma multidão de pessoas vinha rezar diante dela.

Santa Rosa passava algum tempo em oração de joelhos diante do altar no qual essa imagem se encontrava, com grande devoção, que aumentava cada vez mais em seu coração quando percebeu que essa estátua inanimada lançava-lhe olhares de ternura e fazia certos sinais como se quisesse acariciá-la, e manifestar por meio desses movimentos miraculosos, o amor que a Santíssima Virgem, de quem essa estátua era apenas uma cópia, lhe tinha. Ela notou a mesma afabilidade no Menino Jesus, a quem essa imagem representava como abraçando; às vezes o via sorrir, estendendo os braços para acariciá-la, e dava-lhe tantas marcas por meios desses sinais visíveis, que correspondia ao amor que Rosa lhe tinha, que ela se sentia tão certa disso como se tivesse visto seu afeto por ela pintado ou gravado em

letras grandes. Parecia que esse infante queria deixar sua mãe para se atirar nos braços dela e acaricia-la com maior facilidade. Na cidade, era tido como certo que Rosa obtinha o que quer que pedisse do Paraíso quando rezava diante dessa imagem, e ela mesma se sentia tão segura de obter o que quer que pedisse pela intercessão de Nossa Senhora, quanto como se tivesse recebido do paraíso documento oficial, garantindo todas as graças que ela pedia para si ou para os outros.

Ela também era muito devota de outra imagem da Santíssima Virgem a qual honrava particularmente em seu oratório em casa, porque havia observado que essa imagem dava sinais de vida; mudava de posição, se aproximava dela, sorria-lhe, e lhe oferecia os mesmos carinhos como se fosse verdadeiramente a Santíssima Virgem, e não apenas uma mera cópia da original. Quando uma dama que tinha vindo vê-la estava relatando na presença dessa imagem os grandes milagres que a Santíssima Virgem operava todos os dias em Anchota, um lugar de devoção em Madri na Espanha, em favor das pessoas devotas que vinha honrá-la, e dos doentes que procuravam sua proteção para obter de Deus a cura de suas doenças, Rosa notou, durante essa conversa, que a imagem dava grandes sinais de alegria, olhava para ela com um semblante sorridente e brilhava mais que de costume.

Todos os sábados adornava a capela do Santo Rosário com flores que tinha cultivado expressamente para esse propósito. Nunca se soube que ela tenha falhado nesse ato de devoção; e no verão, quando o calor do sol seca todas as plantas, bem com no inverno, quando o frio torna os jardins improdutivos, o altar era visto tão ricamente ornado com flores como no tempo da primavera. Ela também tinha se encarregado de adornar essa imagem, à qual tinha uma devoção tão grande; mas a vestimenta espiritual que compôs de suas orações, jejuns, disciplinas, lágrimas, e de todos os atos de virtude que praticou como um ornamento para a Rainha dos Céus foi-lhe muito mais agradável do que se ela a tivesse vestido com algum material caríssimo. O seguinte é o método que praticou, o qual ela mesma escreveu:

"Jesus, Maria.

“O traje espiritual que eu, irmã Rosa de Santa Maria, indigna serva da Rainha dos Anjos, preparo com vossa ajuda, para a Santíssima Virgem,

Mãe de Deus. 1, sua túnica consistirá de seiscentas Ave Marias, a mesma quantidade de Salve Rainhas, e de quinze dias de Jejum, em honra à alegria espiritual que ela sentiu na sua alma quando o arcanjo anunciou-lhe a encarnação da palavra em seu casto ventre. 2, o material para esse robe misterioso será de seiscentas Ave Marias, seiscentas Salve Rainhas, quinze rosários, e quinze dias de jejum, em honra a alegria que ela sentiu ao visitar sua prima santa Elizabete. 3, eu o bordarei com seiscentas Ave Marias, a mesma quantidade de Salve Rainhas, quinze rosários, e quinze dias de jejuns, em honra da alegria que encheu seu coração quando o Filho de Deus nasceu no mundo. 4, o broche será feito de seiscentas Ave Marias, seiscentas Salve Rainhas, quinze dias de jejuns em honra da alegria interior que sentiu em oferecer seu filho Jesus Cristo no templo. 5, seu colar será feito de seiscentas Ave Marias, a mesma quantidade de Salve Rainhas, quinze dias de jejuns e quinze rosários, em honra à alegria que ela sentiu em encontrar seu filho no templo, no meio dos doutores depois de tê-lo perdido. 6, o cetro que eu colocarei em sua mão será feito de trinta e três Pai Nossos, trinta e três rosários, trinta e três Glórias e trinta e três Salve Rainhas em honra aos trinta e três anos que Jesus Cristo, Deus e homem, viveu na terra por nossa salvação." Um pouco mais abaixo ela escreveu:

"*Que Deus seja glorificado eternamente e sua puríssima mãe, a Virgem Maria, honrada por toda a criatura! Eu fiz essa vestimenta espiritual e me absolvi dessa devoção, pela ajuda da graça de meu Deus, que supriu por meus defeitos*."

Rosa tinha uma devoção incrível ao sinal da cruz; abraçava todos os dias uma grande cruz de madeira, que tinha em sua cela no jardim, com tais sentimentos de amore respeito, que era fácil ver que ela trazia seus mistérios profundamente gravados no coração. Sempre que via uma cruz, se ajoelhava para venerá-la. Ela tinha o mesmo respeito por tudo o que formasse a figura de uma cruz; pois quando via alguma representação dela em pedaços de madeira encruzados; ou nos galhos entrelaçados das árvores ou nas cercas, ou em pedaços de palha, ou nos ferrolhos das portas, sentia-se interiormente movida pela forma do sinal da nossa salvação e nunca passava sem mostrar marcas de respeito e veneração. Entre as plantas e flores que cultivava no jardim de seu pai, tinha um grande pé de alecrim, os principais galhos dessa planta formam uma cruz. A esposa do vice-rei do



Peru pediu-lhe uma muda; não sendo capaz de recusar um presente tão pequeno a uma dama do mérito e da qualidade dela, enviou-lhe uma; mas assim que foi plantada no jardim dela, a planta morreu. O confessor de Rosa tendo lhe contado isso, ela respondeu que não era de se admirar; pois a cruz não pode existir em meio aos deleites e vaidades da corte. Ela pediu que a planta lhe fosse enviada de volta e tendo-a replantado, em quatro dias estava tão verde e tão bonita quanto antes.

Os membros da confraria de Santa Catarina de Siena costumavam carregar sua imagem, adornada com uma coroa de flores e pedras preciosas, em volta da cidade todos os anos. Rosa que a honrava como sua querida mestra, e a amava como mãe espiritual, não suportava que ninguém mais lhe prestasse esse serviço; ela planejava tudo tão bem que, foi encarregada com a obrigação de realizar a tarefa, ocupando-se dessa função enquanto viveu, com grandes sentimentos de ternura e devoção, que ao fazê-lo dava-lhe mil beijos e expressava por meio de palavras inflamadas o amor que lhe tinha. "Ó minha querida mestra," dizia ela um dia, "Como eu me arrependo de não ter dinheiro para te vestir com um novo traje!" Assim que terminou de falar, um escravo de Madame Hierome de Gama trouxe-lhe o dinheiro que ela tinha desejado para esse pio desígnio.

Um dia, em maio, que é a estação do inverno na zona seca, querendo adorná-la como de costume, foi procurar flores no jardim, mas não encontrando nenhuma, ordenou a uma raiz de cravo que lhe fornecesse com alguns cravos. E imediatamente várias flores bonitas apareceram na planta, apesar de não ter havido nenhuma prestes a florescer antes. Ela juntou da mesma maneira uma quantidade de rosas de uma roseira. Esse milagre acontecia tão frequentemente que já não causava mais surpresa ao povo de Lima e das redondezas. Não era sem razão que ela honrava com devoção especial a imagem dessa virgem seráfica; Rosa frequentemente a via cercada de luz celestial e esteve presente no milagre que ela operou ao curar Frances de Montoya, ao livrá-la dos efeitos de uma chama sulfúrea que tinha entrado em seu olho, e que teria levado a perda dele se não fosse por essa assistência miraculosa. Ela mesma experienciou os efeitos da bondade e do poder de sua querida mestra, quando sofreu de gota, a doença inflamou tanto suas mãos que ela não conseguia sequer mover os dedos.

No ano de 1616, Rosa desejando adornar a imagem da santa para carregá-la em procissão na festa de São Domingos, que se aproximava, pediu-lhe

que lhe permitisse continuar a execução de suas obrigações usuais. Depois de sua oração, pôs os dedos dentro dos anéis da tesoura sem refletir sobre sua enfermidade, e pelo tamanho ao qual seus dedos e estavam inchados ela não teria conseguido fazer isso sem um milagre. Essa assistência, que sua boa mestra lhe deu, a encheu de alegria e muito surpreendeu o questor, sua esposa e vários médicos e eles confessaram que isso era o efeito do poder divino, que a tinha curado instantaneamente.

CAPÍTULO XVI

DO SEU ZELO PELA SALVAÇÃO DAS ALMAS, E DE SEU CUIDADO EM ASSISTIR OS POBRES EM SUAS ENFERMIDADES E NECESSIDADES.

Amor verdadeiro sendo sempre acompanhado pelo zelo, segue-se que não se pode amar perfeitamente o filho de Deus, que tem um interesse tão grande na salvação das almas que remiu com seu precioso sangue, sem também ser zeloso pela felicidade eterna dos pecadores por quem ele sofreu a morte. Como o zelo era a característica de São Domingos e como ele ainda inflama os corações daqueles entre seus filhos a quem a igreja destina para ganhar almas, não precisamos ficar surpresos que Santa Rosa, sua amada filha, recebesse o espírito de zelo desse grande patriarca juntamente com o hábito de sua ordem, como ela mostrou durante toda a sua vida um zelo infatigável pela conversão dos pecadores, e nunca deixou de pedir a Deus por eles por meio de suas orações e também geralmente pelo seu sangue, a graça de serem restaurados à sua amizade.

Quando quer que lançasse os olhos às altas montanhas da América do Sul, chorava pela perdição eterna do povo bárbaro que habitava no meio delas. Seu zelo sendo tão ilimitado quanto sua caridade, ela também deplorava a condenação da quase inumerável multidão de pagãos no Novo Mundo, que não tinha nenhum conhecimento de Deus, nem dos adoráveis mistérios da religião; desejava ser rasgada em pedaços e colocada no portão do inferno,



como uma teia para impedir os homens de se precipitarem nele, como o fazem todos os dias.

Ela exortava as pessoas religiosas, sempre que as encontrava, com palavras de fogo, a irem pregar o Evangelho aos índios idólatras, aconselhando-os especialmente a evitar a retórica rebuscada, que corrompe a pureza da palavra de Deus; e a não se apegarem às inúteis sutilezas das escolas, nem às questões que lá são levantadas, a menos que elas possam ser úteis à conversão dos infiéis. Às vezes dizia, em um transporte de zelo, que se Deus a tivesse feito com um sexo diferente, se aplicaria a estudar, para trabalhar, com todas as suas forças, pela conversão das almas; e que quando seus estudos estivessem concluídos, penetraria as províncias mais distantes e as nações mais bárbaras da América, para iluminar esses selvagens com a tocha da fé, ou para terminar sua vida por meio de um glorioso martírio. Vendo-se incapaz de executar esse caridoso desígnio, como não podia fazer essas longas jornadas, resolveu adotar um menino, e criá-lo para o estudo e a oração, com ajuda das esmolas que recebia e do dinheiro que ganhava por seu trabalho, para poder enviá-lo para pregar aos infiéis quando ele fosse capaz disso.

Um de seus confessores estando relutante na decisão de acompanhar alguns bons religiosos em uma missão aos índios, para a qual estavam se preparando, ela cedeu para ele metade do mérito que deve ter ganhado pelas boas obras que performou pela graça de Deus, para animá-lo à esse projeto, no qual a salvação de um grande número de almas estava em questão. Se ela tinha um zelo tão grande por esses pobres índios, o que diremos daquele que manifestava pela salvação dos cristãos, que são como, São Paulo diz, da mesma casa de fé, quando os via em perigo de se perder por seus crimes e excessos? Ela tomava todos os dias severas disciplinas pela conversão deles; e como não podia manter para si o zelo que a inflamava, revelou por meio destas palavras que as vezes proferia: "Ah, se me fosse permitido exercer a função de pregador, eu iria dia e noite, de pés descalços, aos lugares mais públicos, coberta com um cilicio e carregando uma grande cruz nos ombros, para exortar os pecadores à penitência, e para representar-lhes a aterrorizante severidade dos julgamentos de Deus". Por essa razão modestamente aconselhava aqueles que estavam envolvidos no ministério apostólico, a fazerem desses assuntos o tema principal de seus discursos, a renunciarem os ornamentos da retórica mundana e a se



absterem daquelas declamações estudadas, que são mais adequadas ao teatro que ao púlpito, porque pregadores são estabelecidos pelo Deus Todo-Poderoso para serem pescadores de homens, isto é, para tirá-los do pecado e do inferno por suas ferventes exortações.

Como estava animada pelo espírito de seu fundador, São Domingos, ela teria considerado-se degenerada da gloriosa qualidade de filha, se não tivesse imitado sua ardente caridade pelos outros; portanto todo o seu objetivo era atrair os homens a Deus, para arrancá-los do vício, e inspirá-los com um amor pela virtude. Nunca falava com ninguém sem levar a conversa à necessidade de conhecer, amar e servir a Deus, e da obrigação contraída por todo cristão de levar uma vida santa, de renunciar as máximas e às vaidades do mundo, e se vestirem com Jesus Cristo, pelas virtudes que ele praticou para dar-nos exemplo. Ela estava tão persuadida das verdades que proferia e tão profundamente tocada por elas, que dificilmente falava com alguma pessoa sem ganhá-la para Deus, e induzi-la a mudar de vida.

O Deus Todo-Poderoso frequentemente fazia uso dela de uma forma miraculosa para contribuir para a conversão de várias pessoas engajadas em vício. Um jovem de classe alta, mas que cuja vida não correspondia com esse sangue nobre, desesperado para casar-se com Rosa, a quem amava apaixonadamente, procurou algum conforto ao menos no prazer de vê-la; ele esperava cuidadosamente por essa oportunidade, caiu nas graças da mãe dela, e pediu-lhe que mandasse ela fazer colarinhos de linho para ele, os quais fingia querer. Quando sua mãe a chamou para falar com ele e acompanhá-lo à loja do vendedor de linho, o Deus Todo-Poderoso revelou a Rosa as más intenções desse jovem cavalheiro, cujo nome era Dom Vicente Montelis Venergas. Assim avisada pelo céu, ela o encontrou com civilidade, falou-lhe fortemente e o preencheu com um medo tão grande dos julgamentos de Deus, que ele a deixou inteiramente convertido, e tão tocado com o que ela havia-lhe dito, que se entregou inteiramente a Deus e aplicou-se tão diligentemente ao cuidado de sua salvação, que desde então viveu em sentimentos de exemplaria piedade e geralmente comungava toda semana.

Ela contribuiu não menos para a salvação de uma mulher cujo temperamento forte a fazia cair em excessos de impaciência constantemente, que era impossível viver com ela e ter quinze minutos de paz. Ela foi um dia visitar Santa Rosa em sua cela e essa santa virgem deu-

lhe um discurso sobre a mansidão que o Filho de Deus nos ensinou por suas palavras e exemplo; e mostrou-lhe tão eficazmente a excelência e necessidade dessa virtude, que é, em algum grau, o espírito da Cristandade, que essa mulher venceu seu temperamento tempestuoso, contando à todos que ela havia sido privilegiada com as admoestações de nossa Santa, e que a doçura de seus olhos e palavras extinguiram para sempre nela os caprichos impetuosos de ira a qual seu temperamento e um longo mal hábito continuamente levantavam em seu coração.

O confessor de Santa Rosa, padre Peter de Louysa, sabendo da grandeza de seu zelo compassivo, informou-lhe que uma certa pessoa religiosa estava sofrendo dores terríveis em sua agonia, foi visto suar, estremecer e tremer com uma viva apreensão do rigor dos julgamentos de Deus. Ela implorou a esse bom padre que o confortasse e para animá-lo a esperança pela representação da infinita misericórdia de Deus; e para oferecer-lhe por ela uma parte de todo o bem que ela havia feito durante sua vida no serviço de Deus, para suprir o que quer que estivesse lhe faltando antes que ele pudesse entrar no paraíso; e para dizer-lhe que ela ficaria feliz em saber do estado de sua alma depois da morte, para poder continuar com suas orações e sufrágios por ele se fosse preciso. Ele ficou muito confortado pela liberalidade de Santa Rosa, e morreu em grande tranquilidade. Alguns dias depois, o Deus Todo-Poderoso lhe revelou que a alma dessa pessoa estava na posse da felicidade eterna.

Vai, talvez parecer surpreendente, e não sem razão que o funeral de Santa Rosa tenha sido honrado com os choros, lágrimas e gemidos do povo, e que eles foram ouvidos lamentar amargamente terem perdido, na pessoa de Rosa, sua mãe e sua governanta, já que ela mesma era tão pobre, e tão desprovida com os bens dessa vida, que era obrigada a sustentar a família, parcialmente, por seu próprio trabalho; no entanto, não precisamos ficar espantados com isso se refletirmos que a caridade é poderosa, e o zelo que a acompanha é criativo em inventar meios de ajudar os outros em suas necessidades, quando se encarrega em fazê-lo. Ela os assistia primeiro, pedindo para eles nas mansões da cidade, onde sua virtude a tornava bem recebida, e onde a distribuição de abundantes esmolas lhe era confiada. Segundo, dividindo com eles a caridade que recebia para si mesma, como se sabia que ela tinha de sustentar seus pais e a família. Terceiro, ao privar-se de coisas essenciais à vida para ajudá-los. Em espírito de Caridade se

absteve por oito dias, para poder dar a um pobre homem o dinheiro que teria gasto em nutrição durante esse tempo. Quarto, ao dar-lhes as coisas de que ela mesma estava precisando. Sua mãe tendo lhe dado seis metros de tecido para fazer véus e aventais, e outros artigos de vestimenta, os deu a duas muito pobres, mas muito virtuosas jovens senhoras. O Deus Todo-Poderoso operou vários milagres para permiti-la dar esmolas, e ele nunca deixou de suprir as necessidades da família por meios extraordinários quando Santa Rosa confiando em sua providência, corajosamente doava o que era destinado ao sustento deles.

Um dia quando não tinha nada para dar a uma pobre mulher, que lhe pediu pelo amor de Deus para dar-lhe algumas roupas para cobrir suas pobres crianças que estavam quase nuas, ela pegou uma grande capa pertencente à sua mãe, e sem nenhuma permissão além daquela que recebeu interiormente de Deus, que a inspirou a performar essa ação, entregou-lhe. Sua mãe ficou descontente com esse tipo de liberalidade, Rosa humildemente suplicou-lhe que não ficasse chateada e a assegurou-lhe que Deus, que tinha lhe dado esse pensamento, lhe faria retorno além do custo da sua capa. Ela não foi enganada em sua expectativa; pois no mesmo dia um estranho veio e lhe deu cinquenta porções em dinheiro. Três dias depois, a dama Maria da Sala lhe enviou por um servo, um pedaço de tecido grande o suficiente para fazer uma outra capa; e no dia seguinte os dominicanos lhe deram vários pedaços de sarja como se eles todos tivessem se reunido, para que pudessem retornar à mãe de nossa santa mais do que a sua caridosa filha tinha dado ao pobre.

Sua caridade foi ainda mais longe. Ela fez de si a atendente e enfermeira dos pobres. Tomou consigo uma jovem dama órfã, chamada Jane de Bovadilla, de Azevedo, que além de sua grande pobreza, que a obrigava a viver na extremidade dos subúrbios da cidade, tinha um câncer no seio, do qual ninguém podia aguentar o insuportável odor. Deus revelou sua condição à Santa Rosa: imediatamente ela foi vê-la, ofereceu-se para ajudá-la e para que pudesse ser capaz de fazer isso, ela a persuadiu a vir para a casa de seu pai, onde lhe prestaria todo o tipo de assistência. Ainda assim, como sabia que sua mãe era muito apegada aos próprios interesses, disse-lhe que lhe alugaria um quarto na casa e que lhe daria o dinheiro para que ela mesma pagasse, apenas pedindo-lhe que guardasse segredo. Rosa alugou o quarto, trouxe a dama para lá, de quem cuidou caridosamente e



trabalhou mais que de costume para obter o dinheiro necessário para pagar o alojamento, o qual a dama não abandonou até estar perfeitamente recuperada.

Sua mãe tendo descoberto isso um pouco depois, deu-lhe permissão para trazer para casa pessoas doentes e depois dessa permissão Rosa exercitava sua caridade indiferentemente para com as pobres mulheres e garotas que encontrava nas ruas, independente de sua condição. Ela não estava satisfeita em dá-lhes um alojamento; tratava de suas enfermidades, fazia suas camas, cuidava de suas ulceras, lavava suas roupas, e em síntese, lhes prestava todo tipo de serviço, não fazendo distinção entre a espanhola e a índia, a livre e a escrava, a europeia ou a negra africana. Não havia doença, por mais repulsiva que fosse, que essas pobres mulheres estivessem sofrendo, que não chamassem à ação a infatigável caridade de Santa Rosa, que cuidava delas dia e noite.

Quando não tinha pessoas doentes para assistir em casa, ia praticar a caridade no hospital; e quando percebia alguém cuja doença causava aversão, devotava-se à seu serviço; e independente da repugnância que pudesse sentir, realizava-lhe os mais abjetos serviços. Ela não praticava essas virtudes sem uma forte oposição da parte da natureza; mas corajosamente resistia e triunfava sobre isso, pela violência que fazia a seus sentimentos, do que o que se segue é um exemplo. Ela foi um dia visitar uma garota na casa de Isabel Mexia, que estava muito doente e que tinha sangrado dois dias antes. Quando nossa santa viu o sangue verde e corrompido que tinha sido tirado dela em um prato, sentiu o estômago se revirar com a visão. Envergonhada por essa fraqueza, pediu a criada, que ia jogar o sangue fora pelas ordens dos médicos, para lhe entregá-lo: e levando-o consigo para um outro quarto, o bebeu até a última gota, imitando sua boa mestra Santa Catarina de Siena, por meio dessa virtude heroica, que tendo sentido a mesma fraqueza à vista de um terrível câncer, do qual uma pobre mulher, a quem ela servia, estava sofrendo, encheu um vasilhame com a matéria e o bebeu corajosamente, para vencer a rebelião da natureza.

Sua caridade era às vezes mais forte que a morte; pois ela restaurou à saúde várias pessoas; e podemos dizer que o Filho de Deus, para mostrar o mérito da misericórdia que ela exercia para com eles; tinha comunicado a suas mãos uma virtude miraculosa para curá-los; e como anteriormente ele



transmitiu uma virtude tão eficaz à sombra de São Pedro que ela restaurava a saúde, parecia que ele havia renovado essa maravilha em nossa santa; pois frequentemente a própria vista dela operava a cura. Citaremos apenas um exemplo, do qual o povo de Lima foi testemunha. Dom Juan d'Almansa, um homem de classe alta, estando perigosamente doente, desejou muito falar com Santa Rosa mais uma vez antes de morrer. Ela foi vê-lo, para dar-lhe essa satisfação. Quando entrou no quarto, percebeu uma beleza celestial em seu semblante, donde concebeu uma firme esperança de que ela obteria do Deus Todo-Poderoso sua cura, que era o único que poderia tirá-lo do estado ao qual estava reduzido. Enquanto ela falava com ele, ele dormiu com esse pensamento consolador e acordou tão perfeitamente recuperado como se nunca estivesse estado doente.

CAPÍTULO XVII

DE SUA CONFIANÇA EM DEUS E DA PROTEÇÃO QUE ELA RECEBEU DELE EM SUAS NECESSIDADES.

Uma alma que provou da bondade do Deus Todo-Poderoso não pode duvidar de suas misericórdias, pois sabe que ele está sempre disposto a protegê-la e assisti-la, e a mesma caridade que inflama sua vontade, ilumina seu entendimento por meio de seu brilho, dá-lhe um conhecimento tão perfeito de seus atributos divinos, que encontra continuamente motivos para confiar. São Paulo firma isso nas três perfeições de Deus, que são por assim dizer, os agentes de seu amor, de sua providência, de seu poder, de sua sabedoria e de sua bondade.

Como Santa Rosa tinha frequentemente experienciado seus efeitos na amável conduta de Deus para consigo, confiava nele completamente em suas necessidades corporais e espirituais, e nas dos outros para quem solicitava graças. Ela tinha muito prazer em meditar ou em pronunciar essas palavras do Profeta Davi, "Vinde ó Deus em meu auxílio. Ó Senhor apressai-vos em socorrer-me." Ela as tinha constantemente na boca e no coração. Sua confiança em Deus nunca a permitia formar a mínima dúvida

de três coisas em particular, das quais estava tão certa de obter como se tivesse tido uma revelação do céu. 1, nunca duvidava de sua salvação; 2, da inviolável amizade do Deus Todo-Poderoso por ela; 3 de seu auxílio todo poderoso nas necessidades e perigos nos quais pudesse necessitar de sua proteção. Rosa foi uma vez atacada com um grande temor a respeito do inescrutável mistério da predestinação, o qual é, de fato, capaz de aterrorizar até as almas mais constantes e virtuosas. Deus não a deixou por muito tempo nessa ansiedade; ele falou-lhe essas palavras de consolação no interior de sua alma: "Minha criança, saiba que eu só condeno aqueles que, por resistirem à minha graça, vão obstinadamente perder suas almas: continuai, portanto, a fazer bom uso delas, viva em paz e não mais perturbai-vos com esse medo." Depois que recebeu essa resposta favorável de seu Divino Esposo, ela tinha uma certeza tão firme de sua salvação, que quando Don Juan de Castille perguntou-lhe se ela havia tido alguma revelação, onde recebeu a garantia de sua salvação, Rosa confessou-lhe que Jesus Cristo havia lhe revelado que ela foi predestinada à glória desde toda a eternidade; e quando deitada em seu leito de morte, devastada pelas dores que sofria, recebeu do Paraíso a garantia de que sua alma não passaria pelo fogo do Purgatório e que o Deus Todo-Poderoso estava satisfeito com o que ela havia suportado da violência de sua doença, pela qual havia satisfeito plenamente sua Justiça Divina.

Em um êxtase que teve uma vez em sua cela no jardim, viu em um momento a terra a sua volta toda coberta com rosas. Como ficou muito surpresa em ver essa aparição singular no inverno, Jesus Cristo apareceu-lhe, e depois de tê-la acariciado, mandou-lhe juntar as flores. Ela o fez e as entregou a ele; mas ele só pediu uma, dizendo-lhe: "Vós sois esta flor, da qual tenho um cuidado mais especial." Essa casta esposa imediatamente entendeu o significado dessas palavras misteriosas e ficou muito consolada em ver que Deus a mantinha em sua mão direita, que é o lugar reservado para os seus eleitos, como uma rosa escolhida de um grande número de outras. Ela pegou o restante das flores, e fez delas uma guirlanda, a qual colocou respeitosamente sobre a cabeça de seu Divino Esposo, que desapareceu depois de tê-la recebido com um gracioso semblante e ter-lhe dado sua bênção. Ela tinha a mesma certeza de perseverar na graça e na amizade de Deus até a morte, por uma revelação pela qual ele deixou claro para ela, que a tinha confirmado nesse amor, do qual nunca seria separada nem mesmo por um instante durante sua vida.

Nesse espírito de confiança, um dia disse a seu confessor que, ele teria mais sucesso em fazê-la crer que ela era uma pedra ou um tronco de madeira, que persuadi-la que o Deus Todo-Poderoso sentia horror ou aversão por ela. Essa grande confiança a fortificou maravilhosamente em todas as dificuldades e perigos que são inseparáveis dessa vida, e que tão frequentemente a perturbam. Ela encarava bois furiosos na rua sem mudar de caminho, apesar de sua mãe e todos os outros correrem para dentro das casas mais próximas para evitar o encontro, e gritarem-lhe para correr, pois temiam que ela acabasse sendo assassinada; Rosa contentava-se em dizer, que estava certa de que esses bois não a machucariam; o que foi confirmado em duas ocasiões, para o espanto dos espectadores, que pensavam que sua morte seria inevitável.

Quão grande era sua confiança em Deus para as coisas necessárias à vida! Um dia vendo que não havia nenhum dinheiro em casa para a compra de provisões e nem um pedaço de pão para comer, abriu um baú na certeza de que Deus, que nunca abandona aqueles que nele confiam, proveria para eles. Rosa não se enganou; pois o encontrou cheio de pães de fôrma, de uma cor mais clara e de um formato mais diferente daqueles que eles estavam acostumados a comer. Em outra ocasião o mel, que é muito usado no Peru, estava em falta, e seus irmãos informaram-lhe que não havia sobrado uma única gota. Rosa cheia de confiança em Deus, foi ao local e encontrou um vasilhame completamente cheio de mel de excelente qualidade, que supriu a família por oito meses.

Quando seu pai Gaspar Florez, estava doente e oprimido de tristeza por não poder pagar a soma de cinquenta libras que devia, e que foi pressionado a retornar, Rosa sendo informada disso, foi à igreja pedir a Deus para assisti-lo nessa ocasião, e que não permitisse que ele fosse confundido. Quando retornou, viu um estranho entrar na casa e entregar a seu pai uma pequena bolsa, que continha precisamente a soma que ele precisava para satisfazer seu credor. O Deus Todo-Poderoso favoreceu a família de Rosa em muitas outas ocasiões e por meios miraculosos, para recompensar sua confiança admirável nele, nas grandes necessidades às quais sua família estava frequentemente reduzida.

Sua confiança não dizia respeito apenas aos assuntos e necessidades temporais; ela a manifestava particularmente nas coisas relacionadas à glória de Deus, até mesmo ao ponto de encarregar-se, apesar de sua

pobreza, de fornecer os fundos necessários para a construção do Monastério de Santa Catarina de Siena, que ia ser levantado. Ela disse-lhes que eles não tinham nada a fazer além de cavar as fundações, coletarem os materiais e procurar trabalhadores, e que ela pagaria por tudo: O Deus Todo-Poderoso revelou-lhe que sua confiança o agradava, e que ele não a abandonaria nessa ocasião. Essa resolução foi discutida por todos de acordo com seus diferentes humores, mas quase todos reprovaram a decisão, alguns chamando isso de um empreendimento precipitado, outros definiram isso como insolência e presunção; até mesmo a mãe dela ficou irritada, e a chamou de tola e de visionária, por falar em levantar um prédio que custaria dez mil, e mais, quando ela não tinha um só centavo. Rosa respondeu humildemente, que Deus era o fiador de sua palavra, e que dentro de poucos anos ela veria esse Monastério construído. Sua mãe ficando ainda mais zangada, a chamou de boba e extravagante. "Bem, Mãe, você mesma experienciará a verdade dessa predição, pois entrarás nele; lá receberás o hábito da religião; farás seus votos e morrerás na paz de Nosso Senhor". 'Eu me tornar uma freira! Gritou sua mãe; "que probabilidade há disso? Eu sou velha e pobre e nunca tive o mínimo pensamento de uma vida religiosa." Ela não falhou, entretanto, em verificar a predição de sua santa filha; pois no ano de 1629 depois da morte do marido, recebeu o hábito da ordem desse monastério, aos sessenta anos: tomou o nome de Irmã Maria de Santa Maria, e quando seu noviciado se completou, fez a profissão e morreu felizmente poucos anos depois. Sua pobreza não foi obstáculo para sua recepção, pois ela preencheu uma das vagas, reservadas pela fundadora, para meninas pobres, que eram para serem recebidas gratuitamente. Falaremos desse monastério no próximo capítulo.

Nota-se pelo que dissemos que o cuidado que ela tinha em ajudar aos pobres e em supri-los abundantemente com o necessário na doença, estava firmado apenas em sua generosa confiança em Deus, que era tão grande, que ela trazia indiferentemente para casa todos os tipos de mulheres doentes para cuidar, sem se preocupar se havia ou não comida para elas, ou se havia dinheiro para comprar os remédios necessários. Rosa confiava tão inteiramente em Deus, que nunca duvidou dele vir em seu auxílio em sua caridade para com elas, e de fato frequentemente constatava que sua família nunca estava melhor, ou mais confortável quanto quando ela tinha o maior número de pessoas doentes por quem prover.

CAPÍTULO XVIII

DEUS REVELA A SANTA ROSA QUE UM CONVENTO DE FREIRAS SERÁ CONSTRUÍDO EM LIMA, SOB O NOME DE SANTA CATARINA DE SIENA E REVELA-LHE VÁRIOS OUTROS SEGREDOS.

O amor é sempre comunicativo; não permite segredos entre aqueles cujas afeições une, e é um tipo de injustiça dar o coração a alguém sem revelar tudo o que nele contém de alguma importância. O próprio Filho de Deus deu à seus apóstolos a mais incontestável prova da sua amizade por eles, quando lhes disse que os tinha feito participantes de todos os segredos que tinha aprendido no seio do seu Pai por toda a eternidade. Como esse Bendito Salvador amava Santa Rosa ternamente, e até a tomou por esposa publicamente, não é de se admirar que ele a tenha honrado com o dom da profecia. Há em Lima um célebre monastério com duzentas freiras, da Ordem Dominicana, construído no ano de 1622, pela pia liberalidade de Madame Lucy Guerra de la Daga, uma viúva ilustre e muito virtuosa. Deus revelou a Santa Rosa a fundação desse convento dez anos antes de sua construção, e mostrou-lhe, ora por símbolos misteriosos, ora na forma em que presentemente se encontra, o que a fez falar dele com tanta certeza como se o tivesse visto construído e perfeitamente acabado. Ela nomeou as pessoas que Deus tinha escolhido para ali servi-lo; mencionou seu número, marcou o lugar onde seria construído, e esboçou a planta do projeto numa mesa; disse ao Padre Luís de Bilboa, seu confessor, que ele seria o primeiro a celebrar uma missa no local; reconheceu, ao vê-la, a pessoa que Deus tinha lhe mostrado como a primeira priora, e transportada de alegria, foi abraçá-la e parabenizá-la por sua eleição; e pelo beijo da paz que lhe deu, parecia consagrá-la ao cargo para o qual Deus a tinha escolhido.

A maioria dos que ouviam os outros falarem dessa fundação como se fosse algo certo, tratavam suas predições como fantasias de um cérebro aquecido, pois não havia nenhuma probabilidade humana de que as coisas ocorreriam como ela disse que seria, já que a dama de classe que ela nomeou como fundadora estava atada aos laços do matrimônio, o que a privava da

liberdade de dispor de sua fortuna; ela tinha também vários filhos; e outra circunstância que parecia destruir toda a esperança dessa fundação ser realizada era que a pessoa que tinha sido enviada para obter a permissão de sua Majestade Católica, havia retornado sem uma resposta positiva. Essa predição de nossa santa, entretanto, se realizou, com todas as suas circunstâncias; pois a dama que Deus escolheu para ser fundadora, logo ficou viúva pela morte do marido; e poucos dias depois seus cinco filhos o seguiram para o túmulo, de forma que ela pôde dedicar sua propriedade a essa boa obra.

O Deus Todo-Poderoso removeu esses obstáculos que a malícia e a inveja do demônio pela humanidade opôs à esse pio desígnio, e mudou tão completamente a mente dos vários magistrados, cuja a resistência e obstinação pareciam invencíveis, que eles não só deram seu consentimento, mas tornaram-se tão zelosos que eles mesmos adiantaram a execução do projeto; e em um curto espaço de tempo esse famoso monastério foi construído, que ainda se gloria no nome da Bem Aventurada Rosa de Santa Maria, apesar de ter sido construído cinco anos depois de sua morte; pois ela tinha predito a sua fundação antes que alguém o tivesse projetado.

Deus deu a Santa Rosa o primeiro conhecimento disso de uma maneira maravilhosa. Um dia tendo juntado uma quantidade de rosas em seu jardim, começou a atirá-las no ar, totalmente inflamada com devoção, e expressando os suspiros que o pensamento de seu Divino Esposo arrancavam dela. Seu irmão achando-a assim ocupada, e com os olhos banhados em lágrimas, suplicou-lhe que lhe contasse a causa de seu sofrimento; ela não revelou esse mistério, mas Deus o manifestou-lhe por meio das maravilhas das quais foi testemunha; pois ele viu que as rosas que a sua irmã tinha atirado no ar lá permaneceram suspensas, e tendo primeiramente se separado, elas se reuniam novamente e todas juntas formaram uma bela cruz. Ele viu também que as rosas que ela continuava a jogar formaram uma borda nessa cruz misteriosa. Santa Rosa soube por revelação divina, que essas rosas representavam o grande número de santas virgens que se elevariam acima da terra por meio de um generoso desprezo de suas honras, riquezas e prazeres para se atarem inseparavelmente à cruz de Jesus Cristo pela prática das virtudes religiosas, e da exata observância das regras e constituições que consagrariam essas corajosas vítimas a penitência e a morte.



Em outra ocasião enquanto rezava, Deus mostrou-lhe em espírito, uma espaçosa campina, deliciosamente adornada com rosas e lírios, encerradas; em um jardim, que era para ser separado da profana comunicação com os seculares. Padre João de Villalobos, da Companhia de Jesus, um religioso de grande mérito, depôs juridicamente que, tinha observado várias vezes em Santa Rosa o espírito de profecia, e que ela tinha lhe descoberto os mais escondidos segredos de seu interior. Ela mostrou o mesmo conhecimento a respeito do Padre Felipe de Tapia, reitor da Faculdade em Callao, de uma garota virtuosa chamada Michelle de Massa, e de muitas outras pessoas a quem admoestou de certas coisas tão secretas, que estas confessaram que Rosa só poderiam ter ficado sabendo delas por meio de uma revelação.

Esse espírito de profecia a permitia ver o que acontecia em outras partes, e prever alguns eventos muito antes deles acontecerem. Ela assegurou algumas pessoas que estavam gravemente doentes e quase na agonia, que eles se recuperariam, apesar dos médicos terem desistido deles, e observado neles o inevitável prognóstico de morte. Rosa predisse a vários jovens, e a um grande número de garotas, o estado que um dia eles abraçariam; e por meio dessa luz sobrenatural disse-lhes que eles entrariam na religião, apesar de na época eles serem completamente contrários à ideia, e terem sido anteriormente opostos à esse modo de vida. Ela sabia que o vice-rei mudaria de opinião, e isentaria Dom Gonzalez do difícil trabalho que tinha destinado para ele, desejando mais tirá-lo da sua corte do que dar-lhe honra. A mudança de propósito alegrou sua família, que estava inconsolável com a ideia de sua partida.

Também escreveu a um de seus irmãos, dizendo-lhe que ele teria uma filha de seu casamento, que nasceria com a marca de uma rosa vermelha no rosto, pois um dia seria uma grande serva de Deus, e que essa marca sobrenatural era um sinal certo de seu maravilhoso progresso na caridade e nas outras virtudes. Rosa sabia da farsa de uma negra, que corajosamente continuava a mentir dizendo que tinha sido batizada no Panamá. A santa a condenou por meio de várias indicações de falsidade, e contou-lhe tantos segredos a respeito do interior dessa mulher, que essa pobre criatura confessou sua tentativa de enganar e poderosamente tocada por suas exortações, pediu o batismo. Houve alguma dificuldade no início sobre sua concessão, por medo de que ela o tenha pedido mais por temor humano que por um genuíno espírito de piedade; mas Santa Rosa, que sabia da

disposição de sua alma e que a morte a ameaçava, fez com que o batismo fosse-lhe dado tão oportunamente, que essa nova cristã morreu no dia seguinte com toda a marca de uma contrição perfeita por seus pecados.

O Deus Todo-Poderoso, que tinha iluminado sua mente com tão grande penetração e discernimento que ela conhecia o interior daqueles que viam visitá-la, e provia-lhes eventos futuros, ensinou-a ele mesmo a escrever, como havia feito antes com Santa Catarina de Siena, e revelou-lhe tão claramente o tempo, o lugar, o dia e a hora de sua morte, que ela falava de seu funeral, e especificava tão particularmente o que ocorreria naquela feliz ocasião, que era como se ela tivesse visto esses eventos em Deus, da mesma maneira na qual eles depois se realizaram.

CAPÍTULO XIX

DE SUA ÚLTIMA DOENÇA E MORTE.

A mesma lei que obriga todos nós a entrarmos nesse mundo pelo nascimento, para podermos ser feitos filhos de Deus pela graça do Santo Batismo, requer que partamos dele pelas portas da morte, para tomar posse da herança da eterna glória, que o filho de Deus mereceu para nós por meio de seus sofrimentos, e para o qual a graça de nossa adoção nos dá título. Essa lei indispensável da natureza nos faz ver a morte de Santa Rosa, que encheu a cidade de Lima, e quase todo o Peru, com suspiros e lágrimas, na mesma luz que São Bernardo considerou a morte de São Malaquias, que provocou as lamentações de todos os religiosos, como o fim dos seus combates, a consumação de suas virtudes e sua triunfante entrada no céu.

Santa Rosa sabendo, por revelação divina, que morreria no dia em que a Igreja consagra à honra de São Bartolomeu, teve a partir daquele momento uma veneração particular por essa festa, a qual passou em exercícios particulares de piedade; mas não considerando isso suficiente para honrar o dia, que seria o primeiro de uma eternidade feliz, convenceu várias criancinhas a jejuarem consigo na véspera, e a inocência delas, sendo muito agradável a Deus, aumentou grandemente o mérito dessa mortificação. Sua

mãe ficou surpresa com a devoção extraordinária que ela demostrou por esse apóstolo, mas parou de admirar-se com o meritório excesso de sua piedade, quando a filha informou-lhe que nesse dia suas núpcias com o Filho de Deus seria celebrada no Paraíso. Tendo alcançado o seu trigésimo primeiro ano de vida, que sabia por inspiração divina que não viveria para completar, ela fez a esposa de Dom Gonzalez, sua grande benfeitora e protetora de sua família, familiarizada com o dia e o lugar de sua morte quando deu-lhe essa triste notícia.

A mesma revelação que informou-lhe o dia de sua morte, deu-lhe a conhecer também os grandes sofrimentos que suportaria no termo de sua vida. O Deus Todo-Poderoso mostrou-lhe o número, e disse-lhe que suas dores seriam tão violentas que cada membro de seu corpo teria seu tormento particular. Rosa sabia que teria que sofrer a mesma sede que atormentou o nosso Bendito Salvador na cruz, e também um calor tão ardente que secaria até mesmo a medula de seus ossos. Ela não tremeu à vista dessas espécies de martírio; a amargura do cálice que Deus preparou para ela não abalou sua constância; ao contrário levantou as mãos e os olhos ao céu para adorar a soberana bondade de seu esposo, que desejava que ela tomasse parte em sua cruz e seus sofrimentos, para que pudesse comunicar-lhe sua glória e coroa. Com essa generosa disposição, entrou na capela de Nossa Senhora do Rosário, consagrou sua alma e seu corpo ao soberano prazer de Deus. Tendo se colocado de joelhos diante do altar, fez um perfeito ato de resignação de si mesma à vontade divina, com tão grande fervor, e um tão terno sentimento de amor e piedade, que o fogo da caridade que inflamava sua alma aparecia no seu semblante; e Dom Almansa, que viu essa cor brilhante em suas bochechas, e uma expressão tão alegre nos seus olhos, pensou que ela tinha recebido alguma intimação de sua morte de seu Divino Esposo.

Três dias antes de ser atacada por sua última doença, foi para a casa de seus pais se despedir de seu querido eremitério, a fiel testemunha dos favores que tinha recebido de Jesus Cristo, da Santíssima Virgem, de seu anjo da guarda e de sua querida mestra Santa Catarina de Siena; passou dois dias por lá em atos de ação de graças, orações e lágrimas. Nesse retiro Rosa cantou, em preparação para a morte, cânticos de louvor e bendição ao seu adorável esposo, que a chamava para os seus castos abraços. Ela então ofereceu seu respeitoso reconhecimento a São Domingos por ter cuidado

dela, e pela misericórdia que ele demostrou ao recebê-la em sua ordem entre o número de suas filhas; e depois disso suplicou-lhe com lágrimas nos olhos, que perdoasse a falta de correspondência em sua vocação, as infidelidades que cometeu na observância da constituição de sua ordem e o mau exemplo que deu à suas irmãs bem como aos seculares. Por meio de soluços reprimidos, que a sensível tristeza lhe arrancava e com a fala engasgada, não pôde deixar de recomendar muito especialmente sua mãe a ele, pedindo-lhe que fosse um pai para ela e que a tomasse sob sua proteção.

No dia 1° de agosto ela foi à noite para o quarto em perfeita saúde; mas a meia noite, ouviram-na chorando e gemendo; e a esposa de Dom Gonzalez, em cuja casa ela morava, tendo corrido até Rosa com várias outras pessoas, a encontrou estendida, quase morta, no chão, fria, sem pulso, imóvel, e mal respirando. Alarmados com essa circunstância, perguntaram-lhe o que havia de errado, e se ela não queria que um médico fosse chamado para dar-lhe algum alívio. Ela corou ao ouvir essa palavra: "alívio" e olhando-os com olhos entreabertos, disse-lhes com uma voz fraca e lânguida, que não havia nada de errado consigo, mas que sentia a morte exercitar sua violência sobre ela; e como só Deus, seu único médico, sabia de seu estado, somente ele a poderia tirar dessa situação com seu poder. Eles a colocaram de volta em sua pobre cama, e imediatamente notaram o suor frio em seu rosto, e um tremor tão violento a tomou; que ela respirava com grande dificuldade; ainda assim não deixava de pronunciar de tempos em tempos o sagrado nome de Jesus com tais ternos sentimentos, e com tanta facilidade que era fácil perceber que esse nome divino era o único consolo que encontrava em seus sofrimentos. Os médicos vieram visitá-la nesse estado e tendo examinado diligentemente as doenças com as quais ela foi atacada, declararam que essas enfermidades e sofrimentos estavam além da tolerância humana, e que essa união de sintomas incompatíveis era algo miraculoso: em resumo, na opinião deles, sua doença não era natural, e que só Deus poderia ter feito isso aparecer em seu corpo fraco, para que ele pudesse fazer sua destinada esposa participar dos sofrimentos de sua paixão.

Seu confessor que não a abandonou nessa extremidade, temendo que a humildade a impediria de revelar a natureza e o grande número de seus sofrimentos, ordenou-lhe em virtude da santa obediência, que os

descrevesse aos médicos da melhor maneira que pudesse, para dar-lhes ao menos uma leve ideia deles. Em obediência a essa ordem ela disse-lhes, que durante sua vida havia sido afligida com cada uma das diferentes doenças das quais a humanidade sofre; mas que não compreendia a enfermidade com a qual estava sendo atacada no momento, e que não podia explicar-lhes as dores que suportava, exceto por pegar emprestado comparações das sensações mais dolorosas que há na natureza. "É como," ela disse, "se uma bola de fogo estivesse sido enfiada dentro de minhas têmporas; que descendo para os pés, e passado do meu lado esquerdo para o direito, causando um calor insuportável. "Eu sinto," continuou ela, "como se meu coração estivesse sido dilacerado por um punhal em brasas, e a mão invisível que o guia me fura as vezes da cabeça aos pés, e então, cruzando de um lado a outro, grava a figura de uma cruz em meu corpo com esse instrumento, que me queima com a maior violência que o fogo pode atingir. "Eu sofro," ela adicionou, "dores tão afiadas nas entranhas, que às vezes parece que a cada momento elas estão sendo despedaçadas com pinças em chamas, e minha cabeça queima como se brasas, tiradas de uma fornalha ardente, tivessem sido colocados sobre ela. De fato, eu creio que quando eu morrer, meus ossos serão encontrados reduzidos às cinzas e a medula seca, dos efeitos do ardente calor que eu suporto."

Com essa cândida declaração os médicos olharam um para o outro, espantados ao ouvir coisas tão incomuns, e estando mais e mais confirmados em sua primeira opinião pelo recital dessas terríveis dores, concluíram que sua enfermidade era sobrenatural, e que o Deus Todo-Poderoso era o verdadeiro princípio disso. Rosa ouvindo o resultado de sua consulta, ingenuamente declarou a seu confessor que eles não estavam enganados em seu julgamento, e que portanto não precisava de nada além de amor e paciência para executar os desígnios de Deus sobre ela, que desejava que ela tomasse parte em suas dores e sofrimentos. Quando os médicos tinham se retirado, pediu para ser deixada sozinha por alguns dias, e que ninguém viesse falar-lhe, para que ela pudesse conversar com mais liberalidade com Jesus Cristo seu querido esposo, com o qual sentia-se pregada à cruz.

No sexto dia do mesmo mês ascendeu com seu amado, não ao Tabor para tomar parte na glória de sua transfiguração, mas ao Calvário, para suportar uma parte de seus excessivos sofrimentos, pois nesse dia seu lado esquerdo

foi atacado por uma paralisia, e dois dias depois foi atacada ao mesmo tempo com pleurisia, asma, ciático, gota, cólica, e febre, como se essas cruéis doenças tivessem unidos suas diferentes dores para fazê-la sofrer uma que incluísse todas elas; pois Rosa suportou inconcebíveis tormentos. Podemos dizer que isso aconteceu por meio de uma dispensação da Providência, que permitiu que ela fosse atacada por todas essas doenças de uma vez só, para que pudesse sofrer no leito, das mãos de seu Divino Esposo, um martírio tão meritório para ela quanto aquele que os santos suportaram nas rodas e nos pregos dos seus carrascos.

Ela manteve sempre uma serenidade de mente admirável em meio à suas dores; estava tão calma nos paroxismos de sua febre, nas dores agudas do ciático, nas afiadas dores da cólica, que parecia insensível, ou como se seu corpo fosse de ferro, incapaz de sentir dor ou mudança. Embora sofresse muito, não suplicou a seu Divino Esposo que diminuísse suas dores; ao contrário pediu-lhe, com toda a afeição do coração, para aumentá-las, para puni-la rigorosamente pelos crimes que julgava ser culpada aos olhos de sua Divina Majestade. Deus teve compaixão de sua serva; ele ficou comovido com suas lágrimas e gemidos, e preservou miraculosamente sua mente sã e intacta até o ultimo suspiro, em meio aos vapores que o calor de seu interior enviava para o cérebro, e que poderia tê-la feito cair em delírios se ele não a tivesse preservado disso por meio de sua misericórdia; e por meio de um outro favor, concedendo-lhe o uso da língua, para que ela pudesse revelar seus pensamentos até a morte. Temos a maior razão para crer que a preservação de seus sentidos foi um efeito da onipotência de Deus, já que ela era frequentemente vista durante essa última doença, como se estivesse fora de si, sem nenhum uso dos sentidos exteriores, ou em êxtases nos quais sua alma parecia deixar o corpo para unir-se mais intimamente a Deus.

Rosa sofreu de sede, que foi a mais dolorosa, já que era causada pelo calor e a desordem dentro dela. Ela a suportou até a morte, sem engolir uma única gota de água para a extinguir, pois os médicos tinham-na proibido de beber, preferindo privá-la desse alívio, do que da consolação de morrer com uma sede ardente: à exemplo de seu Deus, apenas pedia por fel e vinagre para aumentar seu sofrimento.

Durante sua ultima doença, ela normalmente confessava seus pecados todos os dias, e para dispor-se melhor para a morte, fazia uma confissão

geral de toda a vida, com tais marcas de profunda contrição, que seus suspiros e gemidos eram ouvidos no quarto ao lado. No terceiro dia antes de sua morte, recebeu o Santo Viático e a Extrema Unção, com disposições interiores adequadas a excelência desses dois sacramentos, as graças dos quais foram, de certa maneira, para colocar o selo nos méritos que adquiriu pela prática de todas as virtudes. Foi observado que quando o Santíssimo Sacramento foi-lhe levado, ela mudou de cor; seu rosto ficou brilhante e inflamado, e em meio aos transportes de alegria que a enchiam, caiu em êxtase; e depois de receber esse pão dos anjos, que era para fortificá-la para passar da terra para o céu, permaneceu imóvel e totalmente absorta em Deus. Ao receber a extrema unção, dispôs os membros de tal maneira, que aqueles que a tinham visto antes completamente incapaz de movê-los, souberam que esse santo óleo a preparou mais para a glória de seu triunfo, que para aqueles terríveis combates aos quais os agonizantes são expostos; pois ela estava certa de sua salvação, e o Deus Todo-Poderoso tinha-lhe revelado que sua alma, ao deixar o corpo, iria direto para o céu, sem passar pelas chamas do Purgatório.

Rosa declarava frequentemente, em uma voz audível, que era uma Cristã, e que desejava morrer na fé da Igreja, e que ela era uma filha do grande São Domingos. Para dar provas disso, beijava seu escapulário respeitosamente, e sempre o trazia forrado sobre o corpo em sua doença. Finalmente, para imitar a caridade do Filho de Deus, rezou com todo o coração por aqueles que a tinham ofendido em palavra ou ação, pedindo-lhe que os enchesse de graças, e para mostrar-lhes a mesma misericórdia que ela esperava experienciar de sua bondade; e segurando um pequeno crucifixo na mão, não parava de beijá-lo e repetir ternamente, "Pai, perdoai-lhes." Depois de ter tão perfeitamente copiado seu amor, só faltava imitar sua humildade antes da morte: para esse propósito pediu que os criados da casa fossem-lhe enviados; e embora nunca tenha desobedecido a um deles de forma alguma, pediu-lhes perdão com lágrimas nos olhos. Ela mostrou um sensível sofrimento por ter sido um fardo tão grande para sua mãe, e que ainda lhe daria bastante trabalho durante os dois dias que ainda tinha para viver. Rosa agradeceu a Dom Gonzalez com muita gratidão por sua bondade para com ela, dizendo-lhe que ele logo estaria livre dessa pecadora miserável, que tinha causado tanto constrangimento e incômodos a toda a sua família. Não houve uma pessoa que não tenha derramado lágrimas com essas palavras, e que não tenha admirado a prodigiosa humildade dessa esposa de Jesus

Cristo, que tinha um desprezo tão profundo por si mesma, enquanto todos a consideravam uma santa.

Dom Gonzalez temendo que alguma disputa pudesse ser levantada entre o cura de sua paróquia e os religiosos da Ordem de São Domingos, a respeito da posse do corpo de Santa Rosa após a morte, cada um tendo o direito para mantê-lo em sua igreja, o primeiro como uma paroquiana, pois ela tinha morrido em uma casa que estava sob sua jurisdição; os outros como sua irmã, por ela ser uma religiosa da sua ordem. Para evitar essa disputa, ele pensou que seria aconselhável que ela pedisse ao prior para ter a caridade de dar-lhe sepultura entre eles, como a uma de suas irmãs, mais por suplicação que por vontade, por medo que ela pudesse ficar ciente do zelo que o convento e a paróquia mostrariam em possuir seu corpo. Rosa não teve nenhuma dificuldade em seguir esse sábio conselho, pois sabia que esse era o costume para os religiosos da Ordem Terceira de São Domingos, serem enterrados na igreja de seus filhos; e temendo que esse favor lhe pudesse ser recusado, devido a desedificação que pensava ter-lhes dado, pediu-lhes com muitas súplicas que lhe concedessem essa consolação.

Pouco tempo antes de sua morte, estava continuamente em arroubamentos e êxtases, nos quais tinha um antegozo da inefável doçura que possuiria no Paraíso por toda a eternidade. Essa aplicação violenta da mente fatigava muitíssimo seu corpo fraco e gradualmente o dispunha para a morte; mas sua alma adquirindo um nova força ao aproximar-se do momento que a uniria para sempre a seu esposo, ela sentiu uma alegria que era visível em seus olhos e em suas palavras. Duas horas antes de expirar, voltando a si depois de um longo êxtase, voltou-se para o padre Francis Nieto, e disse-lhe em segredo, "Ó padre, que grandes coisas eu poderia contar-te dos prazeres e consolações abundantes que Deus irá conceder aos seus santos por toda a eternidade! Irei com inconcebível satisfação contemplar a adorável face de Deus, a quem eu desejei por toda a minha vida possuir."

Ela então agradeceu a seus pais, àqueles que tinham cuidado dela na doença, e particularmente a Don Gonzalez e sua esposa, por toda a gentileza e caridade que eles tinham lhe mostrado. Rosa exortou as filhas deles com todas as forças que lhe restavam, e com palavras de fogo, ao amor de Deus e à prática da virtude; depois disso, falou particularmente

com seus dois irmãos, e implorou-lhes que levassem boas vidas que honrassem e ajudassem sua boa mãe.

Por volta da meia noite, ela ouviu um barulho misterioso, que anunciou-lhe a vinda de seu Divino Esposo; recebeu esse barulho com alegria; e vendo-se à ponto de expirar, pediu ao irmão que tirasse o travesseiro de debaixo de sua cabeça, e colocasse pedaços de madeira no lugar. Ela agradeceu-lhe por esse ato de gentileza, e colocou a cabeça sobre eles; e como se só tivesse esperando por esses pedaços de madeira para morrer sobre uma espécie de cruz, disse duas vezes, "Jesus, esteja comigo! Jesus, esteja comigo!" e imediatamente depois disso sua alma pura deixou seu corpo mortal e levantou voo para o seio de Deus, para tomar posse da celestial herança preparada para ela desde toda a eternidade. Sua morte aconteceu no dia 24 de agosto, dia da festa de São Bartolomeu, no ano de 1617, sua idade sendo de trinta e um anos e cinco meses.

Na mesma noite Aloysia de Cerrado teve uma revelação de sua morte; e como Santa Rosa e ela tinham prometido uma a outra, que a que morresse primeiro informaria à outra, Santa Rosa manteve sua palavra e informou-lhe de sua morte e da felicidade que usufruía.

CAPÍTULO XX

DA HONRA QUE SANTA ROSA RECEBEU DEPOIS DA MORTE E DA TRANSLADAÇÃO DE SEU CORPO QUE ACONTECEU ALGUM TEMPO DEPOIS.

A morte do Justo se dar em circunstâncias que a tornam doce e agradável: não só é preciosa aos olhos de Deus, com a sua introdução à um trono do qual eles tomam posse como conquistadores, cheios dos gloriosos despojos que tiraram do mundo, da carne e do demônio: é até preciosa aos olhos dos homens, quando veem no semblante dos ilustres mortos o respeito que a morte presta à suas cinzas, livrando-os da horrorosa deformidade que nos faz sentir uma espécie de horror até mesmo daquelas pessoas que eram as mais amadas por nós. A honra que lhes é prestada depois da morte, nos faz ver essa morte mais como um triunfo que como uma vergonhosa derrota, e mal podemos crer que eles pagaram esse indispensável débito da natureza, já que a sua virtude os faz viver na estima dos homens, enquanto seus corpos estão sem vida e movimento. Nesse sentido São Gregório Naziazeno chama o generoso Macabeus os rivais de uma morte preciosa, já que eles procuraram por ela cobertos de sangue e pó em meio aos combates, como uma fonte de vida e glória que os tornariam imortais na memória dos homens. A morte pareceu tão agradável no semblante de Santa Rosa, que aqueles que notaram o vigor de sua tez e o vermelhidão de seus lábios, que estavam separados formando um agradável sorriso, duvidaram por um longo tempo se a alma dela tinha deixado o corpo; pois viam tanto brilho em seus olhos, e tais marcas aparentes de vida que não ficaram satisfeitos até colocarem um espelho diante de sua boca, e tendo percebido que ela não manchava nem um pouco o lustre do objeto com sua respiração; então souberam que ela estava morta. Ao invés das lágrimas e gemidos que naturalmente teria sido esperado das dezenove pessoas que estiveram presentes na sua morte, fosse pela aliança de sangue ou pelos laços de uma íntima amizade, uma alegria tão grande era vista no semblante deles que, a casa parecia mais a cena de

um casamento que o lugar de lágrimas e luto. Uma pessoa que esteve presente na sua morte viu um número de anjos em volta de sua cama durante sua agonia, e depôs sob juramento, que Deus tinha-lhe revelado vários dias antes da morte de Santa Rosa, que sua passagem da terra para o paraíso seria gloriosa, e sua tumba magnífica; e ela proibiu expressamente o uso de cortinas que são um sinal de tristeza; e queria que eles usassem suspensões brancas, como sendo mais adequadas à triunfante glória de nossa santa. De fato ela foi colocada debaixo do chão com tão grande pompa como a que seria concedida a uma heroína, que, durante a vida tenha performado uma multidão de grandes ações; pois mal a luz do dia tinha aparecido e uma prodigiosa multidão de pessoas, de todas as classes, estavam à porta da casa de Dom Gonzalez, onde ela deu seu último suspiro; e isso surpreendeu muitíssimo as pessoas da casa, pois eles não imaginavam como essas pessoas ficaram sabendo de sua morte, já que ninguém tinha saído da casa depois da morte de Rosa. A multidão era tão grande que não incluía apenas os chefes de famílias: pobres, ricos, cavalheiros, mercadores, padres, religiosos, seculares, espanhóis e índios nativos entraram em confusão e cercaram o corpo de nossa santa. Alguns apertavam os pés dela com profundos sentimentos de respeito e devoção; outros cortavam alguns pedaços do seu vestido. Eles tinham tomado o cuidado de fechar os olhos dela; mas era impossível deixá-los nessa posição pois eles se reabriam imediatamente, como se nossa santa tivesse prazer em olhar para os habitantes de Lima, que tiveram tal estima e veneração por ela.

Tendo a notícia de sua morte se espalhado pela cidade e a vizinhança, veio tanta gente ao local que encheu não só a casa onde seu corpo estava exposto mas também a rua, e o vice-rei foi obrigado a enviar soldados para fazer uma passagem através da multidão, para poder carregá-la até a igreja; e a multidão era tão grande nas ruas por onde eles tinham que passar que eles ficaram várias horas sem poderem avançar. O arcebispo de Lima, que tinha deixado o palácio episcopal para conduzir o corpo, com seu clero, não conseguindo alcançar a casa de Dom Gonzalez, foi esperar pela escolta na igreja dos dominicanos, que ficava cerca de mil passos de distância. Todas as comunidades religiosas, e todas as confrarias da cidade, se reuniram para honrá-la; e apesar de o capítulo da igreja metropolitana geralmente não atender a essas ocasiões, exceto para o funeral do arcebispo, ainda assim estava presente, para aumentar o esplendor da cerimônia. As cortes

mostraram a ela as mesmas honras que normalmente são prestadas aos vice-reis do país.

As ruas pelas quais o corpo de Santa Rosa passou a caminho do convento de São Domingos eram tão estreitas, que obrigaram um grande número de damas ilustres e viúvas virtuosas a colocarem-se nas janelas, para que pudessem ter a satisfação de ver mais uma vez seu corpo virginal, que foi o templo do Espírito Santo durante a vida. As pessoas mais pobres subiram nos telhados para satisfazerem sua pia curiosidade; em suma, toda a cidade estava presente em seu funeral, querendo mostrar por essa última marca de respeito, a estima que sentiram por nossa santa durante a vida. Os cavaleiros do capítulo carregaram o corpo por uma distância considerável, mas o entusiasmo das principais pessoas na cidade em tomar parte nessa honra fazia com que carregadores fosse trocados a cada rua; os mais ilustres entre os senadores sucediam o capítulo; depois deles os superiores de todos os monastérios a carregaram um após o outro. Em toda parte ouvia-se o povo gritando que Rosa era uma Santa no céu; e não estando satisfeitos com esse testemunho vocal, tentaram obter alguma porção de suas relíquias; e se os soldados não tivessem se oposto a essa devoção, eles teriam certamente cortado todas as roupas dela, e talvez dois ou três dedos.

Quando o corpo chegou na porta da igreja, sinais de alegria foram vistos em seu rosto; e a imagem de Nossa Senhora que estava na Capela do Rosário irradiou raios de luz, o que todo mundo considerou como uma indicação miraculosa do prazer que ela teve em ver novamente a nossa santa, que a tinha honrado com tanto amor e ternura durante a vida.

Todo o mundo correu para ver esse prodígio; eles observaram com espanto a luz que emitia do semblante dessa santa imagem; e houve alguns que declararam terem visto gotas de perspiração destilarem da peça. O padre prior do convento de São Domingos escolheu entre os mais anciãos de seus religiosos para cercar esse corpo santo, tanto para impedir os pios furtos do povo como para aproximar os cegos, os coxos, os surdos e mudos, e um grande número de pessoas doentes, a quem a esperança de obter uma cura pelos méritos de Santa Rosa tinha atraído; e eles não ficaram decepcionados em sua expectativa, como brevemente veremos. O guarda do vice-rei e os soldados da guarnição militar depois de fazer o povo se retirar, começaram a se preparar para o enterro; mas um tumulto tão grande foi levantado, que eles se viram obrigados a adiar a cerimônia; e se não

tivessem prometido ao povo que iriam protelar o enterro, ninguém teria ido para casa. Essa promessa fez com que as pessoas que estavam na igreja se dispersassem, permitindo a entrada de uma nova multidão, o arcebispo concluindo que seria impossível enterrá-la, fez um sinal aos religiosos para levarem o corpo à sacristia. Como esses padres acharam que a sacristia não era um local muito seguro, eles o levaram para a capela do noviciado, como sendo o lugar mais adequado e a parte mais retirada do convento, à qual os seculares não tinham acesso. O arcebispo estando agora em liberdade para prestar seus respeitos à essa virtuosa serva de Deus, colocou-se devotamente de joelhos diante do corpo da santa para beijar sua mão, e encontrou seus dedos tão flexíveis e suaves como quando ela estava viva.

No dia seguinte, assim que o padre sacristão tinha aberto as portas da igreja, e os religiosos colocaram o corpo de nossa santa na nave, uma imensa multidão de pessoas entrou, não apenas da cidade, mas alguns de seis ou sete léguas de distância de Lima, para estarem presentes em seu enterro. Apesar de todos os esforços dos soldados e da guarda do vice-rei, eles não conseguiram manter o povo longe, todos aproximaram-se do corpo sem demora; alguns puxando os outros para poderem tocar nesse santo corpo com peças para os doentes, rosários, livros de orações ou medalhas; nunca se tinha testemunhado tal cena de confusão; deficientes pediam permissão para passar para poderem serem curados ao tocarem suas relíquias; crianças eram levantadas de mão a mão sob as cabeças das pessoas, para beijar suas roupas; apesar de todas as precauções deles não foi-lhes possível impedir o povo de cortar seu hábito, o véu e sua touca, que tiveram de ser trocados seis vezes. A igreja ressoava com as vozes daqueles que estavam presentes, implorando sua intercessão como uma santa reinando com Deus. O barulho era tão grande, que eles foram obrigados a dar um sinal ao coral por meio de um sino, sempre que era necessário responder ao bispo da Guatemala, que estava celebrando a missa, e a celebração nunca teria sido concluída, se os cantores não tivessem deixado seus lugares para ficarem mais próximos do altar, para assim poderem ouvir o bispo. Esse ilustre prelado ao descer de seu trono para aproximar-se do caixão e proceder com a cerimônia de enterro, viu-se cercado por uma quantidade de pessoas, que reduplicaram os choros e gemidos; e tendo dado por esses meios um sinal àqueles que estavam em uma distância maior, que o corpo de Santa Rosa ia ser colocado dentro do caixão, uma tropa mais numerosa juntou-se a eles; e temendo alguma

sedição, ou que o povo tentaria tomar à força alguma parte do hábito dela, ou do corpo, os oficiais puseram um fim nessa devoção violenta deles, fazendo ao povo uma segunda promessa para protelar o enterro até o dia seguinte. Eles acreditaram nisso de bom grado, já que não havia aparência de corrupção no corpo da santa; pois tanta beleza era percebida em seu semblante, um odor tão agradável era sentido, que todo mundo acreditava que o Deus Todo-Poderoso estava renovando na pessoa de Santa Rosa o milagre que tão frequentemente tinha operado em favor de seus santos, preservando seu corpo da corrupção; eles pensaram que o corpo ficaria exposto por vários dias para satisfazer o povo, que nunca saciava-se de vê-la; pois durante trinta e seis horas nenhuma mudança tinha aparecido nela, fosse na pele ou no brilho dos olhos, apesar da humidade do local, e da respiração quente do povo que tinham enchido a igreja da manhã até a noite, terem sido suficiente para causar alguma alteração em seu semblante.

Por volta da meia-noite as portas da igreja foram fechadas, e sem esperar pelo o retorno do povo, que era turbulento até mesmo por sua piedade, colocaram o corpo de Santa Rosa em um caixão, feito de madeira de cedro, e o enterraram na capela dos religiosos. Quando a cerimônia foi concluída, as portas foram abertas para a multidão, que estando impaciente e furiosa, estavam a pontos de abri-las quebrando-as com violência. Quando viram que tinham sido enganados, correram para a sepultura e tendo-a molhado com suas lágrimas, carregaram para casa um pouco da terra da cova por devoção, para usá-la como um remédio soberano nas suas doenças, esperando serem libertos delas pela intercessão dessa feliz esposa de Jesus Cristo. Depois de sua morte a casa de seu pai era todos os dias cercada pelas carruagens das primeiras pessoas na cidade, que desejavam ver o eremitério que Rosa tinha santificado por seus suspiros e rigorosas penitências, e onde ela tinha passado a maior parte da vida, separada do trato das criaturas, mas singularmente favorecida por Deus.

Os milagres frequentes que aconteceram em Lima e em todo o reino do Peru, fez sua tumba tão famosa, que o povo pensou que não tinha prestado honra suficiente a sua memória; e ficou resolvido no conselho do estado, que um serviço deveria ser performado para ela com uma pompa e uma magnificência maior do que o primeiro. O arcebispo e o vice-rei tiveram uma pequena dificuldade em marcar a data, para que ambos pudessem estar presente; por fim eles escolheram o dia 4 de setembro, sem refletir que essa

data era consagrada à memória de Santa Rosa de Viterbo, na Itália. O povo todo veio à igreja no dia escolhido, e enquanto o arcebispo, o clero, e as comunidades religiosas recomendavam a alma de Santa Rosa a Deus, o povo pedia as orações dela por meio de lágrimas e gemidos como uma grande serva de Deus, cuja fama de santidade já tinha se espalhado pelas cidades e vilas do Peru. A famosa cidade de Pontozzi, que fica a cerca de trezentas léguas de Lima, foi uma das primeiras a mostrar seu respeito pela memória de Santa Rosa, ao tocar os sinos, o trovão da artilharia e colocado um grande número de luzes nas janelas. As outras cidades do Peru rivalizavam-se uma com a outra em mostrar sua confiança em nossa santa pelas orações que ofereciam em sua tumba.

Os milagres que o Deus Todo-Poderoso operava lá todos os dias para honrar aquela que, durante a vida, tinha se imolado inteiramente ao serviço de Deus, atraíram um número de pessoas de todas as partes, alguns para agradecer pela saúde que tinham recebido do céu por sua intercessão, outros para implorar seus sufrágios com Deus para serem curados de suas enfermidades. Esse fervor nunca relaxou, como é normalmente o caso dessas devoções que começam com entusiasmo, mas diminuem insensivelmente em seu progresso, até o dia em que são totalmente extintas. Ao contrário aumentava tanto pela quantidade dos milagres que eram testemunhados em sua sepultura, que quase todas as ordens da cidade, eclesiástica e secular, com os principais oficiais do conselho e a polícia, concluíram, que o corpo de Santa Rosa sendo o precioso tesouro com o qual Deus tinha enriquecido Lima, ele deveria ser feito público, e tirado do mosteiro onde tinha sido enterrado, para ser colocado em uma posição de honra na igreja, para satisfazer a devoção do povo. O arcebispo alegremente consentiu; e tendo dado as ordens necessárias para essa cerimônia, tirou da terra o corpo de Santa Rosa no dia 27 de fevereiro, no ano de 1679, na presença de todas as ordens da cidade, do clero, da nobreza e do povo. Assim que o túmulo foi aberto, um agradável odor emanou dele, que pareceu ser miraculoso para as pessoas ali reunidas; e elas redobraram sua alegria e respeito quando viram esse corpo santo tão inteiro, e com a pele tão fresca, quanto quando foi posto no caixão. Foi transportado do mosteiro dos religiosos para a igreja deles, com toda a pompa e magnificência que essa grande serva de Deus merecia, e que pôde ser imaginada pelo povo para mostrar-lhe seu respeito e afeto. O padre Luís de Bilboa, um religioso da ordem, doutor em teologia, e um pregador muito

célebre, que por muito tempo tinha sido seu confessor, pronunciou o panegírico dela e exaltou, com grande eloquência, as admiráveis virtudes de nossa santa. Quando seu eulogium foi concluído, ela foi carregada para uma pequena abóboda no lado direito do altar principal; mas como a multidão continuamente avançava, como que para uma segunda arca, para implorar-lhe assistência, e pessoas de todas as classes e idades eram vistas rezando lá, e oferecendo-lhe presentes, e deixando suas bengalas e muletas como troféus gloriosos de sua gratidão por terem sido curados por sua intercessão, eles se viram obrigados, por reverência para com o Adorável Sacramento, a remover essas preciosas relíquias para a capela de Santa Catarina de Siena, onde o povo poderia satisfazer sua devoção mais convenientemente e sem riscos de irreverência.

No ano de 1630, em 17 de maio, uma ordem apostólica foi recebida em Lima, pela qual a Congregação dos Ritos Sagrados estabelecia um tribunal, e permitia os padres investigadores a examinarem canonicamente a vida, ações e milagres da serva de Deus, Irmã Rosa de Santa Maria, religiosa da Ordem Terceira de São Domingos. Dois anos foram empregados em ouvir, judicialmente, cento e oitenta pessoas, que se apresentaram e depuseram o que tinham visto. Nada mais restou para terminar os procedimentos além de visitar suas relíquias. Eles foram ao túmulo dela, e tendo-o aberto quinze anos após sua morte, encontraram seus ossos inteiros, cobertos com carne seca, que exalava um delicioso cheiro como aquele de rosas; dali eles foram ao local, onde ela tinha sido inicialmente enterrada, para ver o túmulo de onde o povo todos os dias tirava terra, à qual Deus tinha comunicado a virtude de curar febre e outras doenças. Eles a encontraram bem cheia, com a exceção de cerca de cinco libras em peso de terra, apesar de vários alqueires terem sido carregados durante esses quinze anos.

Em 1640, o procurador geral da Ordem dos Freis Pregadores sabendo da extraordinária devoção do povo, e da veneração pública mostrada às relíquias dessa esposa de Jesus Cristo, escreveu aos padres do Convento de Lima, dizendo-lhes para impedir essa honra exterior, por medo de incorrer nas censuras que o Papa Urbano VIII tinha lançado em 1634 contra aqueles que mostrassem publicamente marcas de veneração ante a tumba daqueles que tinham morrido em odor de santidade, antes que a Santa Sé os tivesse declarado bem aventurados. Em consequência dessa ordem, decidiram abolir a honra que era mostrada em sua igreja à Santa Rosa. Assim que essa

resolução foi divulgada na cidade, um número de pessoas correu tumultuosamente para a igreja, onde ruidosamente reclamaram desse procedimento; e como um rumor foi espalhado de que o corpo de Santa Rosa tinha sido retirado secretamente para ser transportado de Lima para a Espanha, os religiosos corriam o risco de serem assassinados, suas vidas estavam ameaçadas, e o que quer que eles dissessem para convencê-los de seu engano não teve efeito algum, pois inicialmente eles não foram capazes de ouvir suas desculpas, ou de entender sua inocência, mas depois que a fúria do povo acalmou um pouco, eles foram informados de que tinham sido enganados e que o corpo de Santa Rosa ainda estava na capela de Santa Catarina de Siena, e que o que aconteceu, foi feito em obediência ao Sumo Pontífice, e para merecer maiores honras à essa serva de Jesus Cristo de uma maneira mais canônica, para que eles pudessem proceder com a beatificação dela nas formas prescritas pela Igreja, a qual devem obedecer para obter o favor que todo o povo pedia para sua conterrânea.

CAPÍTULO XXI

DA REVELAÇÃO QUE VÁRIAS PESSOAS TIVERAM DA GLÓRIA DE SANTA ROSA.

Não há um santo no paraíso, de quem não possamos dizer o que São Bernardo disse ao pronunciar o eulogium de São Vítor, o mártir, ou seja, que ele nos instruiu por seu exemplo, e empregou seu crédito com o Deus Todo-Poderoso para nossa vantagem; pois eles não foram elevados a essa eminente santidade unicamente para sua própria perfeição, mas que o exemplo de suas virtudes pudessem ser um estímulo para os outros praticarem o mesmo. E como os homens não podem imitar suas ações, nem clamar por eles em suas necessidades, a não ser que sejam informados de sua felicidade, Deus torna conhecidos seus méritos por meios extraordinários, tais como visões e aparições, para que persuadidos da excelência de seu estado, possam aspirar à sua santidade, e usar sua intercessão para obter a graça e o alívio nas aflições da alma ou do corpo. Por esses meios miraculosos Deus revelou a muitas pessoas a glória imortal

de Santa Rosa, e fez uso de suas orações para suavizar os corações de um grande número de pecadores, cuja infeliz obstinação tinha até então dado poucas esperanças de salvação. Mas antes de relatarmos essas circunstâncias particulares, estamos contentes em poder assegurar ao leitor, que não há nada aqui que não tenha sido tirado das examinações autênticas que foram feitas das virtudes, graças e milagres de nossa santa. Como Aloysia de Serrano, que foi mencionada antes, estava unida com nossa santa por uma íntima amizade, ela foi a primeira a quem Deus revelou a glória que Santa Rosa possuía. Um dia quando estava absorta em Deus, viu a Santíssima Virgem diante de um trono magnífico, segurando em sua mão uma rica e brilhante coroa para coloca-la na cabeça de alguém por quem parecia estar esperando: do outro lado viu uma multidão de virgens cercando Santa Rosa, e trazendo-a alegremente aos pés da Mãe de Deus. Todas essas virgens ilustres estavam coroadas, e carregavam palmas nas mãos; somente Rosa estava sem uma coroa e trazia apenas uma palma; mas um momento depois ela viu a Santíssima Virgem colocar sobre a cabeça dela a brilhante coroa que segurava na mão. Uma pessoa de maior experiência na teologia mística confessou a Dom Gonzalez, seu íntimo amigo, e deu testemunho por palavras e por escrito ante os comissários apostólicos, que Santa Rosa tinha-lhe aparecido vinte duas vezes durante as três semanas que sucederam sua morte, completamente cercada de glória.

O médico Don Juan de Castile, muito conhecido por sua virtude, jurou ante os mesmos comissários, que Santa Rosa tinha-lhe aparecido várias vezes, quinze anos após sua morte, envolta em uma luz extraordinária, e que a viu no meio dessa luz, vestida com o hábito da religião, mas tão majestosa e gloriosa, que não conseguia encontrar palavras para expressar seu esplendor; ela segurava um lírio na mão direita, emblema de sua virgindade; e durante essas visões falava da felicidade dos santos de uma maneira tão sublime, que ele não conseguia encontrar termos para expressar a glória deles. Na última examinação feita em Lima, em 1631, ele depôs em juramento, que durante seis meses, sempre que fazia sua meditação, fosse de dia ou a noite, era-lhe permitido ver a magnificência real com a qual o Deus Todo-Poderoso recompensou os méritos de Santa Rosa, por meio de um anjo que ela enviava do paraíso para convidá-lo a testemunhar esse espetáculo encantador.

Aquilo que aconteceu com Diego Hyacinthe Paceco, um espanhol é muito maravilhoso. Ele era um homem pobre, que ganhava o pão em Lima copiando escritos para advogados; e Diego Morales, um notário na causa de Santa Rosa, tendo o pressionado para redigir dois mil rolos de escritos sobre os procedimentos e outros trechos autênticos a respeito das examinações que tinham sido feitas sobre a vida e os milagres de Santa Rosa, tinha se desesperado de terminá-los a tempo por conta da brevidade do prazo que lhe foi dado, e também, em parte porque seus dedos estavam em algum grau paralisados e os nervos de sua mão inteiramente relaxados. Durante a noite Santa Rosa apareceu-lhe; aproximou-se dele e pegando em seu braço pressionou-o violentamente; a dor o acordou e ele pensou que isso tinha sido um sonho; mas encontrando-se perfeitamente curado, percebeu que era realidade, e que nossa santa tinha realmente lhe aparecido e curado sua mão, para que ele pudesse terminar o que tinha começado.

Ela apareceu para várias outras pessoas depois de sua morte, cercada de rosas odoríferas, no delicioso jardim de seu Divino Esposo, particularmente a uma boa viúva, que vivia em Lima em odor de Santidade. Um dia quando foi arrebatada para ver a nossa santa em meio a uma grande multidão de anjos e santos, Rosa disse para ela, "Mãe, esse estado de glória só se é obtido por meio de esforços generosos; muito trabalho é necessário; pois a recompensa com a qual Deus coroa nossas provações é excessivamente grande; vê como sua misericórdia recompensa abundantemente, e até mesmo além das minhas esperanças, as dores que sofri e as poucas boas ações que pratiquei enquanto estive na terra."

Como havia sido muito caridosa para com o povo de Lima durante a vida, ela testificou lhes, por meio de várias aparições, que ainda sentia o mesmo interesse por eles agora que estava no céu; pois essa viúva, um dia quando recomendava a cidade às suas orações, foi arrebatada em êxtase, e nesse rapto viu Rosa, que consolando-a, disse, "Mãe, eu farei o que me pedis, e Deus prometeu-me conceder a essas queridas pessoas o que quer que dissesse respeita a salvação delas; Eu lembro perfeitamente das coisas que foram recomendadas à minha intercessão e não deixarei de pedir por elas." Isso é conformável ao que a Irmã Catarina de Santa Maria testificou ante os comissários, a saber: que Santa Rosa tinha-lhe aparecido duas vezes depois da morte. Na primeira ocasião, nossa santa encorajou-a nas dores extraordinárias que a atormentavam em suas aflições; e na segunda vez, viu

Santa Rosa no ar acima de seu sepulcro suplicando de joelhos, à majestade de Deus pela cidade de Lima. A cura do padre Augustinho de Vega, um célebre religioso da Ordem dos Freis Pregadores, e provinciano do reino do Peru, é muito notável. Sua vida estava desenganada, os médicos tinham desistido dele, pararam de dar-lhe remédios, pois todos eram da opinião de que sua doença era incurável e de que ele nunca se recuperaria. Santa Rosa apareceu, na noite em que sua morte era esperada, a Dom Christophe de Ortega e desejou que ele fosse muito cedo na manhã seguinte à província, ao convento da ordem dele em Lima, para assegurá-lo por ela de que ele se recuperaria de sua doença, e que o Deus Todo-Poderoso o tinha escolhido como bispo para que ele pudesse trabalhar no serviço da igreja e empregar os grandes talentos que ele tinha-lhe dado. Ele foi, falou a esse padre agonizante, revelou-lhe o que tinha se passado durante a noite e entregou-lhe a mensagem que Santa Rosa tinha-lhe confiado; e a partir daquele momento o padre começou a melhorar, e algum tempo depois foi eleito bispo do Paraguai, e tornou-se um dos prelados mais famosos e doutos que já governaram a Igreja de Jesus Cristo no Novo Mundo.

CAPÍTULO XXII

DOS MILAGRES QUE O DEUS TODO-PODEROSO OPEROU PELOS MÉRITOS DE SANTA ROSA.

Como os milagres pertencem ao número daquelas graças gratuitas que Deus concede mais pelo bem dos outros que pela vantagem da pessoa por quem os opera, não são marcas essenciais de santidade; pois São João Batista, o maior entre os filhos dos homens, nunca operou nenhum, de acordo com o testemunho do próprio Jesus Cristo; ainda assim são matéria de espanto para o povo, um vez que os obrigam a reconhecer um poder soberano que tem domínio absoluto sobre a natureza, o filho de Deus fez uso deles para estabelecer a religião em toda parte do mundo e para confirmar sua excelência e verdade, os quais Santo Agostinho chama de "As sementes da fé."

Não precisamos então ficar surpresos que o Deus Todo-Poderoso tenha operado tantos milagres por meio de Santa Rosa, uma freira da Ordem Terceira, no novo mundo, onde a fé estava apenas começando a florescer; pois eles foram necessários para confirmar os recém-convertidos e fortalecê-los na fé. Por essa razão, apesar da vida de Santa Rosa ter sido um contínuo milagre, Deus também operou, por meio dela, um grande número de prodígios para a salvação de várias pessoas. Não relataremos todos eles, pois o número é tão grande que um volume poderia ser composto deles; contentaremo-nos em observar apenas os mais extraordinários.

1.

DAS CONVERSÕES QUE AS ORAÇÕES DE SANTA ROSA OBTIVERAM.

Como a conversão dos pecadores do crime para a inocência e do pecado para a graça é o efeito mais nobre da caridade dos santos, e um sinal mais glorioso de seu poder com Deus, do que a restauração de corpos adoecidos e lânguidos à saúde, podemos dizer que Deus tem dado provas gloriosas da santidade de sua esposa; pois um número de pecadores empedernidos, que estiveram por anos no hábito de pecar, foram tão arrebatados de compulsão e dor por terem ofendido a Deus no momento em que tocaram o corpo de Santa Rosa, ou até o contemplarem na igreja, que o padre Nicolas de Aguero, da Ordem dos Freis Pregadores, então vigário geral do Peru, testificou, em sua carta circular, de 1 de setembro de 1617, que muitos abertamente confessaram seus crimes e desordens, e provaram pela abundância das lágrimas e a violência de seus soluços, que estavam verdadeiramente convertidos. Foi observado, que alguns jovens libertinos que foram à igreja meramente para olhar para a beleza arrebatadora dessa casta esposa de Jesus Cristo, a quem não tiveram a chance de contemplar atentamente durante a vida, voltaram para casa com grande contrição e resolveram mudar de vida.

Alguns dias depois da morte de Santa Rosa várias pessoas foram visitar Maria de Oliva, sua mãe, e entregaram-lhe muitas esmolas, em gratidão

pelas graças que haviam recebido de Deus pelos méritos de sua santa filha, que tinha, indubitavelmente obtido sua conversão do estado de pecado no qual por muito tempo estiveram.

Por vários anos aparentava-se haver poucas esperanças de conversão para um homem que vivia mais com um ateu que um cristão, e cuja vida escandalosa era fonte de todos os tipos de crimes e desordens. Ele nunca tinha feito uma única boa confissão em sua vida, e aqueles que viam a sua terrível obstinação o consideravam perdido, pois ele não queria ouvir uma palavra sobre fazer penitência. Uma pessoa piedosa que estava sensivelmente tocada com a deplorável perda de uma alma por quem Jesus Cristo tinha derramado seu precioso sangue, voltou-se para Santa Rosa poucos dias depois de sua morte e suplicou-lhe que conseguisse a conversão dessa pobre alma. Seu poder com o Deus Todo-Poderoso foi logo manifestado; pois esse homem logo acordou da letargia do pecado, e o temor de Deus suavizou a dureza de seu coração, ele se converteu e durante o resto de sua vida, teve tanto horror ao pecado quanto havia tido prazer em cometê-lo. Essa conversão foi muito comentada e aumentou grandemente o respeito que era mostrado aos méritos de Santa Rosa.

Ele não foi a única pessoa que experienciou os efeitos favoráveis de sua intercessão; é mencionado nos testemunhos que foram tomados no dia 11 de janeiro de 1617, antes os comissários apostólicos, que o número de pessoas que foram convertidas para Deus, e que fizeram penitência por suas desordens passadas, pela intercessão de Santa Rosa, era tão grande em Lima, e em todo o Reino do Peru, que pouco tempo depois de sua morte tantas disciplinas, correntes de ferro, cilícios e etc., foram vendidos, que o estoque dos mercadores ficaram esgotados. Padre Antônio de la Vega Louysa, o Jesuíta, aponta essa circunstância em especial; pois de acordo com a opinião comum dos doutores, essas conversões são a as marcas mais certas da santidade daqueles que as obtiveram. Os mais infames pecadores públicos eram vistos, com espanto, deixarem seus hábitos pecaminosos e abraçarem o doce fardo da castidade, viverem só para Deus na prática de rigorosa penitência, e a se aplicarem unicamente aos importantes assuntos de sua salvação, vendo na vida penitente e crucificada de Santa Rosa a séria obrigação à qual todos nós estamos sujeitos. Os padres declararam que desde a entrada de Santa Rosa no céu houve uma completa mudança de maneiras no Peru, e eles sabiam pelo número de conversões que todos os

dias testemunhavam que ela estava a solicitando a salvação dos seus conterrâneos. Mulheres mundanas renunciaram a sua vaidade, e deixaram de usar aquelas roupas ricas que só servem para nutrir orgulho e ambição, para se vestirem com o traje da modéstia. Pessoas religiosas, animadas pelo exemplo dessa inocente penitente, renovaram seu primeiro fervor tão corajosamente que não se ouvia nada nos claustros além do som das disciplinas, que eram aplicadas para imitar sua mortificação. Confessores eram cercados em seus tribunais por um grande número de pessoas, que testificavam por lágrimas e gemidos a sensível dor que sentiam por terem ofendido a Deus. Essa maravilhosa mudança fez um homem de classe dar testemunho ante os comissários investigadores que desde que o Evangelho foi pregado no Peru pelos dominicanos, que foram os primeiros missionários por lá, nenhum pregador conseguiu inspirar o povo com tais sentimentos de penitência, ou os inflamar com um tão grande amor de Deus, quanto Santa Rosa tinha feito desde sua morte; e isso ele provou pelas conversões que ela tinha obtido de Deus para diferentes pessoas.

Ela não dava sua assistência apenas àqueles que estavam engajados no pecado para tirá-los dele, ela também animava homens muito bons a uma maneira de vida mais perfeita e mais santa. Podemos citar como exemplo o padre João de Villalobos, chefe do conselho da Companhia de Jesus em Lima, que tendo visitado Santa Rosa em sua última doença e suplicado-lhe sinceramente que o atraísse a prática de suas virtudes, sentiu tal unção interior, e recebeu depois da morte dela tais luzes sobrenaturais assim revelando-lhe que tinha-lhe obtido a graça que ele havia solicitado. Podemos dizer, de fato, que não havia uma pessoa tão rebelde à graça que, e tão obstinada no pecado, que Santa Rosa não tenha induzido a entrar em si e a levantar-se de seu infeliz estado. Os habitantes de Lima ficaram grandemente escandalizados pela aversão que Maria Xuara, uma das mais ricas e mais influentes pessoas no país, tinha por alguns primos de Francis e Alexander de Columa, dois irmãos que eram filhos de seu marido pela primeira esposa. Francis de Columa cuidava dos pequenos órfãos, mas sua madrasta não estava nem um pouco comovida por sua grande pobreza; ao contrário, ela fez seu testamento sem deixar-lhes nada, e para satisfazer ainda mais seu ódio, nem sequer os mencionou nele. Esses dois irmãos eram, entretanto, obrigados pelos negócios a irem para o campo e deixarem esses pobres órfãos em Lima, Francis, tocado de compaixão pela miséria desses órfãos, voltou-se para Santa Rosa e olhando para sua pintura

implorou-lhe que amolecesse o coração dessa mulher obstinada, e que a inspirasse com sentimentos de humanidade e compaixão por essas criancinhas. No dia seguinte essa mulher que durante dezoito anos não quis vê-lo, mandou chamá-lo, e disse-lhe que havia passado uma noite miserável, e que a miséria dos dez órfãos esteve constantemente em seus pensamentos; e pediu-lhe para trazer um advogado para redigir um outro testamento em favor delas e o documento foi executado.

Louisa Barba estando quase em sua agonia, foi exortada por seu confessor a ter confiança em Deus, pois ela não morreria dessa doença, porque Santa Rosa tinha-lhe dito, por meio de uma revelação que ela seria freira, e que terminaria sua vida em um claustro. Ela não morreu, mas não sentia nenhuma inclinação em abraçar esse santo estado; ela tinha, na verdade, um horror tão grande pela religião quanto o que teria pela assustadora cabeça de Medusa. Entretanto, pouco tempo depois da morte de Santa Rosa, quando foi rezar em sua tumba, pedindo que Deus lhe mostrasse o estado de vida para o qual Sua Providência a tinha destinado, sentiu-se tão poderosamente atraída pelo Deus Todo-Poderoso, que não estando mais desejosa de resistir à sua graça, que tinha dissipado seus sentimentos irracionais, tornou-se freira na Ordem Terceira de São Domingos e era chamada Irmã Louisa de Santa Maria.

2.

DUAS PESSOAS FALECIDAS FORAM RESSUCITADAS, E MUITOS CURADOS MIRACULOSAMENTE AO TOCAREM O COPO DE SANTA ROSA E ENVOCAREM SEU AUXÍLIO EM SUAS ENFERMIDADES.

O milagre autenticado da ressurreição de Madalena de Torrez, que aconteceu em Outubro, 1627, deveria ser colocado na primeira lista, como o mais admirável efeito do poder sobrenatural que Deus comunica a seus santos. Ela era filha de um pobre trabalhador que habitava os subúrbios de Lima. Ela foi atacada por uma febre violenta e diarreia, da qual morreu. Ela foi colocada em uma esteira de palha, onde ficou da noite em que morreu

até o dia seguinte. Tudo estava pronto para o seu enterro, quando sua mãe colocando sua confiança em Deus e na proteção de Santa Rosa, colocou na boca de sua filha morta um pedaço do traje que tinha pertencido a nossa santa. É maravilhoso relatar que essa garota que estava totalmente fria, e cujo corpo tinha ficado duro, abriu os olhos e na presença do pai e de várias outras pessoas que estavam em seu quarto, se levantou do colchão em completo vigor e em perfeito estado de saúde como se nunca estivesse estado doente.

No ano de 1631, Anthony Bran, um servo de Madame Jeanne Barette, recebeu um favor similar do céu pelos méritos da mesma santa. Ele esteve doente de uma febre por três meses, e também tinha uma dor no estômago, muito comum na América, e frequentemente mortal, e suas forças estando gradualmente esgotadas, finalmente morreu. Aqueles que testemunharam sua morte informaram-na a sua senhora, que vendo-o morto, frio e sem respirar, levantou os olhos ao céu, suspirando, "Deus tirou de mim esse servo que foi-me tão útil em meus negócios, e na administração do meu lar; que seu santo nome seja sempre bendito!"

Enquanto fazia esse ato de resignação, percebeu no travesseiro do homem morto uma pintura de Santa Rosa, e imediatamente suplicou sua proteção em sua aflição, e sinceramente pediu-lhe para obter de Deus a vida desse servo. Cheia de confiança de que obteria seu pedido, ela colocou a pintura no cadáver, e enquanto estava de joelhos, rezando com aqueles que estavam no quarto, Anthony voltou a vida, se levantou em uma posição de sentar, e publicou em voz alta o favor que tinha recebido pela intercessão de Santa Rosa, e foi no mesmo dia a sua tumba para lhe agradecer.

Enquanto o corpo de nossa santa esteva exposto na igreja antes do enterro, Elizabeth Durand foi tocá-lo, para que pudesse recuperar o uso do braço, do qual por muito tempo esteve privada e o qual os cirurgiões tinham declarado incurável, pois nenhum dos seus remédios puderam restaurar seu calor natural; mas depois de ter tocado esse corpo santo, retornou para casa perfeitamente curada. Uma pobre escrava, nativa do Guiné, chamada Helen, foi atormentada por sete anos por uma quantidade de vermes, que tendo exaurido suas forças, tinham a reduzido a um estado no qual sua vida estava desenganada. Ela foi atacada por uma febre violenta, com inchaço nas pernas e calcanhares, que eram os prognósticos infalíveis de uma morte próxima. Seu senhor, João Merin, estando triste em perdê-la, ao ouvir os

milagres que foram operados pela intercessão de Santa Rosa, que havia falecido à três dias, persuadiu essa escrava agonizante a recomendar-se às suas orações e a prometer fazer uma novena em sua tumba. Ela seguiu seu conselho, foi levada ao túmulo da santa, e no último dia da novena sentiu-se tão bem como se nunca tivesse tido essa doença. Beatriz Gavez, que tinha sido aflita por quatro anos com um humor que caia em tais quantidades do cérebro para o peito, que temia-se o risco de asfixia, tendo ouvido falar da morte de Santa Rosa, passou às escondidas através da multidão para dentro da casa de Dom Gozalez, na qual ela tinha morrido; e tendo se recomendado ás suas orações, tocou no esquife onde seu santo corpo foi colocado, na esperança de ser aliviada; e a partir daquele momento o humor parou e foi e completamente curado. O milagre que o Deus Todo-Poderoso operou em favor de Afonso Dias, pelos méritos da intercessão de Santa Rosa, não é menos autêntico. Ele era um pobre deficiente, conhecido por todos, que pedia seu pão de porta em porta em Lima; ele arrastava-se com dificuldade com a ajuda de pequenas muletas, por conta de uma contração nos nervos, que anos antes havia secado e encurtado tanto seu pé que não conseguia se equilibrar sobre eles; assim que ofereceu suas orações próximo ao caixão de Santa Rosa, cuja assistência invocou do fundo do coração, para poder obter a cura por meio de seu auxílio, sentiu os pés se esticarem; e tentando equilibrar-se sobre eles, para ver se conseguia caminhar, encontrou-se perfeitamente curado.

Uma criança negra, de doze anos, cujo nome não é mencionado, e que só conseguia caminhar com muletas, ouvindo falar dos milagres que estavam sendo operados na Igreja de São Domingos pelos méritos de Santa Rosa, rastejou-se por debaixo do esquife no qual o corpo de nossa santa estava deitado, e tendo invocado sua assistência, recebeu uma cura tão miraculosa que começou a correr pela igreja na presença de uma multidão de pessoas, que deram testemunho do milagre quando testemunharam essa maravilhosa cena. George de Aranda Valdivia, um padre, que esteve na guerra do Chile contra os índios revoltados, e que depois abraçou o estado eclesiástico, tinha recebido durante a batalha vários golpes no braço esquerdo, que não foram cuidados adequadamente, e causaram no decorrer do tempo um tumor e uma inflamação, que o impediam de celebrar a missa, pois ele não conseguia levantar o braço esquerdo. Estando muito aflito com essas circunstâncias, ele foi ao mosteiro de religiosos onde o corpo de Santa Rosa seria enterrado, e tendo rezado e recomendado-se à nossa santa viu-se

perfeitamente curado, e seu braço livre de inchaço e inflamação e tão flexível quanto o outro. Transportado de alegria, entrou na igreja, onde estavam o padre Christopher de Azevedo e vários seculares, e prostrando-se diante do altar de Nossa Senhora do Santo Rosário, publicamente deu graças a Deus pela cura miraculosa que tinha obtido pelos méritos de Santa Rosa.

Padre Diego de Arasca, prior do convento da cidade de Lima durante os grandes calores, foi atacado com uma febre, que o reduziu a um estado tão deplorável, que os médicos vendo seu corpo inchar; avisaram ao Padre Provincial, Gabriel de Zarata, que a administração dos últimos sacramentos não deveria ser protelada. Esse bom padre os recebeu com exemplaria piedade; e enquanto os médicos e seus irmão religiosos temiam por sua vida, ele recomendou-se a Santa Rosa. Sua oração sendo concluído, o inchaço e a febre desapareceram e no dia seguinte ele foi ao sepulcro de nossa santa agradecer. Isidora de Montalvo, uma idosa, esteve doente por oito meses, de uma febre com violentos paroxismos, e os médicos, pensando que sua idade avançada a tornaria incapaz de suportar os remédios, a abandonaram. Já no limite, clamou por Santa Rosa e imediatamente viu-se livre da febre. Ela viveu por um longo tempo depois de receber esse favor por sua intercessão.

Havia em Lima uma mulher tão perversa, cujo nome não foi revelado, que odiava tanto o marido que chegou ao ponto de envenená-lo; e para que não pudesse falhar em seu desígnio, escolheu um veneno violento, para que ele morresse antes de poder receber assistência. Assim que bebeu o vinho com o qual ela tinha misturado o veneno, seu corpo começou a inchar, uma perspiração lhe sobreveio e ele começou a rolar os olhos como uma pessoa agonizante; no meio dessas convulsões ele gritou de repente: "Santa Rosa, ajudai-me! Eu prometo fazer uma novena em sua tumba!" Sua cruel esposa, que estava apenas esperando ele morrer, ficou aterrorizada com essas palavras, temendo ser punida por seu crime abominável, golpeou-se com uma faca. O marido recuperou-se na mesma hora, e no dia seguinte foi começar sua novena, a qual terminou como uma oferenda de gratidão para com a nossa Santa.

3.

DEPOIS DA MORTE DE SANTA ROSA MUITAS PESSOAS ENFERMAS TIVERAM A SAÚDE RESTAURADA, E VÁRIAS MULHERES EM TRABALHO DE PARTO FORAM ASSISTIDAS, AO TOCAREM SEU VÉU OU ALGUMA PARTE DE SEU VESTIDO.

Eleonor Ruiz de Sandoza tinha por um longo tempo sofrido de uma dor quase insuportável na cabeça, que a tornava incapaz de aplicação mental. Com objetivo de ganhar o Jubileu na Igreja Metropolitana em Lima, colocou um pedaço do vestido de Rosa na cabeça, e instantaneamente viu-se livre da dor que tinha durado por muitos anos. Outra pessoa, chamada Philippa de Vargas, que sofria de uma febre, que era como se alguém tivesse enfiado espinhos afiados dentro de sua cabeça. Tendo tentado remédios em vão, ela recorreu a Santa Rosa, e cheia de confiança, colocou um pedaço do vestido dela na cabeça, adormeceu imediatamente, e depois de um agradável sono acordou sem febre ou dor. A priora do monastério de Santa Catarina de Siena em Lima, usou os mesmos meios para ser curada de uma dor de cabeça e da destilação dos humores que caíam dentro do peito, cuja cura ela obteve aplicando um pedaço do vestido de Santa Rosa. Irmã Marine de São José, uma carmelita descalça, tinha machucado tanto seus nervos ópticos por uma queda, que não podia nem levantar nem abaixar os olhos; além disso, ela sofria contínua dor. Nessa aflição a irmã aplicou um pedaço do véu que nossa santa tinha usado, e foi curada no mesmo dia. Isabel de Mendoza tinha em sua casa uma pequena escrava, chamada Margarida, que tinha perdido a visão de um olho, e o outro estava tão fraco que mal podia enxergar com ele, de forma que pensava-se que ela ficaria cega. Sua mestra tendo visto pessoas na Igreja dos Freis Pregadores agradecendo a Deus pela saúde que eles tinham obtido miraculosamente pelos méritos de Santa Rosa, pensou que sua escravinha pudesse talvez recuperar a visão por sua intercessão. Nessa confiança, pediu ao padre sacristão alguma relíquia de nossa santa, e ele deu-lhe um pedaço do vestido de Santa Rosa. À noite ela colocou a relíquia entre os olhos da criança, e tendo-os enfaixado, colocaram-na para dormir. No dia seguinte,

quando removida, a pele que cobria seu olho foi encontrada presa a atadura e ambos os olhos estavam curados.

Louisa de Faxado, uma viúva, que vivia em Lima, tinha perdido dois de seus filhos, um filho de dezessete anos, e uma filha de dez meses, por ataques epiléticos; tinha-lhe sobrado apenas um garotinho chamado Francis de Contreras, que estava tão atormentado pela mesma enfermidade, que às vezes deitava-se por quinze horas em convulsões, espumando pela boca e debatendo-se, o que fazia com que a mãe perdesse as esperanças de vê-lo recuperado. Nessa extremidade ela recorreu a Deus; e sabendo dos milagres que ele operou pela intercessão de Santa Rosa, pensou que poderia obter a cura de seu filho pelos méritos dela. Quando um dia foi atacado por um ataque de sua enfermidade, ela colocou um pedaço do escapulário de nossa Santa sobre o peito dele; as convulsões cessaram de uma vez; ele voltou a si, e não teve desde então nenhum retorno dos ataques. No ano da morte de nossa santa, João Rodrigues Samanez, um pintor, estava atormentado com asma, acompanhada de uma grande opressão no estômago: essa doença tinha três anos quando atacou seus pulmões, e ele só podia respirar tossindo, ou com um som de assobio que procedia do peito. Quando não se esperava nada além de sua morte, Maria de Mesta aplicou algumas relíquias de Santa Rosa em seu estômago; e assim que ele recomendou-se à santa adormeceu, e quando acordou, encontrou o peito aliviado e inteiramente curado. Um irmão leigo de nossa ordem, chamado João Garcias, achando a porta do eremitério de Santa Rosa estreita demais para permiti-lo tirar um banquinho, pegou uma faca para cortar uma parte da madeira; mas em sua pressa, cravou o instrumento tão profundamente dentro da mão que cortou fora um pedaço da carne, que ficou pendurada no braço de uma maneira assustadora. Ele recorreu a Santa Rosa, e pegando um pedaço do véu dela o aplicou à chaga e o enrolou na mão com seu lenço, e uma hora depois, encontrou sua chaga tão perfeitamente curada como se tivesse sido tratada pelo cirurgião mais habilidoso do país. Mais de vinte pessoas testemunharam esse milagre.

Um milagre ainda mais famoso foi operado em favor de Blanche de Zuniga, esposa de Dom Anthony de Contreras, governador das províncias de Guilas, no Reino do Peru. Essa dama, que esteve por oito meses grávida, encontrando-se em sua casa de campo com o marido, percebeu um dia que seu bebê não mais se mexia, e concluiu que ele devia estar morto. Ela

permaneceu nesse medo por cinco dias, e já sentindo os vapores subirem para o cérebro, preparou-se para receber os últimos sacramentos. Enquanto toda a família estava em grande aflição com essa dupla desgraça, alguns pedaços do vestido de Santa Rosa foram trazidos de Lima para o esposo dela. Assim que os recebeu, ele correu para o quarto da esposa, e entregando-lhe as relíquias, ela os colocou sobre o corpo, e no espaço de uma Ave-Maria, durante a qual ocupou-se em invocar a proteção de nossa santa, foi liberta de uma criança morta, já putrificada e lívida, depois disso ela teve sua saúde restaurada.

A intercessão de Rosa foi particularmente eficaz para as mulheres, em livrá-las das cruéis dores do parto e em preservar sua descendência: e por essa razão, depois de sua morte, um grande número de crianças em Lima tinha recebido o nome de Rosa como uma marca da gratidão de suas mães pelo auxílio obtido em seus partos. A natureza às vezes imprimia uma marca sobre essas crianças como um testemunho glorioso do poder que nossa santa tinha recebido de Deus para auxiliá-las, do que Pedro de Guixano é um exemplo. Essa criança foi colocada em uma posição de cruz no ventre de sua mãe, o que a impedia de dar a luz, pondo ambos em evidente perigo de morte: nessa extremidade a mãe clamou por Santa Rosa, e quando sua oração foi concluída a criança se moveu, e veio facilmente ao mundo, com uma rosa vermelha na pálpebra do olho direito, a qual a natureza parecia ter gravado lá em memória desse milagre.

4.

VÁRIAS PESSOAS AFLIGIDAS COM DESINTERIA, AMIGDALITE, FEBRE, LOUCURA E OUTROS MALES FORAM CURADAS PELO PÓ DO SEPULCRO DE NOSSA SANTA.

Era como se o Deus Todo-Poderoso tivesse comunicado uma natureza medicinal e vivificante à essa terra, em recompensa por ela ter preservado o corpo de Santa Rosa da corrupção; pois o Convento dos Freis Pregadores em Lima sendo sempre composto por trezentos religiosos, eles foram obrigados a adquirir do Panamá uma areia e um solo ardente, para preencher o cemitério, para que os corpos pudessem ser consumidos

rapidamente por essa terra, para que assim houvesse espaço para enterrar todos os religiosos que morriam. Extraordinário relatar! Que apenas parte do chão que recebeu o corpo de Santa Rosa, mudou sua qualidade. Ficou sólido, a terra ficou dura como pedra, e não conseguindo arranhá-la com as mãos para obter o pó, foram obrigados a quebrá-la com um machado, apesar do resto do solo no cemitério estar bem leve. O Deus Todo-Poderoso fez essa terra miraculosa ser, por assim dizer, uma fonte inexaurível de alívio para os habitantes do Peru, o que visivelmente foi manifestado em 1632, quando depois que uma prodigiosa quantidade de terra foi tirada desse sepulcro para ser distribuída entre as vilas, cidades e províncias desse grande reino, não parecia que mais de quatro quilos tinham sido tirados do local; padre Bernardin Marquez, que tinha sido obrigado a enfiar o braço no buraco, para tirar a grande quantidade que foi enviada para todo o Peru e até para a Espanha, percebeu com espanto, ao retirar um pouco, que essa terra tinha aumentado lá embaixo, e que o espaço que tinha deixado vazio estava tão completamente preenchido que ele não conseguia enfiar a mão dentro. Esse pó operou tais curas milagrosas, que pessoas vinham de todas as partes para levar um pouco consigo, ainda mais ansiosamente, quando testemunharam seus efeitos maravilhosos. Citaremos alguns exemplos notórios:

Uma garotinha de seis anos tinha as amígdalas muito inchadas por conta de uma amigdalite; uma úlcera havia se formado, mas o que fez o cirurgião temer que ela morreria, foi que a gangrena tinha começado na chaga, e a carne degradada estava começando a cair em pequenos pedaços. Eles deram-lhe um pouco dessa terra misturada com uma bebida refrescante, e no dia seguinte ela estava perfeitamente curada. Por vinte anos a abadessa do monastério das freiras de Santa Clara, em Truxillo, teve uma perna inchada, que lhe causava grande dor; pois havia mais quarenta úlceras nessa perna, com tanta inflamação que ela estava constantemente com febre: ela recuperou a saúde engolindo um pouco de terra da tumba de Santa Rosa, embora a tivesse buscado, sem sucesso por vários anos, na experiência dos cirurgiões e dos remédios da medicina. Irmã Grimaneca de Valverde, uma freira do mosteiro de Santa Clara, perdeu o sono tão completamente com uma febre ardente e contínua perda de sangue, que passou quinze dias e quinze noites sem fechar os olhos, o que causou delírio. Os auxiliares estavam esperando por um intervalo da razão para dar-lhe os últimos sacramentos, e prepará-la para a morte, pois os médicos

disseram que ela não tinha mais que oito horas para viver. Isabel de Fuente, a abadessa, pensou que elas poderiam recorrer a misericórdia de Deus e aos méritos de Santa Rosa. Nessa confiança, foi buscar um pouco do pó de seu sepulcro, e pediu ao confessor para misturá-lo com água e dá-lo a freira agonizante para beber. Ele o fez, ela bebeu, a febre diminuiu, os outros sintomas desapareceram, seus sentidos retornaram, e depois de ter dormido, encontrou-se perfeitamente bem no dia seguinte.

Stephen de Cabrera, tendo quebrado uma costela por uma queda, sentia tanta dor que não conseguia dormir. Ele pediu um pouco dessa terra, e tendo-a aplicado a seu lado, o inchaço diminuiu e ele caiu em um sono que aliviou suas dores. Ao acordar, viu-se perfeitamente recuperado. Em 1618, no dia 21 de março, Catarina de Artiaga foi atacada na presença de várias damas de classe, por um sangramento violento no nariz, que nenhum remédio parecia capaz de fazer parar, e ela se preparou para a morte. Uma dama tendo consigo um pouco do pó da sepultura de Santa Rosa, colocou um pouco dentro de um pedaço de linho e o pendurou em volta do pescoço de Catarina, e imediatamente o sangue parou de fluir, do que várias pessoas foram testemunha. Padre Antônio Montoya e Padre Juan Del Estrada, ambos noviços na Ordem Dominicana, iam receber a santa ordem na cidade de Guamagan; e quando estavam passando por um vilarejo chamado Guando, um homem, pensando que eles fossem padres, veio em terror pedir-lhes para darem absolvição a uma pobre índia que estava em agonia, pois não havia nenhum padre no vilarejo. Esses dois Freis ficaram muito pesarosos, pois não tinham o poder de absolver essa pobre mulher doente, e foram com o homem exortá-la a fazer a recomendação de sua alma. Eles encontraram-na imóvel, incapaz de falar, e aparentemente já próxima do fim. Enquanto rezavam aos pés da cama dela, o Irmão Antônio lembrou-se que ele tinha algum pó consigo; e quando as orações foram concluídas, relataram àqueles que estavam presentes os milagres que Deus operava todos os dias por meio dele, para honrar nossa santa; e eles os exortaram a clamarem por ela em favor dessa pessoa doente. Ele colocou um pouco do pó em uma colher, e tendo-o misturado com água, a fez engolir. Duas horas depois, esses noviços prontos para deixarem o vilarejo, vieram novamente vê-la, e na entrada encontraram o marido dela tão feliz quanto havia estado triste, e a mulher sentada e comendo com bom apetite. Quando soube que esse pó a havia curado, ela os agradeceu, e tornou-se a partir daquele momento muito devota de Santa Rosa, e dizia publicamente que devia sua

vida a ela. O grande número daqueles que foram curados de febres é tão grande, que será suficiente mencionar vários nomes. José de Castro foi curado ao tomar um pouco do pó misturado a um caldo de carne. Jane de Mendoza usou o mesmo método com sucesso. Padre Diego de Palomino, um douto religioso da Ordem dos Freis Pregadores, não encontrando remédio que lhe desse alívio em sua febre dirigiu suas orações à Santa Rosa, engoliu algum pó, e foi naquele dia ouvido e curado de sua doença. Marie Velásquez, esposa do capitão Diego Ruiz de Campos, foi liberta de uma febre e de outros sintomas, que punham sua vida em perigo, ao beber água com a qual esse pó tinha sido misturado. João de Palomorez foi curado da febre e da asma pelo mesmo remédio. Pouco tempo depois, sua esposa, que esteve grávida por sete meses, foi atacada por uma febre, que grandemente a abatia; e sendo incapaz de usar os remédios da medicina ela pôs sua confiança na proteção de Santa Rosa, e tomou um pouco do pó de sua tumba, que a curou no mesmo dia.

Nunca acabaremos se tentarmos nomear todos os outros; será suficiente dizer, que com todo o cuidado que foi tomado para manter a lista deles, o número de curados, foi grande demais para a pia intenção daqueles que se encarregaram de registrar os nomes. João Lobo, um padre, jurou solenemente ante os comissários apostólicos, que tinha visto um grande número de pessoas de todas as classes e idades, em Chusco, Potozzi, Orura e outros lugares do Peru, curados instantaneamente de suas enfermidades, e principalmente da febre, depois de terem tomado em água um pouco da terra do túmulo dela.

5.

PINTURAS DE SANTA ROSA APLICADAS EM PESSOAS AFLIGIDAS COM LEPRA, AMIGDALITE, GOTA, DOR DE CABEÇA, E OUTRAS ENFERMIDADES, FOI O MEIO DE RESTAURAR-LHES À SAÚDE.

A devoção do povo a Santa Rosa era tão grande depois de sua morte que, dificilmente havia uma família, não só em Lima, como em todas as cidades e vilas do Peru, que não possuísse uma de suas imagens que eram gravadas

e copiadas em Roma, de onde eram enviadas à Índia. Os milagres que Deus operava por meio dessas pinturas fazia os doentes recorrerem a elas em suas enfermidades.

Maria de Vera, a viúva de Louis Nugnez, teve uma febre violenta, com outros sintomas, que a reduziu a última extremidade, e a obrigou a receber os últimos sacramentos em preparação para a morte, como os médicos lhe asseguraram que ela não sobreviveria até o dia seguinte. Ela mandou, entretanto, pedir a Marianne, uma índia, que quando jovem, tinha sido criada com Santa Rosa, para lhe enviar uma pintura de nossa santa que ela possuía: assim que a recebeu, beijou a imagem com devoção, e segurando-a nos braços, caiu em um sono, que durou até a manhã seguinte. Ao acordar, encontrou-se em perfeita saúde; e cheia de alegria, acendeu um círio de cada lado dessa pintura, e colocando-se de joelhos, agradeceu a Santa Rosa por ter-lhe obtido de Deus a saúde. Essa cura miraculosa sendo divulgada na cidade, públicas ações de graças foram oferecidas a Deus por conta disso. Em 1631, durante o mês de dezembro, Maria de los Royes, uma garotinha de nove anos, foi curada miraculosamente quase da mesma forma. Durante um ano essa criança teve uma desordem na cabeça que nada tinha sido capaz de remover. Sua mãe a levou à Igreja de São Domingos, e tirando seu gorro, tocou a pintura de Santa Rosa devotamente com uma de suas faixas, e esperando obter de Deus a cura de sua filha, recolocou a faixa na cabeça da menina; dois dias depois, essa criança foi encontrada tão perfeitamente curada como se nunca tivesse tido nada de errado na cabeça.

Em novembro do mesmo ano, uma pequena órfã, de dez meses, chamada Maria, vivia com Jerome de Soto Alvarado, que a tinha adotado por caridade. Essa criança foi tão afligida com lepra, que tornou-se um objeto de horror. Uma criada da casa vendo que os médicos haviam perdido a esperança de curá-la, foi buscar na Igreja de São Domingos um número de rosas que tinham sido colocadas em uma estátua de Santa Rosa; ela as levou para casa, e sem mencionar seu plano, aplicou-as em todas as marcas de lepra que apareceram no corpo dessa criança: tendo-a enrolado cuidadosamente, a carregou para a cama, e a encontrou na manhã seguinte curada da lepra: em êxtases de alegria, correu para a informar seu mestre, que apressou-se em ver o milagre, e que foi dar testemunho do ocorrido ante os Comissários Apostólicos que estavam examinando a vida e os

milagres de nossa santa. Esse milagre foi tão bem autenticado e tão público, que para mantê-lo em mente, eles ordenaram que a garotinha fosse chamada de Maria Rosa, nome o qual ela carregou por toda sua vida.

Sebastiana de Vega estando no ato de montar uma mula para ir ao campo com seu marido, Cipriano de Medina, um doutor de leis e advogado real, caiu quando tinha o pé no estribo, e deslocou um osso, o que lhe causou muita dor, e a deixou incapaz de mudar de posição na cama. Uma noite quando estava em grande sofrimento, desejou que a criada trouxesse um papel com a imagem de Santa Rosa. Ela o colocou no osso deslocado com tanta confiança, que ao acordar do sono no qual tinha caído enquanto segurava essa imagem, encontrou-se curada e livre da dor. Uma pobre escrava chamada Elizabete Biafora, estando muito perto do parto foi atacada com pleurisia, febre violenta e vômito; os médicos vendo esses sintomas em uma pessoa que não estava em um estado adequado para usar seus remédios, fizeram com que ela recebesse os últimos sacramentos, pensando que ela não se recuperaria. Essa pobre mulher sem esperanças humanas, pôs toda a sua confiança em Deus; ela sinceramente pediu por uma pintura de Santa Rosa, a qual aplicou ao lado no qual sentia dor, e a deixou lá a noite inteira. Na manhã seguinte os médicos tendo vindo tentar salvar ao menos a vida da criança, ficara muito surpresos em encontrá-la em perfeita saúde e pedindo por algo para comer. No dia após esse milagre seu parto ocorreu felizmente e ela mesma pôde amamentar a criança. Em 1632, Angélica de Albido, esposa de Francis de la Cuentas, que estava grávida de gêmeas, deu a luz a uma no dia 16 de maio, mas a outra ainda permaneceu no ventre, e as matronas que a auxiliavam pensaram que ela morreria. Seu marido estava inconsolável; e nessa consternação a enferma recorreu a Santa Rosa, e pedindo por uma de suas pinturas, a colocou no pé da cama. Enquanto rezava de todo o coração, para que a santa a auxiliasse nessa extremidade, ela sentiu as dores chegarem, e no mesmo instante a segunda filha veio ao mundo. Em memória desse milagre elas foram batizadas como Maria e Frances de Rosa. A história de sua vida de onde esses milagres foram retirados, relata mais outros doze que foram autenticados, e que foram operados pela aplicação de suas imagens: mencionaremos um antes de concluir esse parágrafo. Ana Maria, filha de Maria Morales, estava perto de dar a luz, mas a criança estava morta. Quando as dores do parto surgiram, percebeu que a criança não se movia; e considerando-se em perigo de morte, fez sua confissão para preparar-se

para sua partida; e enquanto todos esperavam ela morrer, sua mãe, cheia de confiança, trouxe uma imagem de Santa Rosa, e depois de aplicá-la, ela foi liberta de uma criança morta, maior que o normal, e que estava parcialmente em estado de putrefação.

CAPÍTULO XXIII

DOS ESFORÇOS FEITOS EM ROMA PARA OBTER DO PAPA SUA CANONIZAÇÃO.

Como a honra é a recompensa da virtude, sempre foi, em todo país, prestada aos homens ilustres que se destacaram por ações gloriosas, ou aos que bem serviram ao povo ou ao estado; e como as apoteoses constituem, na ideia deles, a altura da glória, honras supremas foram oferecidas àqueles imperadores e heróis que se fizeram renomados pela mansidão de seu governo, ou pelo esplendor de seu triunfo. A religião cristã, mais iluminada no discernimento da honra que presta, e mais justa na recompensa que premia a virtude, consagra as mais sólidas e mais nobres recompensas àqueles que perfeitamente imitaram o Filho de Deus pela prática exata das virtudes heroicas que ele pregou na terra por palavra e exemplo; ela louva seus méritos, pronuncia panegíricos em sua honra e os tornam imortais na memória dos homens, concede-lhes a honra de uma sagrada apoteose, declarando ao povo que eles estão reinando com Deus, e que eles podem oferecer a eles testemunhos públicos de honra e respeito. As eminentes virtudes de Santa Rosa, sustentadas por tais grandes e contínuos milagres, fez dela uma cópia tão fiel das virtudes de Jesus Cristo, que podemos dizer em seu louvor o que Hilderbert disse de uma dama que era muito pia e intimamente unida a Deus: "*In ea preater virtutem, virtus nihil invenit.*"

Não precisamos ficar espantados que o Reino do Peru tenha solicitado sinceramente para ela, depois de sua morte, as honras da canonização à Santa Sé. A igreja Metropolitana de Lima, todas as ordens religiosas de São Francisco, Santo Agostinho, Os Carmelitas, a Ordem da Misericórdia, de São João de Deus e padre Nicolas Mastrilo, provincial da companhia de

Jesus, no nome de toda a companhia, escreveram cartas ao Papa, pelas quais muito humildemente suplicavam à sua Santidade que procedesse com a canonização da admirável serva de Deus, Irmã Rosa de Santa Maria, a quem o povo honrava por suas virtudes, e cujos milagres a tornavam ilustre por todo o Novo Mundo. Todas as ordens seculares, o vice-rei, o concílio do estado, os governos da província e os magistrados das cidades, unidos pelo mesmo fim, e juntando suas solicitações às dos prelados, do clero e de todas as comunidades religiosas, imploravam não apenas pela canonização dela, mas para que Santa Rosa também pudesse ser dada como patrona tutelar a Lima, a capital do Reino do Peru. Um documento foi despachado de Roma, pelo qual sua Santidade apontava Comissários Apostólicos para examinarem imediatamente sua vida, maneiras e os milagres operados em sua tumba. Pensava-se que o testemunho de cento e oitenta e três testemunhas logos os permitiria ver os desejos de toda a América Cristã satisfeitos; pois no dia 22 de março de 1626, Cardeall Peretti, prefeito da Congregação dos Ritos, tendo examinado os testemunhos que tinham sido tomados juridicamente em Lima, da vida e dos milagres de Santa Rosa, editou um documento no qual declarava que sua Santidade podia fazer investigações por meio da autoridade apostólica.

Com aparição desse documento Papa Urbano VIII enviou uma nótula ao Arcebispo de Lima, e na ausência deste, ao Bispo da Guatemala, dando-lhe como auxiliares o reitor e o arquidiácono da Igreja de Lima. Eles foram tão diligentes que, os procedimentos foram concluídos e apresentados à Congregação dos Ritos no dia 22 de Julho de 1634. Cardeal Torrez, que tinha sucedido o Cardeal Peretti, reconheceu sua autenticidade; mas um decreto que sua Santidade publicou no ano seguinte, proibindo novas devoções, parou todo o procedimento. Depois da morte de Urbano VIII as solicitações foram continuadas sob Inocêncio X, mas demoras foram causadas por circunstâncias inevitáveis. Sob Alexandre VII a petição foi renovada, e Padre Antônio Gonzalez, definidor do Peru, e procurador nessa causa, foi tão diligente em seu ofício, que no dia 13 de setembro de 1663, Cardinal Azzolini tendo feito um amplo discurso das virtudes heroicas de Santa Rosa na Congregação dos Ritos diante de sua Santidade, e também dos milagres que Deus todos os dias operava por seus méritos, foi resolvido proceder com a sua canonização. Padre Gonzalez repetiu as solicitações que tinham sido feitas aos três papas precedentes, em nome das três ordens do Peru: o clero, a nobreza e o povo. Ele apresentou ao Papa os pedidos de

nove ordens religiosas, três cartas do rei da Espanha e três do cardinal de Arragon sobre o mesmo assunto.

O próprio Reverendo Padre João Batista de Marinis, da Ordem dos Freis Pregadores, apresentou-lhe dois pedidos no nome de toda a sua ordem, pelos quais deu a conhecer à sua Santidade a perseverante devoção de todo o Peru, em honrar a venerável irmã Rosa de Santa Maria como uma Santa, cujos méritos tinha agradado a Deus exaltar por meio de cento e dezenove novos milagres, mas a guerra com os turcos na Hungria, e outros assuntos, fizeram a execução ser demorada por mais algum tempo.

A Divina Providência tinha reservado a glória da consumação dos procedimentos ao Nosso Santo Padre Papa Clemente IX. A rainha regente da Espanha suplicou-lhe tanto, que sua Santidade mandou a Congregação dos Ritos se reunir para esse propósito. Depois de vários encontros o decreto deles foi publicado no dia 10 de dezembro de 1667, no qual declaravam que sua Santidade podia proceder com a canonização dessa serva de Deus, e que podia permitir, por enquanto, que ela fosse honrada sob o nome de Bem Aventurada.

O decreto de Clemente IX para a beatificação de Santa Rosa data de 12 de fevereiro de 1668; e ela foi canonizada três anos depois, em 1671, por Clemente X, que escolheu o dia 30 de agosto para sua festa. Assim solenemente a Igreja de Deus pôs o selo de sua infalível aprovação sob a série de maravilhas, a infinita corrente de milagres, que alcançando do berço até o túmulo, constitui a vida dessa virgem americana. Nunca houve uma época e nunca houve uma terra, quando e onde se foi mais necessário para as filhas da igreja aprenderem a fazer para si um claustro no mundo, que na Inglaterra e América na presente era; e é precisamente essa lição que a vida de Santa Rosa transmite. Em meio a tanto que é falso e vazio, cruel e irreal, quão bela diante do Deus Todo-Poderoso seria a inocente simplicidade dessa Virgem do Sul, copiada até vagamente nas vidas de nossas conterrâneas católicas! Pois é essa simplicidade que era o seu mais belo ornamento: de fato, ela era tão completamente infantil, e tão infantis eram as maravilhas com as quais seu Divino Esposo a rodeou, que ao ler sua vida parece que dificilmente percebemos que ela não era nada além de uma garotinha. É como se ela não tivesse crescido, mas permanecido ainda o bebê, embalado nos braços de Jesus, como quando a rosa vermelha floresceu miraculosamente em seu rosto quando tinha três meses. Vamos

agradecer também ao Deus Todo-Poderoso na fervente simplicidade de nossa fé pelo selo que sua Igreja colocou sob essas maravilhas autênticas; maravilhas que não foram abandonadas como duvidosas antiguidades, mas adequadamente provadas ante a face do criticismo moderno a um tão curto tempo atrás; e lembrando que essa audaciosa exibição de maravilhas vem nada mais nada menos que da autoridade da Igreja Católica que a apresenta para a nossa veneração e amor, vamos receber isso como crianças impressionadas, como a uma página das crônicas perdidas do Éden, e aspirar desaprender aquele corajoso temor com o qual tão frequentemente somos inclinados a cortejar favores onde nunca os receberemos, e a evitar escárnios que são para nós como uma herança e as provas de nossas verdades, ao sorrir com o profano e duvidar com o cético. Pois um dos fiéis tentar parecer descrente tanto quanto possa, é uma cena que nunca ganhou uma alma para Cristo, ou conseguiu para a Igreja a estima de um oponente. Rosa de Lima está agora elevada sobre os altares da Igreja pelo decreto de sua canonização; ela é uma santa católica; nenhum desdém do homem pode murchar a maravilhosa floração de suas folhas; mas encontrará um espinho aquele que ousar tratar rudemente essa doce e misteriosa Rosa que São Domingos plantou no jardim de Seu Mestre.

Editor.

